



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE MÚSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM MÚSICA**

ANA VALERIA POLES DE OLIVEIRA

**FALANDO BAIXO – POR TODA MINHA VIDA:
UMA TRAJETÓRIA COM O CONTRABAIXO NA FORMAÇÃO DE
MULTIPLICADORES E NA CARREIRA MUSICAL**

Salvador
2016

ANA VALERIA POLES DE OLIVEIRA

**FALANDO BAIXO – POR TODA MINHA VIDA:
UMA TRAJETÓRIA COM O CONTRABAIXO NA FORMAÇÃO DE
MULTIPLICADORES E NA CARREIRA MUSICAL**

Trabalho de Conclusão Final apresentado ao Programa de Pós-graduação Profissional da Escola de Música da Universidade Federal da Bahia como requisito para obtenção do grau de Mestre.

Área: Criação Musical – Interpretação

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Alves Casado

Salvador
2016

FICHA CATALOGRÁFICA

O48 Oliveira, Ana Valeria Poles de

Falando baixo – por toda minha vida: uma trajetória com o contrabaixo na formação de multiplicadores e na carreira musical/Ana Valeria Poles de Oliveira. -- Salvador, 2016.

158 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Alves Casado

Trabalho de Conclusão Final (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação Profissional da Escola de Música da Universidade Federal da Bahia, 2016.

1. Música – Interpretação. 2. Contrabaixo. 3. Memorial. I. Título.

CDD 781.46



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE MÚSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM MÚSICA

O memorial de **ANA VALERIA POLES DE OLIVEIRA**, intitulado "FALANDO BAIXO – POR TODA MINHA VIDA – uma trajetória musical com o contrabaixo na formação de multiplicadores e na música orquestral" **foi aprovado**.

Prof. Dr. Alexandre Alves Casado (orientador)

Profa. Dra. Suzana Kato

Prof. M. Giuseppe Onnis

Salvador, 14 de Julho de 2016

Agradecimentos

À minha família: meu marido Sérgio de Oliveira, também contrabaixista, e aos nossos filhos Bruno e Pedro, pelo incentivo e paciência.

Aos meus pais, Sebastião e Bernadete, por terem me proporcionado o ensino de música no Conservatório de Tatuí.

À minha querida e sempre saudosa avó Astrogilda (*in memoriam*), por, em uma ação conjunta com meu pai, ter me presenteado meu primeiro contrabaixo.

Aos meus queridos irmãos Maria Cristina, Marcelo e Luciana, pelo excelente ambiente em que vivemos juntos, dentro do nosso núcleo familiar.

Às queridas tia Ivone e prima Fernanda, pela escuta e preciosíssimas revisões.

À Fundação OSESP, por todo incentivo e apoio oferecido a nossa turma de mestrandos de 2015.

A Rogério Zaghi, diretor dos projetos educacionais da Fundação OSESP, por toda ajuda e interlocução entre OSESP e UFBA.

Aos queridos colegas da OSESP, “companheiros de aventura”: Adriana Holtz, Eduardo Minczuk, Francisco Formiga, Joel Gisiger e Sergio Burgani, pela paciência com minhas inseguranças e neuroses.

A todos os queridos colegas mestrandos da turma de 2015, especialmente Almir Medeiros, Angélica Alves Pereira Areias, Jordelei dos Santos, Josely Saldanha, Orlando Afanador, Paulo Novais de Almeida, Priscila Plata Rato e Thaís Cristina da Fonseca Mendes, pela atmosfera de coleguismo e solicitude.

A Juracy Cardoso, por sua solicitude e sempre me “socorrer” com seu contrabaixo.

Aos queridos da OSESP: Ney Vasconcelos, pela ajuda nas revisões; Bráulio Marques Lima, pela escuta e sugestões; Maria Luísa Cameron, pela escuta; Alexandre Rosa, pela consultoria e sugestões; Almir Amarante, por sua ajuda; Jefferson Collacico e Cláudio Torezan, por belíssimas fotos.

A todos os queridos colegas da “Estadual” e da OSESP, por fazerem parte desta história.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Alexandre Casado, e ao Prof. Dr. Lucas Robatto, pela solicitude nas minhas mais diversas dúvidas.

Aos professores doutores Beatriz Alessio, Diana Santiago, Paulo Costa Lima, Pedro Amorim, Pedro Robatto e Suzana Kato.

A Breno Ampáro, por toda ajuda desde os primeiros passos neste processo todo.

A Maria Cláudia Ribeiro, pela ajuda na edição musical do “Sistema de arcadas e golpes de arco em escalas e arpejos para contrabaixo”.

A Robert Suetholz, por sempre me socorrer com a língua inglesa.

A Cornelia Rosenthal, pelas indicações e sugestões.

Aos editores Bruno D'Abruzzo e Roberto Votta, da Editora Tipografia Musical, por terem acreditado no meu trabalho e publicado o *Sistema de arcadas e golpes de arco em escalas e arpejos para contrabaixo*.

Aos compositores Pedro Cameron, Osvaldo Lacerda (*in memoriam*), Astrid Spitznagel, por suas lindas composições dedicadas a mim, ajudando não somente a incrementar o repertório do meu instrumento, mas também a compor a trilha sonora da minha vida.

Um agradecimento especial ao compositor Amaral Vieira, que, apesar de ter dedicado seu “Quinteto Fronteiras” ao Quinteto D'Elas, me escreveu dizendo que compôs a parte do contrabaixo pensando em mim.

Ao querido amigo Adail Fernandes, por todos os belíssimos arranjos que fez e dedicou ao Quinteto D'Elas, mas principalmente pelo seu “Por toda minha vida”, meu eterno muito obrigada.

A todas as pessoas aqui citadas neste Memorial, por terem contribuído com o enredo desta história.

“Não sei se a vida é curta ou longa demais para nós, mas sei que nada do que vivemos tem sentido, se não tocarmos o coração das pessoas.”

(Cora Coralina)

RESUMO

O presente trabalho é resultado dos meus estudos dentro do Programa de Pós-Graduação em Música na Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Consiste em um Memorial retroativo à minha carreira com o contrabaixo, que denominei Falando Baixo – Por toda minha vida.

São experiências vivenciadas que revelam, mas não esgotam, diversos episódios sobre minha trajetória na música, com meu contrabaixo, até os dias atuais.

Estão sendo expostos de forma descritiva e iconográfica, numa referência autobiográfica.

Contém ainda o artigo "O conceito de 'Musizieren' (fazer música) de Ludwig Streicher", publicado em agosto de 2015 pela *Revista Eletrônica Intervalo*, do Conservatório de Tatuí. O Produto Profissional Final, que chamei "Sistema de arcadas e golpes de arco em escalas e arpejos para contrabaixo", publicado em junho de 2016 pela Editora Tipografia Musical, não se encontra neste volume por se tratar de produto comercial. Contém ainda os relatórios das Práticas Supervisionadas.

Palavras-chave: PPGPROM – contrabaixo – memorial – produto profissional final – artigo.

ABSTRACT

This work is the result of my studies in the Graduate Program in Music at the Federal University of Bahia (UFBA).

It consists of a retrospective Memorial of my career with the double bass, called *Speaking Low – All my life*.

They are life experiences that reveal, but do not exhaust, several episodes of my trajectory in music, together with my double bass, up to the present day.

Exposed in descriptive and iconographic form in autobiographical reference, it also contains the article “The concept of ‘Musizieren’ (to make music) by Ludwig Streicher”, published in August 2015 by Electronic Magazine Interval from the Conservatory of Tatuí; the Final Professional Product, which I named *System of bowing and bow strokes on scales and arpeggios for double bass*, published in June 2016 by Editora Tipografia Musical, is not included in this volume as it is a commercial product. It also contains reports of Supervised Practice.

Keywords: PPGPROM – double bass – Memorial – Final Professional Product – Article.

SUMÁRIO

1. MEMORIAL	15
1.1 PRÓLOGO	16
1.2 CAPÍTULO I – TATUÍ – ONDE TUDO COMEÇOU	18
1.2.1 Uma ode ao Conservatório de Tatuí	23
1.3 CAPÍTULO II – VIENA.....	25
1.3.1 Professor Ludwig Streicher	25
1.3.2 Bad Ischl	28
1.3.3 Estudos na Hochschule	29
1.3.4 <i>Diplomprüfung mit Auszeichnung</i> (diploma com louvor)	32
1.4 CAPÍTULO III – DE VOLTA AO BRASIL	36
1.4.1 Kontraquarteto	36
1.4.2 Quinteto D'Elas	38
1.4.3 Dois do Contra	41
1.4.4 Octobass	42
1.4.5 Duo Contrabaixo e Piano	43
1.4.6 CD “Por toda minha vida”	45
1.5 CAPÍTULO IV – NA ORQUESTRA.....	46
1.5.1 Projeto 75 – Orquestra Infanto-juvenil do Conservatório de Tatuí	46
1.5.2 Orquestra Jovem Austríaca	47
1.6 CAPÍTULO V – OSESP	48
1.6.1 Reestruturação da OSESP	49
1.6.2 Audições internas	49
1.6.3 Sala São Paulo	51
1.6.4 Nem tudo são flores	52
1.6.5 Turnês da OSESP	52
1.6.6 Fundação OSESP	61
1.7 CAPÍTULO VI – O “ENSINAR”	62
1.7.1 Guri Santa Marcelina	62
1.7.2 Academia de Música da OSESP	63
1.7.3 Festivais de música	64
1.7.4 Encontro de Cordas	65
1.8 CAPÍTULO VII – SOLISTA – PARCEIROS MUSICAIS	67
1.8.1 Solista com orquestra	67
1.8.2 Parceiros musicais – duos com piano	68
1.8.3 Com contrabaixo, na música de câmara	69

1.8.4 Com instrumentos diversos	69
1.9 CAPÍTULO VIII – PRÊMIOS ESPECIAIS E HOMENAGEM.....	71
1.10 CAPÍTULO IX – MEU CONTRABAIXO	73
1.11 CAPÍTULO X – EM BANCAS DE CONCURSOS.....	76
1.12 CAPÍTULO XI – MESTRADO PROFISSIONAL EM MÚSICA – UFBA.....	77
1.12.1 Processo seletivo	78
1.12.2 O curso	78
1.12.3 O artigo e a escolha do tema	79
1.12.4 Memorial “Falando Baixo – Por toda minha vida”	80
1.12.5 Produto Profissional Final	80
1.13 CAPÍTULO XII – DIA A DIA NO MESTRADO	84
1.13.1 Primeiro Semestre – 2015.1	84
1.13.2 Segundo Semestre – 2015.2	85
1.13.3 Terceiro Semestre – 2016.1	87
1.14 EPÍLOGO	90
2 ARTIGO ACADÊMICO	91
2.1 INTRODUÇÃO	92
2.2 LUDWIG STREICHER	95
2.3 A ESCOLA DE STREICHER.....	98
2.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
ANEXO A – RELATÓRIO DA DISCIPLINA OFICINA DE PRÁTICA TÉCNICO-INTERPRETATIVA 2015.1	108
ANEXO A – RELATÓRIO DA DISCIPLINA OFICINA DE PRÁTICA TÉCNICO-INTERPRETATIVA 2015.2	111
ANEXO A – RELATÓRIO DA DISCIPLINA OFICINA TÉCNICO-INTERPRETATIVA 2016.1	115
ANEXO B – RELATÓRIO DA DISCIPLINA MUS D49 – PRÁTICA ORQUESTRAL 2015.1	118

ANEXO B – RELATÓRIO DA DISCIPLINA MUS D49 – PRÁTICA ORQUESTRAL 2015.2	124
ANEXO B – RELATÓRIO DA DISCIPLINA MUS D49 – PRÁTICA ORQUESTRAL 2016.1	129
ANEXO C – RELATÓRIO DA DISCIPLINA PRÁTICA CAMERÍSTICA 2015.1	134
ANEXO C – RELATÓRIO DA DISCIPLINA PRÁTICA CAMERÍSTICA 2015.2	137
ANEXO D – RELATÓRIO DAS PRÁTICAS SUPERVISIONADAS – PRÁTICA DOCENTE EM ENSINO INDIVIDUAL INSTRUMENTAL/VOCAL 2015.1.....	140
ANEXO D – RELATÓRIO DAS PRÁTICAS SUPERVISIONADAS – PRÁTICA DOCENTE EM ENSINO INDIVIDUAL INSTRUMENTAL/VOCAL 2015.2.....	149

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – TENDO AULA DE CONTRABAIXO COM O PROF. NIKOLAY SCHEVITSCHENKO (1979).....	18
FIGURA 2 – COM SR. JOÃO DEL FIOLE NO “MUSEU” (1982).....	20
FIGURA 3 – CONCERTO DE FORMATURA NO CONSERVATÓRIO DE TATUÍ (22/11/1981).....	21
FIGURA 4 – COM LOU BRUNO E COM O SECRETÁRIO DA CULTURA CUNHA BUENO (1981)	22
FIGURA 5 – PROF. STREICHER E EU (1984).....	27
FIGURA 6 – FRANZ LEHÁR ORCHESTER (1985)	29
FIGURA 7 – PROF. MAZKU (1985)	29
FIGURA 8 – KONZERTABEND	30
FIGURA 9 – BENEFIZKONZERT.....	31
FIGURA 10 – ASTRID E OS FORMANDOS (1988).....	34
FIGURA 11 – DIPLOMPRÜFUNG	34
FIGURA 12 – KONTRAQUARTETO	37
FIGURA 13 – COM PAQUITO D’RIVERA (1998)	39
FIGURA 14 – CDS DO QUINTETO D’ELAS	40
FIGURA 15 – COM PEDRO POLES (2015).....	42
FIGURA 16 – COM LAÍS KAUFMANN (1979)	43
FIGURA 17 – COM DANA RADU (2015)	44
FIGURA 18 – CD “POR TODA MINHA VIDA”	45

FIGURA 19 – SALA SÃO PAULO	51
FIGURA 20 – TURNÊS OSESP	54
FIGURA 21 – WÜRDIGUNGSPREIS	71
FIGURA 22 – PRÊMIO CARLOS GOMES.....	71
FIGURA 23 – TÍTULO DE CIDADÃ EMÉRITA DE TATUÍ.....	72
FIGURA 24 – HOMENAGEM DO CONSERVATÓRIO DE TATUÍ	72
FIGURA 25 – CONTRABAIXO SOLO E CONTRABAIXO DE ORQUESTRA DA OSESP	75
FIGURA 26 – “FOLHINHA DA VALERIA”	81
FIGURA 27 – “SISTEMA DE ARCADAS E GOLPES DE ARCO EM ESCALAS E ARPEJOS PARA CONTRABAIXO”	83
FIGURA 28 – QUINTETO COM OS PROFESSORES.....	86
FIGURA 29 – QUINTETO COM AS MESTRANDAS	87
FIGURA 30 – TURMA DE MESTRANDOS DE 2015	89
FIGURA 31 – POSIÇÃO DA MÃO ESQUERDA	93
FIGURA 32 – EXERCÍCIOS DE MUDANÇA DE POSIÇÃO.....	101
FIGURA 33 – TROCA DOS DEDOS NA PRIMEIRA MEIA POSIÇÃO	102

1. MEMORIAL

1.1 PRÓLOGO

Uma das obrigações do Mestrado Profissional no curso de Pós-graduação em Música na UFBA é escrever um Memorial.

Poderia ser um diário de campo do processo do mestrado, ou, como meu orientador, o Prof. Dr. Alexandre Casado, me aconselhou a fazer, um “livro de memórias” autobiográfico.

A pergunta é:

Por que um Memorial retroativo da minha carreira, como se fosse um pequeno “livro de memórias”?

Completei 40 anos de contrabaixo no ano de 2015 e tenho muitos colegas de profissão que já fizeram 40 anos de carreira.

Hoje em dia, com o avanço da luteria, é mais comum a construção de contrabaixos menores para que o ensino desse instrumento comece ainda quando se é criança, mas à época em que comecei não era assim.

Aos 12 anos de idade, quando iniciei no contrabaixo, já tinha estatura suficiente para um instrumento de tamanho 3/4. À época, o comum era se iniciar no contrabaixo ao se atingir a adolescência.

Toda esta história, contada aqui neste Memorial, vivida nesses 40 anos de contrabaixo, na música, serviu e ainda serve de bagagem para minha atuação profissional, tanto como instrumentista, como, principalmente, em minhas atividades pedagógicas.

O Mestrado Profissional em Música na UFBA me possibilitou esse “mergulho” em minhas memórias com o contrabaixo.

Como Max Geringer diz, com muita sabedoria: “a crise é para todos, mas a oportunidade é para cada um”. Assim, pude ver esta oportunidade, com o mestrado profissional, de poder ter um novo olhar sobre meu instrumento e, quem sabe, compartilhar isso em minhas atividades como profissional.

Escrever este Memorial foi um processo de reflexão, de introspecção, de lembranças boas (e outras nem tanto), de recordações ao me lembrar de tanta gente

que já passou por essa minha história de vida, na música, e que me ajudou moldar o que sou. Muitas ainda fazem parte dela, são meus irmãos da música, caminhamos juntos na mesma estrada. Outras já se foram e deixaram rastros de boas lembranças; outras inclusive de muitas saudades.

Principalmente, trata-se de um momento de agradecimento por tudo e, sobretudo, à Música!

Por isso acho que vale a pena, sim, contar essa história, que gostaria de denominá-la "Falando Baixo – Por toda minha vida".

Não tenho a pretensão de achar que ela seja assim tão imprescindível de ser contada, mas acredito que possa talvez servir de inspiração para futuras gerações de amantes do instrumento.

1.2 CAPÍTULO I – TATUÍ – ONDE TUDO COMEÇOU

Iniciei meus estudos de contrabaixo aos 12 anos, no Conservatório de Tatuí, embora tenha começado muito antes, aos 8 anos na Iniciação Musical e depois ao piano, com a Profa. Hebe Vilaça.

Não posso falar do meu início no contrabaixo sem mencionar o querido Prof. José Coelho de Almeida, então diretor da escola (de 1968 a 1983), que promoveu uma ampla campanha junto aos professores dos instrumentos mais procurados à época – piano, flauta e violão –, para que eles conclamassem seus alunos mais jovens a aprender um instrumento de orquestra, visando a uma futura profissionalização, e pudessem assim exercitar esse aprendizado coletivamente numa orquestra infanto-juvenil – o então “Projeto 75”.

Foi assim que fui aprender contrabaixo com o Prof. Nikolay Schevitschenko, um ucraniano que era 1º Contrabaixista da Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal de São Paulo e que vinha a Tatuí duas vezes por semana. Era um professor bastante exigente. Muitas vezes eu ia embora para casa quando o ouvia com a voz alterada dando aula para algum aluno.

Figura 1 – Tendo aula de contrabaixo com o Prof. Nikolay Schevitschenko (1979)



Prof. Coelho foi pessoalmente pedir permissão para que meus pais me deixassem participar do Festival de Inverno de Campos do Jordão, no ano de 1976, assumindo responsabilidade por mim, afinal eu só tinha 13 anos de idade e era meu primeiro Festival.

Nessa edição, o Festival não tinha professor de contrabaixo, por isso eu assistia a todas as aulas de violoncelo dos professores Antônio Lauro Del Claro e Peter Daulsberg.

Como eu era muito principiante no instrumento, absolutamente inexperiente para executar obras como a Sinfonia n. 1 de Beethoven, a Abertura 1812, de Tchaikovsky, entre outras, o querido e saudoso Maestro Eleazar de Carvalho chegou a solfejar a parte de contrabaixo para mim. Alguns trechos eu tinha que tocar uma oitava abaixo, pois quando fui para esse meu primeiro Festival só conseguia chegar até a 4ª posição no instrumento. Mas aprendi muito.

Eu fazia parte dos conjuntos do Conservatório: Orquestra Infanto-Juvenil, Banda Sinfônica e também Orquestra Sinfônica.

Em 1977 fui solista pela primeira vez, tocando o Concertino “Atirei um pau no gato”, de Ernst Mahle, com a Orquestra Infanto-Juvenil do Conservatório.

Particpei de alguns concursos:

- “Concurso Crianças tocam para crianças”, promovido pela Proarte do Rio de Janeiro, que me possibilitou tocar como solista da Orquestra Armorial do Recife, sob a regência do Maestro Henrique Gregóri, e da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, sob a regência do Maestro Eleazar de Carvalho, e em recital de contrabaixo e piano na Proarte e na Rádio MEC do Rio de Janeiro.
- “Concurso Jovens Instrumentistas”, de Piracicaba, nos anos de 1979 e 1981, em que obtive segundo e primeiro lugar, respectivamente, quando fui solista com a Orquestra de Piracicaba, sob a regência do compositor Ernst Mahle.
- “Concurso Jovens Solistas da OSESP”, que me possibilitou tocar o Concerto Opus 3 em fá# menor, de Sergei Koussevitzky, sob a regência do Maestro Arlindo Teixeira.
- “II Prêmio Eldorado de Música”, de 1987.

Não posso deixar de mencionar o nome do querido e saudoso Sr. João Del Fiol, que sempre foi a “alma” do Museu – hoje em dia Casa de Cultura – de Tatuí, onde à época funcionava o ensino dos instrumentos de cordas do Conservatório. Era no subsolo, que havia sido uma delegacia (com grades e tudo o mais), então desativada, que aconteciam as aulas de contrabaixo.

Sr. Joãozinho Del Fiol (carinhosamente assim chamado) era um autodidata do violino e do violoncelo. Teve uma grande influência na criação do Conservatório de Tatuí. Era também quem cuidava dos instrumentos de cordas, um entusiasta mesmo para todos nós que estávamos ali para aprender.

Figura 2 – Com Sr. João Del Fiol no “Museu” (1982)



Tenho que mencionar, desta vez no meu instrumento, Paulo Pugliesi, que tinha um som “doce” no contrabaixo, era o *spalla* dos contrabaixos da Orquestra Sinfônica de Campinas e também aluno do Prof. Nikolay. Quando eu o vi tocando o baixo contínuo do Agnus Dei do Gloria de Vivaldi (foi um dos primeiros concertos de que participei com a Orquestra Sinfônica do Conservatório – na época ainda no Clube Alvorada de Tatuí, pois o Teatro Procópio Ferreira estava em obras), fiquei absolutamente encantada com seu som. Foi a pessoa que me mostrou um LP de Ludwig Streicher e na mesma hora eu soube que queria continuar meus estudos com ele em Viena.

Outras pessoas que também me incentivavam muito foram Antônio Tomazini – contrabaixista, juntamente com Paulo Pugliesi, da Orquestra Sinfônica de Campinas – e a contrabaixista, também aluna do Prof. Nikolay, Ana Maria Chioquete, que logo ingressou no naipe de contrabaixos da mesma orquestra.

E, claro, o querido e saudoso Pedro Fonseca, meu colega de estante na Banda e na Orquestra Sinfônica do Conservatório. Aprendi muito com ele também.

É preciso citar outros queridos colegas que vieram depois: Sergio de Oliveira – meu amigo e posteriormente meu primeiro namorado. Depois dos estudos fora (eu em Viena e ele em Berlin), nos casamos e hoje temos dois filhos: Bruno e Pedro. Flaviana Cunto Araújo – minha querida amiga de longa data –, hoje em dia contrabaixista da Orquestra Sinfônica de Campinas, e o querido amigo Adail Fernandes – excelente arranjador, que no final do nosso estudo diário vinha com lindos arranjos para trio e quarteto de contrabaixos.

Vivíamos um excelente ambiente, em que o convívio humano e musical era sempre um incremento a mais no nosso aprendizado.

Minha formatura no Conservatório de Tatuí foi no dia 22 de novembro de 1981, dia de Santa Cecília, padroeira dos músicos. Toquei como solista o Concerto op. 3 em fá# menor, de Sergei Koussevitsky, sob a regência do maestro Jamil Maluf, recém chegado de seus estudos na Alemanha. Com a Orquestra do Conservatório de Tatuí esse concerto foi rerepresentado três vezes: em Tatuí, Sorocaba e Itapetininga; depois, sob a regência do mesmo maestro, mas com a Orquestra Sinfônica Jovem Municipal, mais três vezes: no Theatro Municipal de São Paulo, no Teatro Paulo Eiró e no Clube Paineiras do Morumby.

Figura 3 – Concerto de Formatura no Conservatório de Tatuí (22/11/1981)



Particpei de seis festivais seguidos de Campos do Jordão (1976 a 1981), sendo que no ano de 1981 o então professor de contrabaixo, Lou Bruno (um norte-americano, ex-aluno de Ludwig Streicher), organizou um abaixo assinado junto aos professores visando a uma bolsa de estudos para eu estudar na Hochschule für Musik und darstellende Kunst in Wien (Escola Superior de Música e Artes Cênicas de Viena), sem eu saber de absolutamente nada.

No último encontro dos professores com o então Secretário da Cultura, Cunha Bueno, Lou Bruno chamou a imprensa para entregar esse abaixo-assinado, fazendo assim com que eu ganhasse essa bolsa para estudar em Viena com o lendário contrabaixista Ludwig Streicher.

Foi assim que em 1982 fui de Tatuí para Viena.

Figura 4 – Com Lou Bruno e com o Secretário da Cultura Cunha Bueno (1981)



1.2.1 Uma ode ao Conservatório de Tatuí¹

Quando a Elen Pires me convidou para voltar ao Encontro Internacional de Cordas no Conservatório, me senti novamente homenageada. Por que “novamente”?

Claro, com a primeira edição da Revista Ensaio desse ano me senti honestamente muito honrada e lisonjeada quando me vi, por volta dos meus 16-17 anos, estampando a capa da revista, e também por se tratar de um ano de celebração dos 60 anos da escola.

Enfim, há motivos de sobra para me sentir muito orgulhosa, sim, agora voltando ao Conservatório para mais esse Encontro, com mais um desafio ao me apresentar num recital, seguido de *master class*.

Meu querido e saudoso professor Ludwig Streicher sempre me dizia lá em Viena que o “público mais difícil para quem se apresentar seriam os colegas de trabalho e os alunos” – no que ele estava coberto de razão. Se apresentar-se em público é sempre um desafio, para esse público específico, ainda mais.

Voltar ao Conservatório significa sempre voltar às origens, relembrar um tempo que (infelizmente) não volta mais. São muitas lembranças: desde a Iniciação Infantil com D. Flora, depois as aulas de piano com D. Hebe, conjuntamente às aulas teóricas – teoria e solfejo com D. Cidinha, canto orfeônico com D. Odete, folclore com D. Stella, harmonia com o Prof. Neves, análise musical e história da música com o Prof. Achili Picchi (antes com D. Yolanda Rigonelli), coral com a Sueli.

Meu Deus, quantas boas lembranças! Sem contar, é claro, as aulas de contrabaixo com o querido, saudoso e sempre muito exigente Prof. Nikolay, as aulas de música de câmara com a Laís Kaufmann, a Orquestra Infanto-Juvenil com o Pereira e o Pedro Cameron, a Orquestra Sinfônica com Jamil Maluf e, claro, a Banda Sinfônica com o sempre querido Prof. Coelho – que também era o diretor da escola na minha época –, a figura do “Seu” Joãozinho Del Fiol, a “alma” do Museu – na época o departamento das cordas do Conservatório funcionava ali.

Uma verdadeira “ode” a esses maravilhosos mestres/professores!

Só tenho muito a agradecer, *muito!*

¹ Texto publicado no último número da *Revista Ensaio do Conservatório de Tatuí*, p. 13, edição de novembro/dezembro 2014.

Aos funcionários também, é claro. Muita gente querida: o “Seu Zé Ermelindo” – quase ninguém conseguia entender o que ele dizia, haja visto o “dialeto tatuiano” muito peculiar dele –, D. Yolanda, Jacira, “Seu” Tônico, D. Leontina e muitos outros queridos.

E isso tudo, claro, para ficarmos somente no âmbito do aprendizado da música, pois, quanto ao aprendizado da vida, a lista é enorme, afinal, as amizades e as relações interpessoais a tornam infinita. Pessoas que ficarão para sempre na minha memória afetiva, com as quais consegui delinear minha personalidade e trajetória enquanto ser humano, uma lista imensa mesmo, cuja enumeração aqui cria o risco de se cometer a injustiça de deixar alguém querido de fora.

Depois de voltar dos meus estudos em Viena, pude exercer o cargo de professora de contrabaixo na escola.

Daí ter conseguido passar para frente o que aprendi, ter deixado uma sementinha em cada um que tenha passado por minhas mãos.

Uns seguiram em frente – motivo de muito orgulho para mim vê-los hoje em dia seguindo com a “escola”, dando continuidade a uma verdadeira “dinastia do ensino de contrabaixo”. Outros tantos terão, assim como eu, muita história para contar, independentemente do caminho que escolheram para suas vidas.

Motivo de muito orgulho, sim.

E isso é o Conservatório de Tatuí!

Vida longa ao Conservatório!

Que passem ainda muitas e muitas gerações por aí e que elas tenham também muita história para contar!

Tatuí, setembro 2014

1.3 CAPÍTULO II – VIENA

Fui para Viena em julho de 1982, sem meu instrumento, ou seja, fui um pouco antes da minha *Aufnahmeprüfung* (prova de admissão) na *Hochschule* (Escola Superior), na esperança de conseguir um contrabaixo para mim. O *Aufnahmeprüfung*, na Hochschule für Musik und darstellende Kunst (Escola Superior de Música e Artes Cênicas, hoje “Universität für Musik”, Universidade de Música), foi em setembro desse ano.

Consegui um contrabaixo emprestado por 6 anos, duração de todo o meu curso, com um aluno de um assistente do Prof. Streicher – August Trabitsch –, hoje um dos meus grandes amigos, apesar da distância física. Ele me levou para meu primeiro festival na Áustria – em Sankt Veit an der Glan, na Caríntia, sul da Áustria, onde vi neve pela primeira vez.

1.3.1 Professor Ludwig Streicher

Fui selecionada para classe do Prof. Ludwig Streicher, uma verdadeira lenda viva do seu tempo. Na verdade, era com ele mesmo que sempre quis estudar. Àquela época, Streicher tinha três assistentes: Josef Pitzek, Milan Sagat e Wolfgang Harrer.

Tive que trocar todo o meu jeito de tocar, começando da corda solta (sem o posicionamento de nenhum dedo da mão esquerda) com a nova técnica de arco, que era o “modelo alemão”. O Prof. Streicher, porém, tinha uma “escola própria”, advinda da escola austríaca de Franz Simadl (vide artigo “O conceito de 'Musizieren' – fazer música – de Ludwig Streicher”).²

A primeira aula com essa “lenda viva” foi também o primeiro dia do ano letivo de 1982, ou seja, estavam presentes *todos* os alunos da classe.

Prof. Streicher iria fazer a divisão dos alunos da semana – ele dava aulas de segunda a quinta, das 14 às 18 horas, e eu estava agendada logo para o primeiro dia

² *Revista Eletrônica Intervalo*, v. 1, n. 001/2015, p. 15-22, disponível em: <<http://www.conservatoeriodetatui.org.br>>.

e primeiro horário. Por essa razão, todos os outros alunos estavam presentes em minha aula.

É preciso dizer que as portas da sala de aula do Prof. Streicher sempre estiveram abertas para quem quisesse assistir e no prédio onde eu tinha as aulas, na Seilerstätte, no 1º Distrito de Viena, não havia “catracas” – as aulas eram no 4º andar do prédio.

Prof. Streicher me chamou para a aula, me disse que tinha ficado impressionado com minha prova (o “Aufnahmeprüfung”), que eu tocava muito bem etc., mas que não teria “espaço” para “crescer” nesse “tocar” com aquela escola que eu adotava. E aí me perguntou se eu estaria disposta a “trocar” de escola. No que eu imediatamente lhe disse que estava ali justamente para isso: para ter aulas com ele e seguir seus ensinamentos.

Começamos literalmente do “zero”! Da corda solta! Ele inclusive “colocou” novamente o contrabaixo em minhas mãos, pois eu não conseguia tocar em pé – somente sentada num banquinho de contrabaixo.

Fui logo perguntando se eu poderia ter um banquinho para mim e ele perguntou a um por um dos alunos ali presentes se eles tocavam sentados. A resposta era sempre negativa, então ele virou para mim e disse: “Aqui ninguém toca sentado!” Ao que eu lhe respondi: “Então não vou conseguir tocar!” Eu era literalmente dependente do banquinho, o que me dificultava imensamente o deslocamento com o instrumento, que já não é simples.

Ele me mostrou a forma como fazia: apoiava o pé esquerdo na lateral do instrumento, assim, juntamente com o apoio no lado esquerdo do corpo, o baixo fica praticamente “sozinho” em pé, ou seja, sem que se precise segurá-lo com as mãos.³

Era justamente este o meu problema: para eu conseguir ficar em pé, eu não conseguia ficar sem “segurar” o instrumento, com as mãos tensas para não o deixar cair, fazendo pressão demais tanto com dedos que ficam em cima no espelho, quanto com o polegar que fica atrás do braço do contrabaixo, e isso me impossibilitava o relaxamento necessário para as trocas de posições com a mão esquerda.

³ Vide Ludwig Streicher, *Mein Musizieren auf dem Kontrabass*, volume I, “Minha maneira de se fazer música no contrabaixo” (tradução da autora).

O uso do pé esquerdo na escola dele funcionava como se fosse a “espaleira” do violino. E a “escola” do Prof. Streicher usa os dedos da mão esquerda de forma inteligente, como uma “alavanca”.

Hoje em dia, não uso mais o apoio do pé (assim como existem violinistas que tocam sem “espaleiras”).

Fizemos nossa primeira aula, apenas corda solta. Ele me pediu para que eu voltasse na quarta-feira (minha aula era às segundas), para “controle” – verificar se eu estava “segurando” o arco corretamente. Na segunda-feira subsequente, cheguei para a aula com a lição: corda solta! E Prof. Streicher sentou-se ao piano. Nossa sala tinha um piano de cauda, que era usado para as aulas com correpetição – às segundas e terças com Astrid Spitznagel (pianista do Prof. Streicher) e às quartas e quintas com Nanako Tanaka-Pohl –, mas Prof. Streicher costumava tocar as escalas, que eram sempre a primeira coisa a ser tocada quando se tratava de uma aula sem piano, mas naquela segunda aula ele se sentou ao piano e “atacou” um acorde de lá maior e me disse: “lá maior três oitavas!” Fiquei desesperada! Tinha estudado somente corda solta... e lhe disse: “O senhor me disse que era somente corda solta” – no que ele imediatamente respondeu: “Isso foi semana passada!”...

Enfim, esse era Prof. Streicher: tinha uma energia e vitalidade (estava com 62 anos quando fui para Viena) absolutamente invejáveis. Sempre foi um professor extremamente exigente, mas também acolhedor, se importando com cada um individualmente.



Figura 5 – Prof. Streicher e eu (1984)

1.3.2 Bad Ischl

Quando me vi sem bolsa de estudos – pois em novembro de 1982, por ocasião das eleições no Brasil, o governo cortou minha bolsa –, Prof. Streicher me ajudou a procurar algum trabalho com música, com remuneração em forma de cachê, para eu garantir minha subsistência em Viena.

Ele me indicou para ingressar na Orquestra Franz Lehár, uma orquestra de valsas e operetas, e pude trabalhar cinco verões seguidos em Bad Ischl, uma cidade imperial da Alta Áustria, na região dos Lagos, belíssima – o Salzkammergut.

Morei lá por cinco verões.

No verão há o Franz Lehár Festival, um festival de opereta, e também uma *Kurorchester* (orquestra para estância de águas termais).

Aprendi muito com esse trabalho, pois eram dois concertos por dia, com repertório diferente a cada concerto, leitura à primeira vista e sem maestro, só com *Stehgeiger*, que era o *spalla* da orquestra que ficava em pé e “regia/tocava” – era somente eu de contrabaixo nessa orquestra. Aos domingos, a orquestra ganhava mais integrantes – mais um contrabaixo comigo – e os concertos eram com maestro, o “lendário” Prof. Eduard Mazcu. Às noites ocorriam as apresentações de opereta, no Festival de Opereta Franz Lehár. Para mim foi um excelente aprendizado! Aprendi a apreciar ópera por meio da opereta – hoje em dia, meu gênero predileto!

Eu tinha que, juntamente com a percussão, “segurar o tempo” da orquestra. Lá pude me apresentar também como solista, nos concertos extraordinários de domingo.

A Franz Lehár Orchester funcionava também durante o ano, com Opereta Itinerante na Baixa Áustria. Era um cachê que ajudava a me manter em Viena.

Figura 6 – Franz Lehár Orchester (1985)



Figura 7 – Prof. Mazku (1985)



1.3.3 Estudos na *Hochschule*

Prof. Streicher me indicou também para a “Erstes Österreichisches Frauenkammer Orchester” (Primeira Orquestra de Câmara Feminina da Áustria). Foi minha primeira audição para orquestra – *Probenspiel*, uma experiência muito importante na vida de um instrumentista. Conquistei o posto de primeiro contrabaixo nessa orquestra. Com essa orquestra, fomos a Paris, na Sala Pleyel, tocar As Seis Sonatas de Rossini para Cordas, e a várias cidades austríacas, além de realizarmos uma série de concertos na Mozartsaal da Konzerthaus de Viena.

Fazia parte também da Pro-Arte Orchester, que era uma orquestra laboratório para a classe de regência da “Hochschule für Musik”. Havia somente dois contrabaixos com repertório sinfônico – também um excelente aprendizado. Era um trabalho remunerado em forma de cachê.

Integrava também a “Neue Wiener Solisten” (Novos Solistas de Viena), uma pequena orquestra de câmara, em que eu era o único contrabaixo. Com essa orquestra, fiz uma turnê para Portugal e Espanha.

Fiz parte, também, da “Wiener Sinfonisches Kammerorchester” (Orquestra Sinfônica de Câmara de Viena) e tive a oportunidade de tocar como solista o Concerto de Dittersdorf em mi maior para contrabaixo e orquestra, na Marmorsaal do Palais Schwarzenberg (Sala de mármore do Palacete Schwarzenberg), em Viena.

Figura 8 – Konzertabend



Wiener Sinfonisches Kammerorchester
Dirigent Anton Gabmayer

Konzertabend

ZUGUNSTEN DER AKTION KINDERHILFE

Mittwoch, 20. November 1985 um 19.30 Uhr
Palais Schwarzenberg, Marmorsaal

Programm:

Joh. Seb. Bach: Konzert für zwei Violinen und Orchester in d-moll
Solisten: Ivana Slacký, Violine; Wolfgang Göllner, Violine

J. Haydn: Aus dem Streichquartett in C (Kaiserquartett), 2. Satz

E. Grieg: Zwei elegische Melodien

K. D. v. Dittersdorf: Konzert für Kontrabaß und Orchester in E-Dur
Solistin: Ana-Valeria Poles, Kontrabaß

Ch. H. Parry: An english suite

Eintrittskarten an der Abendkassa zu S 180,- (Studenten S 80,-)

Der gesamte Reinerlös fließt der Aktion Kinderhilfe zu!

Sempre fazia “cachês” com o “Damenkapelle” – conjunto de mulheres para valsas e músicas vienenses. Com elas, fiz uma pequena turnê para a Itália.

Prof. Streicher me indicou também para um Concerto Beneficente no Palais Auesperg (Palacete Auesperg), em Viena, para tocar o Concertpiece de Stein (uma das faixas do meu CD “Por toda minha vida”) com o pianista Norman Schetler, que havia sido pianista de Streicher. Ou seja, uma honra para mim.

Num outro concerto beneficente a que Prof. Streicher me indicou, pude tocar a Ária “Per questa bella mano”, de Mozart – ária composta para o personagem Sarastro da Flauta Mágica, uma das obras mais difíceis do repertório de contrabaixo. Pude tocar uma Sonata para contrabaixo e piano de Rudolf Jettel – por indicação do Prof. Streicher para um outro concerto beneficente.

Figura 9 – Benefizkonzert



Fui convidada também para me apresentar em audição (*Probespiel*) para a Orquestra Mozarteum de Salzburg, o que me permitiu fazer alguns cachês lá também – uma experiência enriquecedora, pois foi a primeira vez que recebi cachê numa orquestra profissional, ou seja, não uma “orquestra de temporada”.

Meu primeiro ensaio foi um choque para mim: eu não me ouvia nos “ff” (fortíssimo) e me ouvia nos “pp” (pianíssimo). Mas foi um choque bom, pois vi que tinha que fazer dinâmica corretamente!

Consegui uma bolsa de estudos do governo austríaco, quando passei do nível básico para o nível superior no meu curso de *Konzertfach* (diploma de concertista) dentro da Hochschule. Essa bolsa só era concedida se fossem alcançadas notas máximas durante o curso. Obtive a renovação dessa bolsa por mais um ano – uma exceção do governo austríaco.

Depois Prof. Streicher conseguiu uma bolsa de estudos para mim junto à Fundação Alban Berg de Viena por um ano. Foi essencial para a continuidade de meus estudos durante os seis anos que permaneci em Viena.

Durante meus estudos na Hochschule, tínhamos as matérias complementares, que eram divididas em teóricas e práticas, com excelentes professores em todas elas.

No meu último ano na Hochschule, tive a oportunidade de ser *spalla* dos contrabaixos na Orquestra da escola. A última produção que pude tocar foi na Großer Saal (grande sala) do Musikverein, sob a batuta do Maestro Cláudio Abbado.

Tive a honra de ter sido convidada por meus queridos amigos Herbert Mayr (hoje em dia, 1º Contrabaixo da Filarmônica de Viena e da Ópera Estatal), Ernst Weissensteiner (1º Contrabaixo da Sinfônica de Viena e também Professor da Universidade de Graz) e August Trabitsch (Professor de contrabaixo da Wiener Musikschule, Escola de Música de Viena) para participar de quatro concertos com o “Wiener Kontrabass Quartett” (Quarteto de contrabaixos de Viena): um concerto em Viena, na Universidade, e outros três numa pequena turnê pelo sul da Áustria e Alemanha.

1.3.4 *Diplomprüfung mit Auszeichnung* (diploma com louvor)

A prova final da Hochschule consistia em duas partes. Primeiro, a prova interna, na qual deveríamos preparar uma lista de peças: do período barroco, do período clássico, uma sonata, uma peça do período romântico e outra do período

contemporâneo, uma peça virtuosística; quatro excertos orquestrais – dois sinfônicos e dois operísticos. A banca se concedia o direito de ouvir o que quisesse, ou seja, tínhamos que preparar tudo (e era um programa extenso!), mas com a banca talvez fosse pouco tempo de música.

Durante os ensaios com Astrid Spitznagel, pianista do Prof. Streicher e professora correpetidora da Hochschule (uma de minhas grandes amigadas), ela me disse, quando ensaiávamos a Concertpiece de Stein – composta de introdução do piano, cadência do contrabaixo, tema e três variações, segundo e terceiro movimentos, ou seja, uma peça relativamente longa: “A banca não vai ouvir tudo” (ela já estava acostumada a inúmeras provas – *Diplomprüfung*) e ensaiamos até o final da terceira variação. Porém, na prova a banca quis ouvir *tudo*! Claro que fiquei “desesperada”, pois não havíamos ensaiado a peça toda! Estudado, eu havia, com certeza, e claro que Astrid “tirou de letra”.

A banca aprovou a prova e recomendou para a segunda etapa: *Öffentliche Diplomprüfung* (a prova aberta ao público).

Como “treino”, os três alunos de Streicher que iriam fazer a prova naquele semestre – Shiang, um colega de Taiwan, August Trabitsch e eu – nos apresentamos em Horn, na Baixa Áustria, cidade natal da Astrid e também do Prof. Paul Angerer (meu professor de prática de música contemporânea). Cada um de nós, formandos, tocava a peça que iria tocar na prova – no meu caso era o Concerto em si menor de Giovanni Bottesini – e no final tocávamos todos juntos o “Dorfmusikanten”, de Adolf Misèk, para trio de contrabaixos.

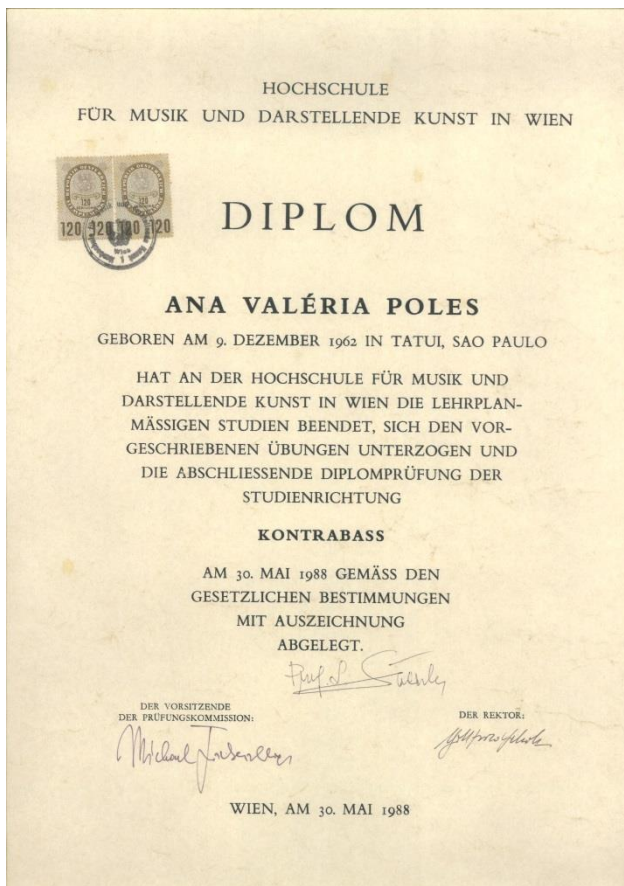
Foi um sucesso! Astrid e o Prof. Angerer tocaram conosco, com instrumentos de percussão, “de época”, pois o Prof. Angerer tinha também um conjunto de música historicamente informada e levou esses instrumentos para “incrementar” a apresentação, ao final do recital.

Uma experiência única também!

Figura 10 – Astrid e os formandos (1988)



Figura 11 – Diplomprüfung



Essa prova aconteceu no final de maio de 1988, com a sala cheia! Conquistei a prova com distinção unânime (*Einstimmige Auszeichnung*) e posteriormente obtive o *Würdigungspreis* (prêmio de honra ao mérito), concedido pelo Ministério Austríaco – uma honraria para mim, pois não era fácil conquistar esse prêmio, só o fazia quem tinha obtido o *Einstimmige Auszeichnung*.

Tenho que mencionar que esses seis anos de aprendizado nessa instituição e com essa “lenda do contrabaixo”, que foi meu querido e sempre saudoso Professor Streicher,

foram absolutamente inesquecíveis para mim. Até hoje, mesmo depois de ter voltado há quase 30 anos, essas lembranças estão muito presentes em mim.

Revivo seus ensinamentos a cada vez que vejo sua “escola de contrabaixo” refletida em meus alunos, ou mesmo quando estou às voltas com seus cadernos do *Mein Musizieren auf dem Kontrabass*.

Mas foram as experiências de vida num país distante, sem a família por perto, com uma cultura totalmente diferente da nossa, enfim, isso sim foi de fato a grande contribuição para “moldar” o que sou hoje.

Sempre que posso, volto a Viena. Deixei amigos verdadeiramente sinceros lá, amigos para uma vida toda.

Em junho de 1988, voltei ao Brasil.

1.4 CAPÍTULO III – DE VOLTA AO BRASIL

Em junho de 1988, voltei ao Brasil. Na cidade de São Paulo, assumi o cargo de contrabaixista da Orquestra Sinfônica do Estado, à época carinhosamente chamada de “Estadual”.

Eu havia prestado e sido aprovada em um concurso da Secretaria de Estado da Cultura, com edital e todas as formalidades de uma prova de orquestra, antes de ir estudar em Viena, no final do ano de 1981 (fui para Viena em julho de 1982). Assumi o cargo, quando voltei, por recomendação do maestro Eleazar de Carvalho, então maestro titular da orquestra. Fui contratada pela Fundação Padre Anchieta no final de junho de 1988.

Abrimos o Festival de Inverno de Campos do Jordão daquele ano com a Nona de Beethoven e permaneci lá como parte do corpo docente.

Ao término do festival, fixei residência em São Paulo.

Primeiro, gostaria de enumerar os conjuntos que (co)idealizei.

1.4.1 Kontraquarteto

Idealizei, juntamente com o contrabaixista Sergio de Oliveira, o Kontraquarteto – quarteto de contrabaixos, conjunto que durou aproximadamente quatro anos.

A ideia de formar um quarteto de contrabaixos veio da experiência que tínhamos tido ainda em Tatuí enquanto alunos de um mesmo professor, o saudoso Prof. Nikolay Schevitschenko.

Experimentávamos os arranjos para contrabaixos a quatro vezes que nosso amigo Adail Fernandes fazia e nos trazia ao final de um dia de estudos. E depois também a experiência vivida em Viena com o “Wiener Kontrabass Quartett”.

A formação original do Kontraquarteto era: Sergio de Oliveira, Max Ebert Filho, Sávio della Corte e eu. Tivemos depois, nos lugares do Sávio e do Max, as

participações de Almir Amarante e de Ney Vasconcelos, ambos meus colegas e amigos do naipe da OSESP.

Fizemos várias apresentações, gravações de rádio e televisão.

Maurício Kubrusly chegou a fazer uma matéria conosco para o Jornal da Globo, ocasião em que pudemos tocar um trecho do Quarteto de Bernhard Alt e divulgar um pouco o instrumento contrabaixo numa rede de televisão de grande alcance.

Temos duas lindas críticas de jornal: da *Folha de São Paulo* e do antigo *Jornal da Tarde*.

Tínhamos uma preocupação de executar peças originais e também arranjos para a formação de quarteto de contrabaixos.

Esse conjunto foi também a origem de um espetáculo que fizemos algumas vezes com a participação do ator Sergio Mamberti, "Contrabass in concert", que era composto de oito contrabaixos – a maior parte integrantes do naipe da "Estadual" e mais tarde do "Octobass".

Nesse espetáculo "Contrabass in Concert", intercalávamos trechos musicais com textos do monólogo de Partick Süsskind "O contrabaixo", recitados pelo ator Sergio Mamberti.

Figura 12 – Kontraquarteto



1.4.2 Quinteto D'Elas

O Quinteto “A Truta”, de Franz Schubert, para piano, violino, viola, violoncelo e contrabaixo, é uma das peças estandartes do repertório camerístico com contrabaixo e, como já não tínhamos mais o Kontraquarteto, ainda sentia a necessidade da prática de música de câmara.

Assim nasceu o Quinteto D'Elas, com as integrantes: Helena Scheffel, piano; Betina Stegmann, violino; Adriana Schincariol, viola; Marialbi Trisólio, cello; e eu no contrabaixo.

Fizemos um trabalho de pesquisa de repertório para essa formação e entre alguns quintetos encontramos os dois belíssimos compostos por Louise Farrenc (1804-1873, em Paris).

Foi assim que nasceu a ideia do nosso 1º CD, “Louise Farrenc by Quinteto D'Elas”, lançado pelo Selo Paulus em 1998, com uma belíssima tela de Gisela Eichbaum na capa.

Gisela nos cedia seu apartamento para os ensaios do Quinteto e quando me deparei com essa tela, num de nossos primeiros ensaios, imediatamente disse às meninas: “esta será a capa do nosso 1º CD” – isso soou como uma profecia, mas na verdade assim foi!

Tivemos o privilégio de nos apresentar numa série de música de câmara – “Music of the Americas”, do Chamber Music International & Americas Society – pelos Estados Unidos. Foram quatro concertos dessa série: dois em NY, com lançamento do nosso 1º CD num deles, com a presença de Paquito D'Rivera (com arranjo de Adail Fernandes da obra “Wapango”), um no BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) e outro no Bard College. Essa nossa viagem a NY nos rendeu um convite para voltarmos no ano seguinte para o Brazilian Day, um evento organizado por Nelson Motta em que tocamos para uma plateia de oito mil pessoas no Lincoln Center, e também duas matérias na mídia americana: uma na Globo News e outra na TV Bloomberg.

Figura 13 – Com Paquito D’Rivera (1998)



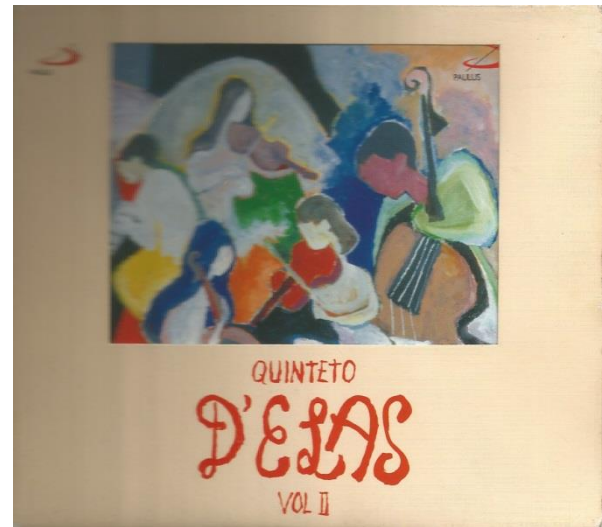
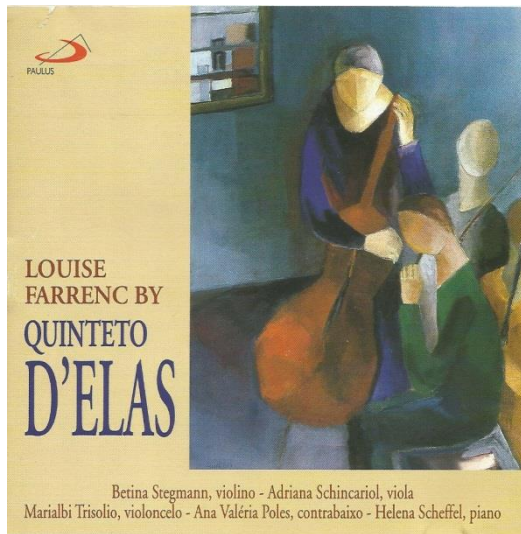
Nosso repertório foi sendo incrementado, tanto com peças originalmente escritas para essa formação como também com arranjos.

Depois dessa pesquisa, gravamos nosso 2º CD, com obras originais: o CD “Quinteto D’Elas volume II”, no ano de 2000, também lançado pela Paulus, com obras de Johann Ladislaw Dussek (1760, República Tcheca; 1812, França), Ferdinand Ries (1784-1838, Alemanha) e Johann Nepomuk Hummel (1778, Eslováquia; 1837, Alemanha).

Para a capa desse 2º CD, o artista plástico Martins de Porangaba pintou uma belíssima tela, que hoje em dia está na parede da minha sala. À época eu dizia que o Quinteto D’Elas poderia um dia não existir mais, mas essa tela permaneceria “para sempre”... E assim foi também!

O 3º CD, em parceria com a cantora Tuca Fernandes, com canções de Arrigo Barnabé, no início dos anos 2000, é o “Luar – Canções de Arrigo Barnabé com Tuca Fernandes e Quinteto D’Elas”. Nele há também uma canção somente instrumental, a faixa “Canção sem palavras”.

Figura 14 – CDs do Quinteto D'Elas



O trabalho com o D'Elas foi muito gratificante para o grupo como um todo. Fizemos muitas apresentações nas diferentes séries de câmara. Ganhamos o Prêmio Carlos Gomes na categoria Conjunto de Câmara no ano de 1998.

Tivemos uma encomenda do Centro Cultural Banco do Brasil do Rio de Janeiro ao compositor Amaral Vieira e pudemos estrear o Quinteto Fronteiras em uma série que homenageava compositoras mulheres. O próprio Quinteto Fronteiras do Amaral Vieira teve como inspiração canções de Alma Mahler (1879, Viena; 1964, Nova Iorque).

Alguns outros compositores e arranjadores escreveram para o D'Elas, como os queridos Edmundo Villani-Cortes, Ney Vasconcelos, Marcelo Ramos, Adail Fernandes.

O D'Elas teve uma duração de aproximadamente 10 anos.

Infelizmente não pudemos seguir adiante com o Quinteto por diversas razões pessoais, mas o grupo deixou um legado, tanto nos três CDs, como também no que se refere ao incremento de composições e arranjos para essa formação, além de belíssimas telas do artista plástico Martins de Porangaba tendo o D'Elas como inspiração.

1.4.3 Dois do Contra

Formei esse duo com o músico Itamar Collaço (baixo elétrico) em meados da década de 1990.

Ele nasceu porque nos encontrávamos na antiga Universidade Livre de Música (ULM), onde éramos docentes – ele na classe de baixo elétrico e eu na de contrabaixo. A ULM funcionava à época na Oficina Três Rios, no Bom Retiro, em São Paulo.

Itamar sempre foi um admirador da escola de contrabaixo acústico, por isso desenvolvemos um repertório interessante que mesclava o popular e o erudito, um pouco “crossover” também. Itamar chegou a compor uma peça denominada “Linha Encantada”, que, segundo o músico saxofonista Roberto Sion, buscou uma definição poética, a linha que não é nem popular, nem erudita: a “linha encantada”.

Itamar foi um dos maiores responsáveis pela gravação do meu primeiro trabalho solo, produtor do CD “Por toda minha vida”, lançado pelo Selo Clássicos, em 2009.

O “Dois do Contra” também não existe mais, mas posso “revivê-lo” com meu filho mais novo, Pedro, baixista elétrico. Já nos apresentamos em meu recital “Falando Baixo – 40 anos de contrabaixo”, no dia 31/05/2015, no Sesi da avenida Paulista, em São Paulo, assim como em outras ocasiões. Particularmente acho muito rica essa mistura de timbres dos dois contrabaixos, o elétrico e acústico, uma mistura que merece ser explorada.

Figura 15 – Com Pedro Poles (2015)



Foto: Yuri Pires Tavares

1.4.4 Octobass

Como já disse anteriormente, o “Octobass” nasceu de uma ideia já acontecida juntamente com o “Kontraquarteto” e o “Contrabass in Concert”.

Foi um trabalho que também foi amadurecido por meio das atividades com alunos, contando sempre com arranjos arrojados de alguns deles, como Daniel Camargo, mas também de Almir Amarante, Ney Vasconcelos, Adail Fernandes.

Pudemos nos apresentar numa das edições do Festival Música nas Montanhas de Poços de Caldas e também na Praça Vitor Civita, em São Paulo, em 2009.

Essa apresentação rendeu mais de 50 mil visualizações no Youtube.⁴

Esse tipo de formação de câmara entre contrabaixos foi a forma que encontrei (encontro, na verdade) para satisfazer a necessidade da prática da música de câmara. É uma forma também de incentivar o “gosto” pela música em conjunto

⁴ Disponível em: <<https://m.youtube.com/watch?v=Pz6N4qzLLf0>>.

(câmara) entre os alunos, sempre tocando com eles. Trabalhamos não só a música de concerto, mas também o gênero “rock and roll”.⁵

O “Octobass” também não “existe” mais (por inúmeras razões), mas esse trabalho de “conjunto de contrabaixo” tem sua continuidade a cada festival ou *master class* que sou chamada a ministrar, afinal, o instrumento contrabaixo é essencialmente acompanhador, portanto é de fundamental importância que se desenvolva nos alunos esse espírito de coletividade, tão importante num naipe de contrabaixos numa orquestra, por exemplo.

1.4.5 Duo Contrabaixo e Piano

Esse é um trabalho que teve início com as aulas de música de câmara no Conservatório de Tatuí, com a saudosa Profa. Laís Kaufmann.

Foi com ela meu primeiro recital, quando me apresentei no Concurso “Crianças tocam para crianças”, no Rio de Janeiro, ainda em 1978.

Figura 16 – Com Laís Kaufmann (1979)



⁵ O interesse de muitos dos alunos que vêm para o contrabaixo, na verdade, é no baixo elétrico e trazê-los para o universo do acústico é a maneira que encontro de aproximá-los desse universo, ou seja, com a “linguagem” que gostariam de tocar no baixo elétrico sendo “transportada” para o contrabaixo.

Em Viena esse trabalho de música de câmara foi feito com a pianista do meu saudoso professor Ludwig Streicher, Astrid Spitznagel.

Toquei num recital beneficente no Palais Auesperg (Palacete Auesperg) com o pianista Norman Shetler, com quem Streicher gravou um dos seus belíssimos LPs, com obras de Giovanni Bottesini.

Ainda em Viena toquei também com o pianista brasileiro radicado na Áustria, Reginaldo Mordenti – havíamos tocado juntos num Festival de Inverno de Campos do Jordão o Quinteto “A Truta”, de F. Schubert, antes de ir para Viena.

Toquei também com Clarissa Costa “A Truta”, como matéria prática de música de câmara da Hochschule em Viena.

Figura 17 – Com Dana Radu (2015)



De volta ao Brasil, continuei o trabalho com Laís Kaufmann, depois com Helena Scheffel (pianista do Quinteto D'Elas), Maria Elisa Risarto e Marina Brandão. Agora o “Duo Contrabaixo e Piano” é formado com a pianista romena Dana Radu, pianista da Fundação OSESP, com quem gravei meu primeiro trabalho solo, o CD “Por toda minha vida”, lançado pelo Selo Clássicos, em 2009, e participei de diversos recitais.

1.4.6 CD “Por toda minha vida”

É meu primeiro trabalho solo, gravado em 2009, lançado pelo Selo Clássicos.

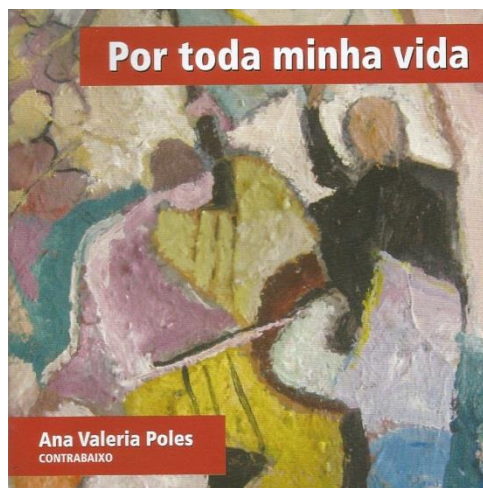
Era um desejo meu gravar peças originais para contrabaixo que não tivessem sido registradas anteriormente.

Arquei com os custos desse CD, porém tive ajuda e incentivo de muita gente, desde o produtor e técnico de som – o músico Itamar Collaço, que sempre me incentivou a gravar e não me cobrou por esse serviço –, passando pela direção da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (OSESF), que me autorizou a gravar no palco da Sala São Paulo, nos únicos três dias livres da Sala naquele ano – os três dias antes do Carnaval.

Tive a colaboração de queridos amigos para escrever sobre as diferentes faixas do CD no encarte do mesmo – era uma forma de homenageá-los também.

O CD teve uma repercussão muito gratificante, com críticas favoráveis nos meios especializados e manifestações por meio de e-mails. Dentre as muitas manifestações, uma me marcou em especial, pois veio de um escritor que admiro por demais, Rubem Alves. Ele disse em uma mensagem para mim que “o som do contrabaixo sai das funduras da alma”, e, sinceramente, não conheço uma definição mais poética para o “contrabaixo”.

Figura 18 – CD “Por toda minha vida”



1.5 CAPÍTULO IV – NA ORQUESTRA

Um dos maiores prazeres que encontro com o contrabaixo é o de tocar numa orquestra. Sempre aprendi que o contrabaixo é um instrumento de acompanhamento.

Acho absolutamente impagável a experiência que temos, quando estamos fazendo parte da “recriação de uma obra”, ao tocarmos uma Sinfonia de Beethoven, por exemplo. Ou mesmo um baixo contínuo de Bach.

Mas não para por aí. A lista é infinita e “o céu é o limite” para o prazer em se tocar numa orquestra, seja ela de câmara ou sinfônica.

Claro que, também, nesse universo, “nem tudo são flores”, afinal, esse ambiente é composto por seres humanos, mas o prazer da Música compensa todo o resto. Pelo menos sempre foi assim comigo.

O ditado “Fazer o que você gosta é liberdade. Gostar do que você faz é felicidade” é muito sábio e acho que, mesmo antes de conhecê-lo, sempre encarei o contrabaixo dessa forma e procuro transmitir isso aos meus alunos.

1.5.1 Projeto 75 – Orquestra Infanto-juvenil do Conservatório de Tatuí

Tudo começou, no meu início lá em Tatuí, com o “Projeto 75 – Orquestra Infanto-Juvenil”.

Logo em seguida ingressei na Banda Sinfônica (daí meu laço afetivo com bandas) e depois na Orquestra Sinfônica do Conservatório.

Fiquei absolutamente encantada com esse universo da música em conjunto, afinal meus estudos eram entre quatro paredes (com o piano). Claro que tinha que continuar meus estudos entre quatro paredes com o contrabaixo também, mas a possibilidade da música em conjunto, esta é fascinante sim!

1.5.2 Orquestra Jovem Austríaca

A Orquestra Jovem Austríaca foi a primeira orquestra na Áustria da qual participei. Meu amigo August Trabitsch me levou para um festival de aproximadamente 10 dias no Sul da Áustria – Sankt Veit an der Glan, no estado da Caríntia –, meu primeiro inverno na Europa. Foi onde vi neve pela primeira vez também – uma experiência única, com certeza, para uma jovem vinda de Tatuí.

Era como um festival de inverno, em que tínhamos os ensaios da orquestra, aulas de instrumento, ensaios de naípe e apresentações como resultado desse trabalho.

O programa foi só Brahms: Abertura Trágica, Concerto Duplo para violino e violoncelo, com os irmãos Hagen (Lukas e Clemens) e a Sinfonia n. 3. Tivemos concertos em Salzburg e Graz também.

As orquestras na Áustria das quais participei foram:

Erstes Österreichisches Frauenkammerorchester (Primeira Orquestra de Câmara Feminina da Áustria), Proarte Orchester, Neue Wiener Solisten (Novos Solistas de Viena), Wiener Symphonisches Kammerorchester (Orquestra Sinfônica de Câmara de Viena), Franz Lehár Orchester, Orchester Mozarteum Salzburg, e, claro, a Hochschule Orchester (Orquestra da Escola Superior).

O trabalho numa orquestra sinfônica sempre foi (e ainda é) fonte de prazer para mim, independentemente das condições da mesma.

1.6 CAPÍTULO V – OSESP

“Estadual” era como a Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo era chamada antes de sua reestruturação em 1997. Depois disso, passou a ser chamada de OSESP.

Como disse anteriormente, minha carteira profissional foi assinada em junho de 1988, quando fui contratada pela Fundação Padre Anchieta para ser contrabaixista da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (OSESP).

O querido e saudoso maestro Eleazar de Carvalho era o maestro titular da orquestra e ocupou esse cargo até seu falecimento, em 12/09/1996.

Quando fui admitida, ela já não tinha tanto prestígio como nos áureos tempos da década de 1970 e início dos anos 1980. Nunca teve sua própria sala de concertos e já não tinha mais suas séries de concertos no Teatro de Cultura Artística.

Ensaivamos no Cine Copan, Faculdade de Direito do Largo São Francisco, Teatro do Colégio Caetano de Campos e, por fim, no Memorial da América Latina. O desprestígio era tal que chegamos inclusive a ensaiar no restaurante do Memorial.

Maestro Eleazar já estava doente. O então Secretário da Cultura do Estado, Marcos Mendonça, havia procurado o maestro John Neschling na Suíça pouco antes do falecimento do maestro Eleazar.

No velório do Maestro, que aconteceu no palco do Theatro Municipal de São Paulo, com a orquestra se apresentando ali, o então Governador do Estado, Mário Covas, atendendo ao pedido, envolto em muita comoção, do querido colega Gilberto Siqueira, primeiro trompetista, dizendo a todos ali que aquela era uma orquestra “sem teto”, prometeu uma “casa” para a orquestra. Já estava nos planos do Governo do Estado a transformação da antiga estação Júlio Prestes em uma sala de concertos.

Foi feita então uma lista tríplice na orquestra para a sucessão do maestro Eleazar.

Maestro John Neschling era o segundo colocado dessa lista, mas seu nome veio ao encontro do desejo do Secretário da Cultura, Marcos Mendonça.

E assim se iniciou o processo de reestruturação da orquestra.

1.6.1 Reestruturação da OSESP

Tínhamos chegado ao “fundo do poço” com a “antiga” orquestra, que culminou com a morte do Maestro Eleazar, sem prestígio, sem lugar para ensaiar, ou seja, tudo de forma improvisada.

Durante a transição, logo após a morte do Maestro, formou-se um pequeno grupo de músicos na orquestra que eram os responsáveis pelas negociações entre o Maestro Neschling, a Secretaria da Cultura e a orquestra, pois a Secretaria da Cultura não iria melhorar as condições da orquestra sem uma contrapartida da mesma, no caso, novas audições. Após as muitas negociações, chegou-se ao consenso primeiro sobre audições internas e, posteriormente, audições gerais, se fosse o caso.

Foi dada escolha aos músicos entre tentar fazer parte da nova estrutura, mediante audições frente a uma banca internacional e, depois de se desligar da Fundação Padre Anchieta, na qual éramos contratados pelo regime das leis de trabalho CLT, e ser aprovado nas audições, assinar um contrato de trabalho sem vínculo empregatício, porém com uma melhor remuneração, ou ficar na antiga estrutura, continuar fazendo parte da folha de pagamento da Fundação Padre Anchieta.

Foi com esses músicos que não quiseram passar pelas audições internas, por diversas razões, que se formou a Orquestra da Rádio e Televisão Cultura.

Todo o naipe de contrabaixos quis participar da nova OSESP.

1.6.2 Audições internas

Tínhamos três meses para nos preparar para as audições internas.

Havia um cronograma de testes com repertório previamente escolhido pelo Maestro Neschling para cada naipe da orquestra e para cada posição almejada, no meu caso a posição de solista do naipe – “categoria I”.

Eram 20 minutos para “provar” que seríamos merecedores de fazer parte dessa estrutura. Porém era uma incerteza muito grande também, pois a nova estrutura que estava sendo proposta ali para quem quisesse fazer parte dela oferecia uma remuneração melhor, sim, mas com um contrato sem vínculo empregatício. Ou seja, era o famoso “trocar o certo pelo incerto”.

Mas estávamos (quem quis fazer parte da nova estrutura) cheios de esperança de uma orquestra melhor, sonho de qualquer músico que se dedica à profissão.

Eu me inscrevi para o primeiro horário do primeiro dia das audições das cordas, dia 2 de junho de 1997, uma segunda-feira às 10 horas de uma manhã muito fria em São Paulo.

A audição foi feita na Sala dos Espelhos do Memorial da América Latina.

A banca era constituída pelos maestros assistentes do Maestro Neschling: Roberto Miczuk, assistente no Brasil, e Roman Brogli, na Suíça; Emilian Daskal, *spalla* das violas da Orquestra Tonhalle de Zurique; Antônio Meneses, no violoncelo; Herbert Mayr, *spalla* dos contrabaixos da Filarmônica de Viena. O violinista francês Regis Pasquier não pôde chegar para o primeiro dia das audições das cordas.

Entrei na sala, cumprimentei toda a banca e logo depois que saí dali fiquei três longos dias sem voz alguma.

O naipe de contrabaixos da “Estadual” teve 100% de aproveitamento nessas audições.

O resultado das audições internas não era suficiente para uma orquestra completa, assim, num primeiro momento, foram feitas algumas audições em Nova York e posteriormente na Europa.

1.6.3 Sala São Paulo

Logo depois saímos do Memorial da América Latina e passamos a tocar no recém-reformado e restaurado Theatro São Pedro, enquanto a Estação Júlio Prestes estava sendo transformada numa Sala de Concertos. O Theatro São Pedro não teria capacidade de comportar uma orquestra sinfônica do porte da OSESP.

Maestro Neschling trouxe o sistema de assinaturas para a temporada, um procedimento que até então só acontecia com as temporadas de concertos internacionais.

Em julho de 1999 foi inaugurada a Sala São Paulo, um marco para a história da música de concertos.

Tínhamos consciência de que estávamos fazendo história – foi muito emocionante tocarmos a Sinfonia n. 2, de Gustav Mahler, chamada de “Ressureição” – era de fato a “ressureição” da OSESP.

Isso tudo fazia parte do Projeto OSESP.

Figura 19 – Sala São Paulo



Foto: Jefferson Collacico

1.6.4 Nem tudo são flores

O clima de trabalho na orquestra era um misto de entusiasmo, com a nova estrutura trazida pelo Maestro Neschling, e também dificuldades de relacionamento por conta de seu temperamento.

Em agosto de 2001, numa semana de ensaios do Maestro Roberto Minczuk, então maestro assistente, houve um impasse entre um músico da orquestra e o maestro, que acabou causando um “levante” entre os músicos e posteriormente o desligamento de sete deles, dentre os quais a primeira flauta, a primeira trompa, o primeiro fagote, o primeiro contrabaixo, um violino, uma viola e um contrabaixo *tuttis*.

Eram todos, exceto o contrabaixo *tutti*, da Comissão da Aposesp (Associação dos Profissionais da OSESP), ou seja, a orquestra ficava sem representação.

A orquestra ficou também com sua autoestima abalada, num clima de instabilidade. Esse fato foi amplamente divulgado nos meios de comunicação, causando comoção, e abalou a confiança que muitos alunos tinham no futuro da profissão de músico à época também.

Minha estrutura familiar foi diretamente afetada, pois o 1º Contrabaixo “desligado” era meu esposo, o contrabaixista Sergio de Oliveira. Nem preciso dizer que isso nos desestabilizou financeiramente.

Confesso que não sei como eu me recuperaria se tivesse sido comigo um “desligamento” como esse que aconteceu, pois não sei viver sem a orquestra (mesmo!).

Demorou algum tempo para que esses postos fossem preenchidos.

1.6.5 Turnês da OSESP

Um dos itens importantes do Projeto OSESP é sem dúvida a difusão desse trabalho para fora de seu “QG”, no caso, a Sala São Paulo, e nesse contexto as

turnês, assim como a discografia da OSESP, são alguns dos caminhos para essa “difusão” acontecer.⁶

Já antes mesmo da reestruturação, em 1997, pude participar de uma miniturnê, ainda nos tempos do Maestro Eleazar, para o nordeste do Brasil.

Mas foi depois de sua reestruturação que fizemos viagens com maior frequência.

Houve momentos absolutamente impagáveis ao longo dessas viagens, como em 2000, no concerto no Teatro Colon da Argentina, quando ao final da Trágica de Mahler (Sinfonia n. 6) lançavam-nos flores ao palco; ou mesmo em 2002, na primeira grande turnê pelos Estados Unidos, no concerto no Avery Fischer Hall em NY, em que, ainda alguns compassos antes de finalizar a Sinfonia n. 2 de Brahms, o público (sala cheia) já estava aplaudindo.

Ou ainda na turnê de 2007 pela Europa, quando nos apresentamos pela primeira vez no Musikverein de Viena – uma emoção única para mim, nesse palco tão tradicional da música de concerto, onde meu querido e saudoso professor se apresentava regularmente com a Filarmônica de Viena, meus queridos amigos também com suas orquestras, e eu mesma, enquanto aluna ao longo dos meus seis anos de aprendizado.

Voltamos mais uma vez ao Musikverein em 2010 e a emoção foi intensa novamente: no bis, o maestro Yan Pascal Tortelier fez um trecho do Choros 6, de Villa-Lobos – emoção única podermos ter tido o privilégio de levar um pouco da nossa música para aquele palco!

Muitos outros momentos impagáveis: na Concertgebouw de Amsterdã, na Berliner Philharmonie, na Festspielhaus de Salzburg, Bruckner Haus de Linz, Tonhalle de Zurique, Victoria Hall de Genebra, Royal Albert Hall de Londres, Alte Oper de Frankfurt, Sala Pleyel de Paris.

Aliás, em qualquer sala mais tradicional da Europa, são anos e anos de história da música – verdadeiros templos da música de concerto.

Mas é muito gratificante também quando nos apresentamos aqui, em nosso país.

⁶ Disponível em: <www.osesp.art.br/discografia>.

Foi impagável ouvir o público de João Pessoa aplaudindo, em ritmo de baião, o “Mourão” de Guerra-Peixe e Clovis Pereira – que era o nosso bis na turnê brasileira de 2004. Momento inesquecível ter visto o grande músico Sivuca presente na plateia desse concerto.

FIGURA 20 – Turnês OSESP⁷

Temporada	Data	Local	Cidade	País	Série
1997	23/08/1997	Teatro Procópio Ferreira	Tatuí	Brasil	Concertos pelo Estado
	24/08/1997	Teatro Cacilda Becker	São Bernardo do Campo	Brasil	Concertos pelo Estado
	30/08/1997	Teatro Municipal de Araraquara	Araraquara	Brasil	Concertos pelo Estado
	31/08/1997	Theatro Pedro II	Ribeirão Preto	Brasil	Concertos pelo Estado
	31/10/1997	Teatro Municipal de Santo André	Santo André	Brasil	Concertos pelo Estado
	04/11/1997	Teatro Municipal de São Carlos	São Carlos	Brasil	Concertos pelo Estado
	06/11/1997	Teatro Municipal Dr.Losso Neto	Piracicaba	Brasil	Concertos pelo Estado
	07/11/1997	Cine Teatro Santana	São José dos Campos	Brasil	Concertos pelo Estado
1999	19/05/1999	Teatro Municipal Paratodos	Botucatu	Brasil	Concertos pelo Estado
	20/05/1999	Teatro Lulu Benencase	Americana	Brasil	Concertos pelo Estado
	21/05/1999	Teatro Vitória	Limeira	Brasil	Concertos pelo Estado
	12/09/1999	Teatro Guaíra	Curitiba	Brasil	Turnê Brasil
	14/09/1999	Sala Cecília Meireles	Rio de Janeiro	Brasil	Turnê Brasil
	15/09/1999	Sala Cecília Meireles	Rio de Janeiro	Brasil	Turnê Brasil
2000	18/02/2000	Teatro Municipal de São José dos Campos	São José dos Campos	Brasil	Concertos pelo Estado
	19/02/2000	SESC Santos	Santos	Brasil	Concertos pelo Estado
	25/02/2000	Teatro Lauro Gomes	São Bernardo do Campo	Brasil	Concertos pelo Estado
	26/02/2000	Teatro Municipal Dr.Losso Neto	Piracicaba	Brasil	Concertos pelo Estado
	09/06/2000	Theatro Pedro II	Ribeirão Preto	Brasil	Concertos pelo Estado
	10/06/2000	Teatro Municipal José de Castro Mendes	Campinas	Brasil	Concertos pelo Estado
	26/09/2000	Auditório Santa Ursula	Lima	Peru	Turnê América

⁷ De todas as turnês, só não pude estar presente na Turnê Brasileira de 2008. A de 2004, comecei a partir do Concerto em Teresina.

					Latina
	27/09/2000	Auditorio Santa Ursula	Lima	Peru	Turnê América Latina
	29/09/2000	Teatro do Hotel Sheraton	Pilar	Argentina	Turnê América Latina
	30/09/2000	Teatro Colón	Buenos Aires	Argentina	Turnê América Latina
	01/10/2000	Teatro San Martín	Córdoba	Argentina	Turnê América Latina
	02/10/2000	Auditorio Juan Victoria	San Juan	Argentina	Turnê América Latina
2001	29/08/2001	Theatro Pedro II	Ribeirão Preto	Brasil	Concertos pelo Estado
	30/08/2001	SESC Bauru	Bauru	Brasil	Concertos pelo Estado
	31/08/2001	SESC Araraquara	Araraquara	Brasil	Concertos pelo Estado
	01/09/2001	Teatro Estadual Mo. Francisco Paulo Russo	Araras	Brasil	Concertos pelo Estado
2002	11/10/2002	SESC Santos	Santos	Brasil	Concertos pelo Estado
	14/10/2002	Teatro Procópio Ferreira	Tatuí	Brasil	Concertos pelo Estado
	25/10/2002	Orange County Perf.Arts Center	Costa Mesa	EUA	Turnê EUA
	26/10/2002	Orange County Perf.Arts Center	Costa Mesa	EUA	Turnê EUA
	27/10/2002	Cal Poly Theatre	San Luis Obispo	EUA	Turnê EUA
	28/10/2002	Sacramento Comm.Center Theatre	Sacramento	EUA	Turnê EUA
	30/10/2002	Michigan Theater	Ann Arbor	EUA	Turnê EUA
	31/10/2002	Michigan Theater	Ann Arbor	EUA	Turnê EUA
	02/11/2002	New Jersey State Theatre	New Brunswick	EUA	Turnê EUA
	05/11/2002	Stanley Perf.Arts Center	Utica	EUA	Turnê EUA
	06/11/2002	Mechanics Hall	Worcester	EUA	Turnê EUA
	07/11/2002	Jorgensen Auditorium	Storrs	EUA	Turnê EUA
	08/11/2002	Zoellner Arts Center	Bethlehem	EUA	Turnê EUA
	10/11/2002	Avery Fisher Hall	New York	EUA	Turnê EUA
	13/11/2002	Glenn Memorial Auditorium	Atlanta	EUA	Turnê EUA
	14/11/2002	Opelika Center for Perf.Arts	Opelika	EUA	Turnê EUA
	15/11/2002	Alys R. Stephens Center for Performing Arts	Birmingham	EUA	Turnê EUA
	17/11/2002	Bob Carr Auditorium	Orlando	EUA	Turnê EUA
	18/11/2002	Community Church	Vero Beach	EUA	Turnê EUA
	19/11/2002	Kravis Center	West Palm Beach	EUA	Turnê EUA
	20/11/2002	Philharmonic Center for the Arts	Naples	EUA	Turnê EUA
	21/11/2002	Jackie Gleason Theatre	Miami Beach	EUA	Turnê EUA
2003	11/10/2003	Teatro Municipal Teotônio Vilela	Sorocaba	Brasil	Concertos pelo Estado

	16/10/2003	SESC Santos	Santos	Brasil	Concertos pelo Estado
	27/10/2003	Meistersingerhalle	Nürnberg	Alemanha	Turnê Europa
	28/10/2003	Kongresshalle	Augsburg	Alemanha	Turnê Europa
	31/10/2003	Stadt-Casino	Basel	Suíça	Turnê Europa
	01/11/2003	Victoria Hall	Genebra	Suíça	Turnê Europa
	02/11/2003	Tonhalle	Zürich	Suíça	Turnê Europa
	03/11/2003	Kultur-Casino	Bern	Suíça	Turnê Europa
	04/11/2003	Tonhalle	St. Gallen	Suíça	Turnê Europa
2004	22/10/2004	Palácio das Artes	Belo Horizonte	Brasil	Turnê Brasil
	23/10/2004	Teatro Nacional Cláudio Santoro	Brasília	Brasil	Turnê Brasil
	24/10/2004	Teatro Rio Vermelho	Goiânia	Brasil	Turnê Brasil
	27/10/2004	Teatro Amazonas	Manaus	Brasil	Turnê Brasil
	29/10/2004	Theatro da Paz	Belém	Brasil	Turnê Brasil
	01/11/2004	Theatro 4 de Setembro	Teresina	Brasil	Turnê Brasil
	02/11/2004	Theatro José de Alencar	Fortaleza	Brasil	Turnê Brasil
	04/11/2004	Theatro Alberto Maranhão	Natal	Brasil	Turnê Brasil
	05/11/2004	Theatro Santa Roza	João Pessoa	Brasil	Turnê Brasil
	06/11/2004	Teatro de Santa Isabel	Recife	Brasil	Turnê Brasil
	07/11/2004	Teatro Deodoro	Maceió	Brasil	Turnê Brasil
	08/11/2004	Teatro Tobias Barreto	Aracaju	Brasil	Turnê Brasil
	10/11/2004	Teatro Castro Alves	Salvador	Brasil	Turnê Brasil
	13/11/2004	Theatro Municipal do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Brasil	Turnê Brasil
	14/11/2004	Theatro Municipal do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Brasil	Turnê Brasil
2005	27/03/2005	Teatro Ademar Rosa	Florianópolis	Brasil	Turnê Cone Sul
	28/03/2005	Teatro Guaíra	Curitiba	Brasil	Turnê Cone Sul
	30/03/2005	Teatro Colón	Buenos Aires	Argentina	Turnê Cone Sul
	01/04/2005	Teatro Colón	Buenos Aires	Argentina	Turnê Cone Sul
	02/04/2005	Teatro del Libertador	Córdoba	Argentina	Turnê Cone Sul
	04/04/2005	Teatro Municipal de Santiago	Santiago	Chile	Turnê Cone Sul
	05/04/2005	Teatro Municipal de Santiago	Santiago	Chile	Turnê Cone Sul
	07/04/2005	Teatro Solís	Montevideo	Uruguai	Turnê Cone Sul
	09/04/2005	SESI Porto Alegre	Porto Alegre	Brasil	Turnê Cone Sul
	17/04/2005	Theatro Municipal do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Brasil	Turnê Cone Sul
2006	15/10/2006	SESC Santos	Santos	Brasil	Concertos pelo Estado
	22/10/2006	Theatro Pedro II	Ribeirão Preto	Brasil	Concertos pelo Estado

	23/10/2006	Teatro Municipal de Araraquara	Araraquara	Brasil	Concertos pelo Estado
	25/10/2006	Teatro Adamastor	Guarulhos	Brasil	Concertos pelo Estado
	01/11/2006	Metropolitan Museum	New York	EUA	Turnê EUA
	02/11/2006	Clemens Center	Elmira	EUA	Turnê EUA
	03/11/2006	The Music Center at Strathmore	North Bethesda	EUA	Turnê EUA
	04/11/2006	Lehman Center	Bronx	EUA	Turnê EUA
	06/11/2006	Belk Theater	Charlotte	EUA	Turnê EUA
	07/11/2006	Page Auditorium	Durham	EUA	Turnê EUA
	08/11/2006	Wait Chapel Auditorium	Winston-Salem	EUA	Turnê EUA
	09/11/2006	Carnival Symphony Hall	Miami	EUA	Turnê EUA
	12/11/2006	Bob Carr Auditorium	Orlando	EUA	Turnê EUA
	13/11/2006	Kravis Center	West Palm Beach	EUA	Turnê EUA
	14/11/2006	Community Church	Vero Beach	EUA	Turnê EUA
	16/11/2006	Curtis M. Phillips Center for the Perf. Arts	Gainesville	EUA	Turnê EUA
	17/11/2006	Peabody Auditorium	Daytona Beach	EUA	Turnê EUA
	18/11/2006	Au-Rene Theatre	Fort Lauderdale	EUA	Turnê EUA
2007	27/02/2007	Teatro Paulo Machado de Carvalho	São Caetano do Sul	Brasil	Concertos pelo Estado
	06/03/2007	Palau de la Musica	Barcelona	Espanha	Turnê Europa
	07/03/2007	Auditorio de Zaragoza	Zaragoza	Espanha	Turnê Europa
	08/03/2007	Auditorio Nacional de Música	Madrid	Espanha	Turnê Europa
	10/03/2007	Coliseu dos Recreios	Lisboa	Portugal	Turnê Europa
	13/03/2007	Victoria Hall	Genebra	Suíça	Turnê Europa
	14/03/2007	Kultur-Casino	Bern	Suíça	Turnê Europa
	15/03/2007	Auditorium Stravinski	Montreux	Suíça	Turnê Europa
	16/03/2007	Tonhalle	Zürich	Suíça	Turnê Europa
	17/03/2007	Stadt-Casino	Basel	Suíça	Turnê Europa
	18/03/2007	Tonhalle	St. Gallen	Suíça	Turnê Europa
	20/03/2007	Musikverein	Wien	Áustria	Turnê Europa
	22/03/2007	Meistersingerhalle	Nürnberg	Alemanha	Turnê Europa
	23/03/2007	Kölner Philharmonie	Köln	Alemanha	Turnê Europa
	25/03/2007	Sala Béla Bartók	Budapest	Hungria	Turnê Europa
	27/03/2007	Filharmonia	Warszawa	Polônia	Turnê Europa
	29/03/2007	Théâtre du Châtelet	Paris	França	Turnê Europa
	19/05/2007	Parque da Cidade	São José dos Campos	Brasil	Concertos pelo Estado
	20/05/2007	Theatro Municipal do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Brasil	Concertos no Rio de Janeiro
	05/08/2007	Theatro Municipal do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Brasil	Concertos no Rio de Janeiro
	07/10/2007	Theatro Municipal do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Brasil	Concertos no Rio de Janeiro

	30/10/2007	Teatro Coliseo	Buenos Aires	Argentina	Turnê América Latina
	31/10/2007	Teatro Solis	Montevideo	Uruguai	Turnê América Latina
	01/11/2007	Teatro Coliseo	Buenos Aires	Argentina	Turnê América Latina
	02/11/2007	Auditorio Austengo	Rosario	Argentina	Turnê América Latina
2008	23/03/2008	Theatro Municipal do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Brasil	Concertos no Rio de Janeiro
	18/05/2008	Theatro Pedro II	Ribeirão Preto	Brasil	Concertos pelo Estado
	25/05/2008	Theatro Municipal do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Brasil	Concertos no Rio de Janeiro
	04/07/2008	Parque da Cidade	São José dos Campos	Brasil	Osesp Itinerante
	06/07/2008	Paço Municipal	Sorocaba	Brasil	Osesp Itinerante
	11/07/2008	Parque Vitória Régia	Bauru	Brasil	Osesp Itinerante
	13/07/2008	Parque do Engenho	Piracicaba	Brasil	Osesp Itinerante
	17/07/2008	UFSCAR Praça da Bandeira	São Carlos	Brasil	Osesp Itinerante
	18/07/2008	Parque da Represa	São José do Rio Preto	Brasil	Osesp Itinerante
	27/07/2008	Theatro Municipal do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Brasil	Concertos no Rio de Janeiro
	21/09/2008	Theatro Municipal do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Brasil	Concertos no Rio de Janeiro
	01/11/2008	Catedral Basílica	Salvador	Brasil	Turnê Brasil
	02/11/2008	Concha do Teatro Castro Alves	Salvador	Brasil	Turnê Brasil
	03/11/2008	Teatro Castro Alves	Salvador	Brasil	Turnê Brasil
	05/11/2008	Teatro Tobias Barreto	Aracaju	Brasil	Turnê Brasil
	06/11/2008	Teatro Guararapes	Recife	Brasil	Turnê Brasil
	07/11/2008	Praia do Tambaú	João Pessoa	Brasil	Turnê Brasil
	08/11/2008	Catedral da Sé	Recife / Olinda	Brasil	Turnê Brasil
	09/11/2008	Parque do Cocó	Fortaleza	Brasil	Turnê Brasil
	10/11/2008	Theatro José de Alencar	Fortaleza	Brasil	Turnê Brasil
	13/11/2008	Praça Maria Aragão	São Luís	Brasil	Turnê Brasil
	14/11/2008	Theatro da Paz	Belém	Brasil	Turnê Brasil
	15/11/2008	Esplanada	Brasília	Brasil	Turnê Brasil
	16/11/2008	Teatro Nacional Cláudio Santoro	Brasília	Brasil	Turnê Brasil
	17/11/2008	Palácio das Artes	Belo Horizonte	Brasil	Turnê Brasil
	18/11/2008	Teatro Positivo	Curitiba	Brasil	Turnê Brasil
	19/11/2008	SESI Porto Alegre	Porto Alegre	Brasil	Turnê Brasil
2009	17/05/2009	Teatro CIAEI	Indaiatuba	Brasil	Concertos pelo Estado
	18/07/2009	Parque do Povo	Presidente Prudente	Brasil	Osesp Itinerante
	19/07/2009	Clube Atlético	Ourinhos	Brasil	Osesp

		Ourinhense			Itinerante
	01/08/2009	Praça Arautos da Paz	Campinas	Brasil	Osesp Itinerante
	02/08/2009	Parque Central	Santo André	Brasil	Osesp Itinerante
	09/10/2009	Lied Center	Lawrence	EUA	Turnê EUA
	10/10/2009	McCain Auditorium	Manhattan	EUA	Turnê EUA
	11/10/2009	Stephens Auditorium	Ames	EUA	Turnê EUA
	12/10/2009	Harris Theatre	Chicago	EUA	Turnê EUA
	14/10/2009	Krannert Center - Great Hall	Urbana	EUA	Turnê EUA
	16/10/2009	Mechanics Hall	Worcester	EUA	Turnê EUA
	17/10/2009	Troy Savings Bank Music Hall	Troy	EUA	Turnê EUA
	18/10/2009	Fine Arts Center Concert Hall	Amherst	EUA	Turnê EUA
	20/10/2009	Alumni Hall	Annapolis	EUA	Turnê EUA
	21/10/2009	The Music Center at Strathmore	North Bethesda	EUA	Turnê EUA
	23/10/2009	Eisenhower Auditorium	University Park	EUA	Turnê EUA
	24/10/2009	New Jersey State Theatre	New Brunswick	EUA	Turnê EUA
2010	28/03/2010	Parque Municipal Dr.Luís Carlos Raya	Ribeirão Preto	Brasil	Osesp Itinerante
	29/03/2010	Praça Pedro de Toledo	Araraquara	Brasil	Osesp Itinerante
	23/05/2010	Teatro Municipal Dr.Losso Neto	Piracicaba	Brasil	Concertos pelo Estado
	10/10/2010	Theatro Municipal do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Brasil	Concertos no Rio de Janeiro
	06/11/2010	Koncertna Dvorana Vatroslava Lisinskog	Zagreb	Croácia	Turnê Europa
	08/11/2010	Congress Innsbruck	Innsbruck	Áustria	Turnê Europa
	09/11/2010	Musikverein	Wien	Áustria	Turnê Europa
	11/11/2010	Grosses Festspielhaus	Salzburg	Áustria	Turnê Europa
	12/11/2010	Grosses Festspielhaus	Salzburg	Áustria	Turnê Europa
	13/11/2010	Cankarjev Dom	Ljubljana	Eslovênia	Turnê Europa
	15/11/2010	Filharmonia	Warszawa	Polônia	Turnê Europa
	17/11/2010	Kölner Philharmonie	Köln	Alemanha	Turnê Europa
	19/11/2010	Eurogress Aachen	Aachen	Alemanha	Turnê Europa
	21/11/2010	Alte Oper Frankfurt	Frankfurt	Alemanha	Turnê Europa
	23/11/2010	Auditorio Nacional de Música	Madrid	Espanha	Turnê Europa
	24/11/2010	Auditorio Víctor Villegas	Murcia	Espanha	Turnê Europa
2011	15/05/2011	Teatro Municipal de Santo André	Santo André	Brasil	Concertos pelo Estado
	31/10/2011	Theatro Municipal do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Brasil	Turnê Brasil
	01/11/2011	Teatro Castro Alves	Salvador	Brasil	Turnê Brasil
	02/11/2011	Concha do Teatro Castro Alves	Salvador	Brasil	Turnê Brasil
	03/11/2011	Teatro Tobias Barreto	Aracaju	Brasil	Turnê Brasil

	04/11/2011	Teatro Luiz Mendonça	Recife	Brasil	Turnê Brasil
	06/11/2011	Teatro Nacional Cláudio Santoro	Brasília	Brasil	Turnê Brasil
	07/11/2011	Teatro Rio Vermelho	Goiânia	Brasil	Turnê Brasil
	09/11/2011	Teatro Guaíra	Curitiba	Brasil	Turnê Brasil
	10/11/2011	Teatro Guaíra	Curitiba	Brasil	Turnê Brasil
2012	20/05/2012	Teatro Polytheama	Jundiaí	Brasil	Concertos pelo Estado
	15/08/2012	Royal Albert Hall	Londres	Inglaterra	Turnê Europa
	16/08/2012	Snape Maltings Concert Hall	Aldeburgh	Inglaterra	Turnê Europa
	18/08/2012	Kurhaus	Wiesbaden	Alemanha	Turnê Europa
	19/08/2012	Concertgebouw	Amsterdã	Holanda	Turnê Europa
	21/10/2012	Theatro Municipal do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Brasil	Concertos no Rio de Janeiro
2013	26/05/2013	Teatro Municipal José de Castro Mendes	Campinas	Brasil	Concertos pelo Estado
	25/08/2013	Cidade das Artes	Rio de Janeiro	Brasil	Concertos no Rio de Janeiro
	07/10/2013	Salle Pleyel	Paris	França	Turnê Europa
	08/10/2013	Kurhaus	Wiesbaden	Alemanha	Turnê Europa
	09/10/2013	Kölner Philharmonie	Köln	Alemanha	Turnê Europa
	11/10/2013	Halle aux Grains	Toulouse	França	Turnê Europa
	12/10/2013	Victoria Hall	Genebra	Suíça	Turnê Europa
	13/10/2013	Tonhalle	Zürich	Suíça	Turnê Europa
	15/10/2013	Konzerthaus	Wien	Áustria	Turnê Europa
	16/10/2013	Grosses Festspielhaus	Salzburg	Áustria	Turnê Europa
	17/10/2013	Grosses Festspielhaus	Salzburg	Áustria	Turnê Europa
	18/10/2013	Grosses Festspielhaus	Salzburg	Áustria	Turnê Europa
	20/10/2013	Brucknerhaus	Linz	Áustria	Turnê Europa
	21/10/2013	Philharmonie	Berlin	Alemanha	Turnê Europa
	25/10/2013	Royal Festival Hall	Londres	Inglaterra	Turnê Europa
	26/10/2013	National Concert Hall	Dublin	Irlanda	Turnê Europa
	27/10/2013	Bridgewater Hall	Manchester	Inglaterra	Turnê Europa
2014	16/02/2014	Bolsão da Rua do Povo	Taubaté	Brasil	Osesp Itinerante
	18/02/2014	Teatro Municipal de Ribeirão Preto	Ribeirão Preto	Brasil	Osesp Itinerante
	19/02/2014	Teatro Municipal de São João da Boa Vista	São João da Boa Vista	Brasil	Osesp Itinerante
	21/02/2014	Theatro Municipal Paulo Gracindo	Paulínia	Brasil	Osesp Itinerante
	23/02/2014	Paço Municipal	Sorocaba	Brasil	Osesp Itinerante
	25/05/2014	Parque Ecológico	Indaiatuba	Brasil	Concertos pelo Estado
	17/08/2014	Teatro Castro Alves	Salvador	Brasil	Turnê Brasil
	19/08/2014	Cidade das Artes	Rio de Janeiro	Brasil	Turnê Brasil
	21/08/2014	Palácio das Artes	Belo Horizonte	Brasil	Turnê Brasil

	22/08/2014	Theatro São Pedro	Porto Alegre	Brasil	Turnê Brasil
	23/08/2014	Teatro Positivo	Curitiba	Brasil	Turnê Brasil
2015	05/02/2015	Theatro Municipal Paulo Gracindo	Paulínia	Brasil	Osesp Itinerante
	06/02/2015	Sala Palma de Ouro	Salto	Brasil	Osesp Itinerante
	07/02/2015	Teatro Adamastor	Guarulhos	Brasil	Osesp Itinerante
	08/02/2015	Centro de Convenções Prof. Dr. Fausto Victorelli	Pirassununga	Brasil	Osesp Itinerante
	04/10/2015	Theatro Municipal do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Brasil	Concertos no Rio de Janeiro

1.6.6 Fundação OSESP

O ano de 2005 foi um marco na história da orquestra também, quando houve muita negociação entre os envolvidos. Tivemos que abrir mão de alguns direitos para podermos ter como regime de trabalho a CLT (Consolidação das Leis do Trabalho), que com certeza é melhor do que um contrato sem vínculo empregatício, mas por outro lado tem como regime de aposentadoria o INSS. A orquestra tem hoje em dia um plano coletivo de previdência privada. Essa adesão foi feita recentemente, em 2012.

Tivemos muitos avanços, com certeza.

Fazer parte da Fundação OSESP traz, sim, essa dignidade à profissão de músico de orquestra. Temos muito a conquistar, como plano de carreira, por exemplo, porém toda conquista, todo avanço, é um processo que exige negociação, paciência, sabedoria e bom senso.

1.7 CAPÍTULO VI – O “ENSINAR”

Minhas atividades pedagógicas com o contrabaixo vêm desde a época em que era aluna do Prof. Nikolay, no Conservatório de Tatuí.

Eu era bolsista do Conservatório e para merecer a bolsa tinha que colaborar com “horas” e a forma como eu as “pagava” era sendo assistente do meu professor, ensinando seus alunos mais iniciantes. Comecei com essa atividade quando estava na 3ª série do contrabaixo, portanto, lá se vão quase 40 anos.

Gostaria de abordar as atividades pedagógicas em instituições e também nos diferentes festivais de música, encontros de cordas e *master classes*.

Quando voltei de Viena ao Brasil, no final de junho de 1988, participei dos ensaios para o concerto de abertura do Festival de Inverno de Campos do Jordão com a “Estadual” e como professora de contrabaixo, continuando a ser docente por alguns anos consecutivos.

No início da década de 1990 fui chamada para ser professora do Conservatório de Tatuí, onde permaneci de 1991 a 1994.

Fui professora da antiga Universidade Livre de Música (ULM), a escola de música mantida pelo Governo do Estado de São Paulo de 1997 a 2009.

Quando a ULM passou a se chamar EMESP (Escola de Música do Estado de São Paulo), fiz todo o processo seletivo, alcançando a primeira colocação, mas optei por ficar somente na Academia da OSESP.

1.7.1 Guri Santa Marcelina

No ano de 2008, a Profa. Dra. Yara Caznok me chamou para ser consultora de contrabaixo no Guri Santa Marcelina, em São Paulo.

Esse trabalho consistia, entre outras atividades, na elaboração de um “livro/caderno” de técnica para contrabaixo.

Na verdade só aceitei o desafio porque pude adaptar alguns dos volumes de Ludwig Streicher – *Mein Musizieren auf dem Kontrabass* para a nossa realidade brasileira.

Com a ajuda de dois de meus ex-alunos, Fernando Tosta e Fernando Freitas, concentrei os dois primeiros volumes de Streicher em quatro volumes para o Guri Santa Marcelina, usando, em vez de canções folclóricas finlandesas, melodias do cancionero folclórico brasileiro para os diferentes exemplos musicais, entre outras adaptações.

Esse trabalho de consultoria durou até 2012.

1.7.2 Academia de Música da OSESP

Sou professora da Academia da OSESP desde sua criação em 2006. Desde então, a classe de contrabaixo tem 100% de aproveitamento, com seus alunos ou empregados em diferentes orquestras ou continuando seus estudos em instituições de ensino de nível superior ao da própria Academia.

Vale dizer que a Academia da OSESP tem em sua totalidade somente 20 alunos. É um seleto grupo que estuda lá por quatro semestres, tendo aulas individuais de instrumento, de percepção e análise musical, história da música, línguas estrangeiras, música de câmara e a oportunidade de “estagiar” na orquestra. Para isso, esses alunos recebem uma bolsa de estudo e têm um sistema de dedicação exclusiva.⁸

⁸ Lucas Amorim Espósito – Turma I – contrabaixo tutti OSESP.
 Sanderson Cortez Paz – Turma IV – concertino Orquestra do Theatro Municipal de São Paulo.
 Nilson Belloto Neto – Turma VI – concertino Filarmônica de Minas Gerais.
 André Teruo Yamaoka Rosalem – Turma X – contrabaixo tutti Orquestra do Theatro Municipal de São Paulo.
 Luiz Eduardo Ferreira dos Santos – Turma XII – Hochschule Hannover.
 Rafael do Nascimento Figueiredo – Turma XVI – conquistou posto de contrabaixo tutti da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA).

1.7.3 Festivais de música

O primeiro festival de música de que participei como docente foi o Festival de Música de Campos do Jordão, em 1988, do qual tomei parte até 1993, atividade que retomei nos anos 1996 e 2012.

Em 1999 nasceu o primeiro Festival Música nas Montanhas de Poços de Caldas. Sérgio de Oliveira e eu somos professores de contrabaixo desde a primeira edição. Temos um vínculo afetivo com esse festival. Por ele ser em janeiro, época de férias escolares, nossos filhos nos acompanham desde a primeira edição. Ficamos hospedados no Hotel Lisboa, num ambiente bastante familiar.

Ao longo desses anos todos, tive a oportunidade de dar ao contrabaixo um destaque maior, tocando *Passione Amorosa* (concerto para dois contrabaixos) e o *Gran Duo Concertante* para violino, contrabaixo e orquestra, ambos de Giovanni Bottesini, lançando o segundo CD do Quinteto D'Elas e o meu primeiro trabalho solo, o CD "Por toda minha vida". Também realizei um concerto com o Octobass e um que chamei de Clave de "Fá" Convida. Nesse evento, celebramos nossas Bodas de Prata, convidando os demais professores para tocar conosco um programa de música de câmara, com o contrabaixo em evidência. E, é claro, participei com nossos alunos em diferentes programas de conjunto de contrabaixo.

Em 2003, Sergio e eu fomos convidados para o I Instrumenta Verano em Puebla, no México. Esse convite aconteceu após o violinista uruguaio Jorge Risi ter assistido à *Passione Amorosa* em Poços de Caldas, quando estava como docente lá também.

Foi uma honra ter participado desse festival. Pudemos apresentar como solistas a "Passione Amorosa", com a Orquestra de Câmara do Festival Instrumenta Verano.

Participei do Festival Música das Esferas, em Bragança Paulista em 2007.

Participei ainda dos Festivais de Música de Ourinhos nos anos 2008, 2009, 2011, 2013, 2014 e 2015.

Vale dizer que tenho um vínculo afetivo com este festival também.

Pude levar a classe de contrabaixo para se apresentar na UPA (Unidade de Pronto Atendimento) em 2013. Em 2015, nos apresentamos em um orfanato, a Casa Arco Íris. Em ambas as ocasiões, presenciamos a efetividade de um festival como esse dentro da comunidade da cidade, emoção ímpar.

1.7.4 Encontro de Cordas

Pude participar como docente do V Encontro de Cordas da Amazônia em 2013, uma experiência única em uma semana intensa de *master classes*, bem como em um recital na Igreja de Santo Alexandre, em Belém do Pará, uma das igrejas mais antigas do Brasil.

Participei também das edições do Encontro de Cordas do Conservatório de Tatuí nos anos de 2006, 2007, 2010 e 2014, ano este em que o Conservatório de Tatuí celebrou 60 anos, ocasião em que recebi uma belíssima homenagem.

Essa honraria foi absolutamente uma surpresa para mim: logo após meu recital com Helena Scheffel (ex-Quinteto D'Elas), recebi uma placa comemorativa em reconhecimento à minha contribuição como aluna e professora da escola.

Fiquei muito lisonjeada e honrada com a homenagem; afinal, essa escola faz parte da minha história de vida, pois é o lugar onde tudo começou.

Mais recentemente, em 2015, participei como convidada especial do II Dia do Contrabaixo, na Universidade Estadual de Minas Gerais, para falar do meu artigo “O conceito de Musizieren (fazer música) de Ludwig Streicher” –, algo que me deixou extremamente lisonjeada e feliz, dada a boa repercussão que ele gerou –, bem como para ministrar *master classes*.

Atualmente, além da Academia da OSESP, sou também professora de contrabaixo da Faculdade Cantareira de São Paulo.

Tenho que dizer que fico feliz em ter tido a oportunidade de difundir essa “escola” de Ludwig Streicher para algumas gerações.

Sou “filha musical” desse meu professor. Ele tem “netos” e também “bisnetos musicais”, o que faz com que meu orgulho fique ainda maior ao ver essa “escola de

contrabaixo” presente deste outro lado do mundo em diferentes naipes de contrabaixo das diferentes orquestras nas diferentes escolas de música, conservatórios etc.

Gosto de “compartilhar conhecimento”, de dividir, de trocar. Sinto que tenho a contribuir para o ensino de contrabaixo, “repartindo” o que eu sei sobre essa “escola”.

Confesso que essa atividade, esse “ensinar”, foi passando por um processo de mudanças. Tenho certeza de que, hoje em dia, a Valeria que “ensina” contrabaixo é diferente daquela de há quase 30 anos, quando voltava da Áustria.

Fui aprendendo com os alunos ao longo desses anos. As dificuldades que eles têm não são diferentes das que tive como aluna e que ainda tenho no meu cotidiano com o contrabaixo nas mãos. Para mim, esse exercício do “ensinar” é também um grande exercício de humildade. Sempre digo a meus alunos que “temos uma vida inteira para aprender (contrabaixo) e uma eternidade para não conseguir (aprender)”. Recomendo a eles também para que “substituam a palavra desistir por insistir”.

1.8 CAPÍTULO VII – SOLISTA – PARCEIROS MUSICAIS

O contrabaixo é um instrumento essencialmente acompanhador, porém os estudos que fiz, principalmente em Viena, foram direcionados para o aprendizado com diploma de concertista (*Konzertfach*). Para se ingressar numa orquestra, um dos pré-requisitos é o concerto para contrabaixo.

1.8.1 Solista com orquestra

- Orquestra Infanto-Juvenil do Conservatório de Tatuí, sob a regência de José Antônio Pereira (1977).
- Orquestra Armorial de Recife, sob a regência de Henrique Gregóri (1979).
- Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, sob a regência de Arlindo Teixeira (1981), sob a regência de Eleazar de Carvalho (1979 e 1995), sob a regência de Paavo Berglund (2001).
- Orquestra de Cordas do Conservatório de Tatuí, sob a regência de José Coelho de Almeida (1979).
- Orquestra Sinfônica da Escola de Música de Piracicaba, sob a regência de Ernst Mahle (1981).
- Orquestra Sinfônica do Conservatório de Tatuí, sob a regência de Jamil Maluf (1981).
- Orquestra Sinfônica Jovem Municipal de São Paulo, sob a regência de Jamil Maluf (1981 e 1987).
- Wiener Symphonisches Kamerorchester, sob a regência de Anton Gabmayer (1985).
- Orquestra Sinfônica da Universidade de São Paulo (USP), sob a regência de Ronaldo Bologna (1987).
- Orquestra de Câmara do Conservatório de Tatuí, sob a regência de Dario Sotello (1990), de Adriano Machado (1996) e sem regência (2007).
- Orquestra Sinfônica da Paraíba, sob a regência de Osman Gioia (1996).

- Orquestra Sinfônica Juvenil do Estado de São Paulo, sob a regência de João Maurício Galindo (2002).
- Orquestra de Câmara do I Instrumenta Verano, de Puebla, México (2003).
- Orquestra de Câmara Villa-Lobos (2000 e 2008).
- Orquestra Sinfônica de Guarulhos, sob a regência de Emiliano Patarra (2007).
- Orquestra de Cordas do Festival Música nas Montanhas de Poços de Caldas, sob a regência de Jean Reis (2002 e 2008).
- Orquestra Sinfônica de Santo André, sob a regência de Flávio Florence (1991) e sob a regência de Wagner Politschuk (2007).
- Orquestra Sinfônica de Atibaia, sob a regência de Rogério Britto (2008).
- Orquestra Sinfônica de Ourinhos, sob a regência de Jeferson Bento (2008).
- Orquestra Sinfônica de Campinas, sob a regência de Lígia Amadio (2009).
- Orquestra de Câmara de Curitiba, sob a regência de Christopher Whiting (2010).

1.8.2 Parceiros musicais – duos com piano

Gostaria de mencionar os diversos músicos com os quais tive o privilégio de “fazer música em conjunto”, a música de câmara.

Alguns são verdadeiros “parceiros musicais”, “irmãos da música” mesmo, que me ajudaram a moldar musicalmente o que sou hoje. Outros foram encontros fortuitos, mas que me marcaram também.

De qualquer forma, sempre aprendi muito com todos e com a maioria deles o prazer da música em conjunto foi enorme.

A lista está em ordem alfabética:

Ana Lúcia Altino, Antônio Ribeiro Jr., Astrid Spitznagel, Beatriz Aléssio, Clarissa Costa, Dana Radu, Fernando Merlino, Flávio Augusto, Helena Scheffel, Illan

Rechtman, Laís Kaufmann, Karim Uzun, Maria Elisa Risarto, Maria João Pires, Marina Brandão, Max Barros, Myrian Ciarlini, Miguel Proença, Norman Shetler, Reginaldo Mordenti, Ricardo Ballestero, Sônia Rubinsky, Stella Almeida, Vladimir Viardo.

1.8.3 Com contrabaixo, na música de câmara

Adail Fernandes, Alexandro de Oliveira, Alexandre Rosa, Almir Amarante, Anselmo Melosi, Antonio Tomazini, August Trabistch, Chun-Shiang Chou, Cláudio Torezan, Daniel Camargo, Ernst Weissensteiner, Flaviana Cunto Araújo, Herbert Mayr, Ithamar Collaço, Jefferson Collaccico, Lucas Espósito, Max Ebert Filho, Ney Vasconcelos, Paulo Pugliesi, Pedro Poles, Sávio della Corte, Sergio de Oliveira.

1.8.4 Com instrumentos diversos

Violino: Adrian Petrutiu, Alexandre Casado, Betina Stegmann, Cláudio Cruz, Davi Graton, Eliane Tokeshi, Emanuelle Baldini, Igor Sarudiansky, Marcelo Gerschfeld, Maria Vischnia, Nelson Rios, Rafael Pires, Rucker Bezerra, Winston Ramalho, Yuriy Rakevich.

Viola: Adriana Schincariol, Alexandre Rasera, Andrés Lepage, Emerson di Biaggi, Horácio Schaefer, Laura Jordão, Laura Wilcox, Marcelo Jafé, Peter Pas.

Cello: Elen Ramos, Heloísa Meirelles, Hugo Pilger, Johannes Gramsch, Marialbi Trisólio, Maria Luísa Cameron, Robert Suetholz, Roman Mekinulov, Suzana Kato.

Conjuntos: Ensemble Capriccio, Quarteto de Cordas de Brasília, Quarteto Latino-Americano, Quarteto Shostakovitsch.

Flauta: Danilo Mezzadri, Marco Antônio Canello, Renato Axelhud, Sávio Araújo.

Oboé: Ezer Menezes, Joel Gisiger, Peter Apps.

Clarinetas: Cristiano Alves, Daniel Rosas, Edmilson Nery, Luiz Afonso Montanha, Luíz Gonzaga Carneiro, Ovanir Buosi, Sergio Burgani.

Fagote: Elione Medeiros, Fábio Cury, Francisco Formiga, Hary Schweizer, Jamil Bark, José Arion Liñares.

Trompete: Nailson Simões, Wellington Gonçalves.

Trompa: Antonio Augusto, Luiz Garcia, Mário Rocha, Ozéas Arantes.

Trombone: Luiz Fernandes Areias, Radegundes Feitosa.

Percussão: Agnaldo Burgo Jr., César Machado (bateria), Elizabeth Del Grande.

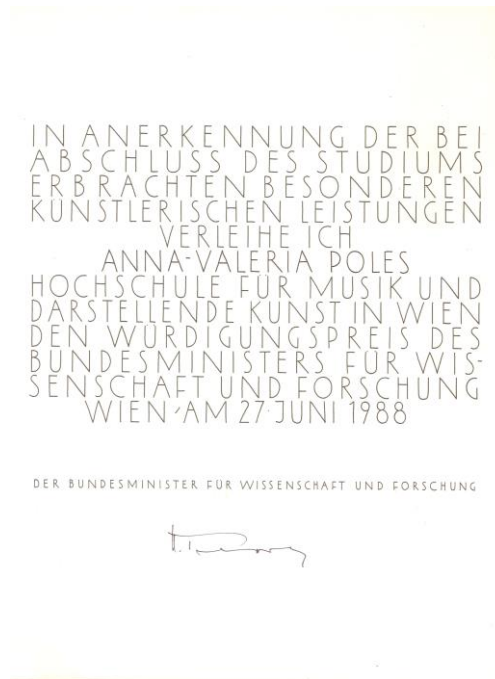
Canto: Jeller Filipe, Luíza de Moura Castro, Raimundo Francine, Suzan Ruggiero, Tuca Fernandes.

Harpa: Suelem Sampaio.

1.9 CAPÍTULO VIII – PRÊMIOS ESPECIAIS E HOMENAGEM

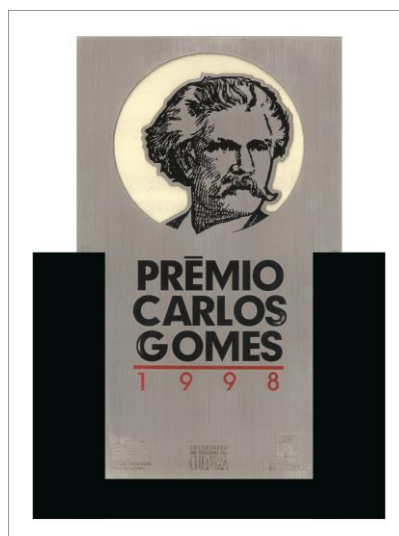
1988 – *Würdigungspreis* (Prêmio de Honra ao Mérito) concedido pelo Ministério de Ciência e Tecnologia da Áustria.

Figura 21 – Würdigungspreis



1998 – Prêmio Carlos Gomes, na Categoria Música de Câmara, para o Quinteto D'Elas.

Figura 22 – Prêmio Carlos Gomes



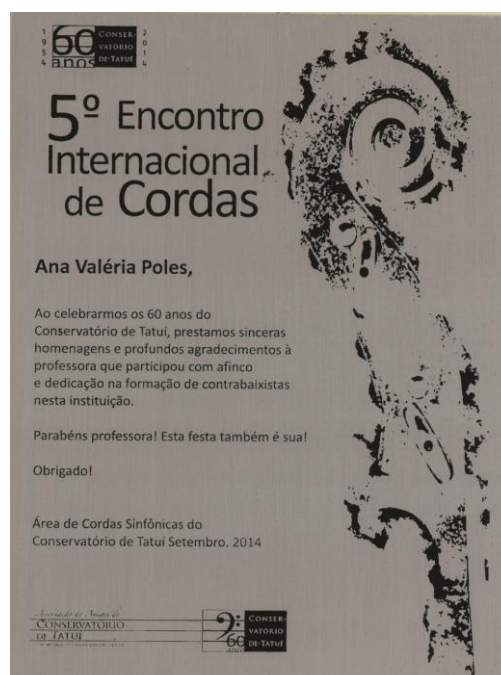
Em 2011, recebi o título de Cidadã Emérita de Tatuí, uma honraria que me foi concedida pela Câmara Municipal de Tatuí.

Figura 23 – Título de Cidadã Emérita de Tatuí



Em 2014, recebi homenagem do Departamento de Cordas por ocasião do Jubileu de 60 anos do Conservatório de Tatuí.

Figura 24 – Homenagem do Conservatório de Tatuí



1.10 CAPÍTULO IX – MEU CONTRABAIXO

Quando comecei a estudar contrabaixo, em 1975, no Conservatório de Tatuí, eu não possuía um instrumento próprio. A escola tinha uma infraestrutura suficiente para fornecer contrabaixos (para se estudar no conservatório, claro) aos alunos que não possuísem instrumentos próprios. Havia contrabaixos tanto para os ensaios do Projeto 75, que funcionava no prédio principal da Rua São Bento em Tatuí, como também no “Museu” (hoje em dia, Casa de Cultura), onde funcionava o ensino das cordas do conservatório. Inicialmente o instrumento que me era autorizado utilizar era um “Benvenuti” – apesar do nome, de fabricação nacional. Depois consegui um *upgrade* e me foi autorizado um contrabaixo de fabricação alemã, “Höfner” – “o baixo furado da Valeria”, como ficou conhecido, pois tinha um furo na lateral esquerda, bem abaixo, que, por incrível que pareça, não afetava a qualidade da sonoridade.

A “disputa” por instrumentos em bom estado de conservação era grande e tínhamos que chegar cedo para conseguir sala disponível também.

Após alguns anos, minha avó Astrogilda (carinhosamente chamada de “vó Zidinha”) e meu pai (o “seu” Sebastião) compraram um contrabaixo para mim de um colega do Prof. Nikolay, Tibor Reisner, também contrabaixista da Orquestra do Theatro Municipal de São Paulo. Hoje em dia esse instrumento está com minha querida amiga, a contrabaixista da Orquestra Sinfônica de Campinas, Flaviana Cunto Araújo.

O arco, eu usava o do Conservatório mesmo. Ao final dos anos 1970, John Brasil, fabricante de arcos, veio até Tatuí e consegui comprar um arco em 10 prestações com o dinheiro da bolsa de estudos que eu recebia do Conservatório. Foi com esse arco que fui para Viena e o possuo até hoje.

Fui sem meu contrabaixo para Viena. Assim que cheguei lá, saí à busca de um. Tarefa nada fácil, mas em um encontro com um dos assistentes do Prof. Streicher, Josef Pitzek, ele me indicou um aluno que possuía dois contrabaixos – August Trabitsch –, hoje uma das minhas grandes amizades.

Fiquei os seis anos do meu curso em Viena com seu instrumento, além de mais dois anos aqui em São Paulo – ele me deixou trazê-lo para cá, pois aquele meu primeiro contrabaixo havia sido vendido para Flaviana, e me disse que eu

poderia devolver-lhe quando pudesse, como se São Paulo-Viena fosse uma conexão logo ali. Esse é o August, altruísta mesmo e de grande generosidade.

De volta ao Brasil, já na “Estadual”, Sérgio e eu tínhamos que levar nossos contrabaixos para os ensaios da orquestra, pois não tínhamos instrumentos sobressalentes para que pudéssemos deixar um no local dos ensaios e outro em casa para os estudos. Tampouco possuíamos carro – meu pai nos emprestou um Fusca, no qual carregávamos os dois contrabaixos. Quase ninguém acredita nesse feito hoje em dia. Uma pena não termos feito fotos à época.

Sr. João Gomes, o “Seu Joãozinho”, dos mais antigos colegas do naipe (muito querido por todos, aliás), pouco antes de se aposentar, nos ofereceu seus dois contrabaixos – um de tamanho 4/4 e outro tamanho 3/4 – para que comprássemos e pagássemos como fosse possível, ou seja, dividindo em parcelas conforme nossas possibilidades. Foi um gesto de extrema generosidade da parte dele e, claro, fizemos de tudo para adquirirmos esses contrabaixos, pois eram, e ainda são, de excelente qualidade. Fiquei com os dois para mim: o maior eu usava na orquestra e na música de câmara e o menor é meu instrumento “solo” até hoje em dia. Nenhum desses contrabaixos possui selo de identificação ou ano de fabricação.

Possuo um outro arco também, modelo “alemão”, que foi comprado na cidade de Buenos Aires. Também não é possível ler quem é o fabricante dele.

Tenho um arco na orquestra – para este utilizo crina preta – e outro em casa, para solos – neste a crina é branca.

Para a orquestra não preciso mais “transportar” meu instrumento. Essa foi uma conquista da nova OSESP: a aquisição de seu instrumental mais pesado como “acervo artístico”. São todos contrabaixos de cinco cordas, fundamentais para repertório sinfônico do porte da nossa orquestra. Uso um de modelo alemão, do fabricante “Grünert”, na OSESP.

Em casa temos dois contrabaixos cada um: dois “de orquestra”, com afinação “sol-ré-lá-mi” (transformamos aquele contrabaixo 4/4 do “seu Joãozinho” em um baixo de 5 cordas, com a corda grave “si”), e dois “solo”, com afinação “lá-mi-si-fá#”, ou seja, um tom acima da afinação de orquestra.

Costumo tocar como solista com afinação “solo”. As cordas são mais finas do que as de orquestra, portanto têm maior brilho e projeção sonora. As cordas que utilizo nos meus instrumentos, inclusive no baixo da orquestra (OESP), são Thomastik “Bel Canto”.

Figura 25 – Contrabaixo solo e contrabaixo de orquestra da OESP



Fotos: Cláudio Torezan

1.11 CAPÍTULO X – EM BANCAS DE CONCURSOS

Como sou “contrabaixo solista” na orquestra, sou convidada a participar das bancas das audições do naipe das cordas da OSESP.

Essa não é uma tarefa fácil, haja vista a carga emocional que provas como essas costumam acarretar.

Eu própria senti isso na pele quando passei pelas audições internas à época da reestruturação da OSESP. Entrei na Sala dos Espelhos do Memorial da América Latina (local das provas) com voz e saí de lá absolutamente afônica – fiquei três longos dias sem voz alguma, muito provavelmente devido ao *stress* emocional dessa prova.

Após a reestruturação, foi adotado um sistema de avaliação parecido com o do sistema europeu, ou seja, normalmente uma primeira fase com concerto clássico como peça de confronto – é a primeira “peneira”. A próxima fase, então, é com um concerto romântico – outra “peneira”. E na terceira fase, com excertos orquestrais predeterminados para cada instrumento.

As duas primeiras fases são feitas normalmente atrás de um biombo (cortina), sem que a banca saiba quem é o(a) candidato(a), dispondo apenas dos números previamente sorteados.

Quando a direção musical passou para a maestrina Marin Alsop, esse sistema mudou um pouco. Ela trouxe para a nossa orquestra o sistema americano, em que para cada fase são tocados excertos orquestrais conjuntamente.

Estar numa banca de concurso traz também surpresas agradáveis, principalmente quando se trata de algum candidato de dentro da orquestra: um colega que queira subir de posto ou algum cachê contratado ou algum (ex)academista que queira se “efetivar” na orquestra. Pude ter esses bons momentos dentro da OSESP ao longo dos anos.

Fui júri numa das provas do Concurso Prelúdio, promovido pela TV Cultura, do ano de 2009 e na prova final do ano de 2010.

Fui banca num concurso interno das cordas do Conservatório de Tatuí no ano de 2014, ano de seu Jubileu de 60 anos.

1.12 CAPÍTULO XI – MESTRADO PROFISSIONAL EM MÚSICA – UFBA

No final de 2014, o Prof. Dr. Lucas Robatto, coordenador da Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Bahia – UFBA, ministrou uma palestra para os músicos da OSESP a respeito do curso de mestrado profissional que estava sendo implantado em Salvador.

Uma das finalidades da palestra era estabelecer uma parceria entre as duas instituições, OSESP e UFBA. A universidade abriu uma linha especial para “músicos de alta performance orquestral”. Nossa orquestra preenchia os pré-requisitos do processo de seleção.

Fiquei entusiasmada com a ideia, principalmente porque, pela primeira vez, meu diploma de Viena poderia ser aceito e, claro, no futuro, poderia compartilhar o que sei sobre Música e sobre meu instrumento em uma instituição universitária. Para tanto, ter mestrado e doutorado é pré-requisito.

Tenho que confessar que este era um universo totalmente diferente para mim – nunca cursei uma universidade aqui no Brasil, pois saí do Conservatório de Tatuí diretamente para Viena, em 1982.

Nunca tive que escrever qualquer texto acadêmico ou qualquer pesquisa nesse sentido – minha área sempre foi de performance mesmo.

Rogério Zaghi, diretor da Academia e dos Projetos Educacionais da OSESP, ficou como um interlocutor entre OSESP e UFBA, portanto fui procurá-lo para tentar traçar um tema para meu Anteprojeto.

Anteprojeto? Nem sabia o que isso significava ao certo.

Como haveria a parceria entre essas duas instituições, achava que o tema deveria contemplar essa linha também, algo sobre a OSESP.

Aceitei a sugestão do Rogério e meu tema inicial seria sobre o histórico da classe de contrabaixo da Academia da OSESP, principalmente porque ela tem 100% de aproveitamento desde que foi implantada, motivo de muito orgulho para mim, aliás.

1.12.1 Processo seletivo

Sete colegas, músicos da OSESP, se mostraram interessados para esse mestrado: Joel Gisiger, 1º Oboé; Sérgio Burgani, 1º Clarinete; Francisco Formiga, fagote; Eduardo Minczuk, trompa; Adriana Holtz, cello; Olga Kopylova, piano; e eu.

As provas seletivas para o ingresso nesse mestrado foram muito difíceis, pelo menos para mim, que estava distante do conteúdo teórico das matérias do exame. Tenho que confessar que pensei muito em desistir do processo, tal eram o meu receio e pavor, causados pela insegurança.

Fomos num domingo para Salvador e logo às 9h da manhã da segunda-feira começamos nossas provas: compreensão de texto em inglês (com direito a consulta a dicionário), compreensão de texto em português, ditado rítmico e melódico, apreciação musical, prova de múltipla escolha de teoria, análise e história da música. Essas provas terminaram às 18:30h, com intervalo para almoço.

No dia seguinte seria a prova prática e a defesa do Anteprojeto perante uma banca, que no meu caso era composta pelos Professores Doutores Alexandre Casado, Beatriz Aléssio e Suzana Kato.

Somente nossa colega Olga não pôde seguir com os estudos, pois seus documentos não chegaram de Moscou a tempo para a formalização burocrática da matrícula.

O resultado foi positivo e meu orientador foi o violinista Prof. Dr. Alexandre Casado.

1.12.2 O curso

Nosso curso foi modular, ou seja, eram trabalhos intensivos durante uma semana toda vez que vínhamos a Salvador.

Temas interessantes, professores muito competentes e instigantes, mas confesso que para mim não foi fácil voltar ser estudante depois de ter me formado havia quase 30 anos na Universidade de Música de Viena.

Era um universo totalmente novo mesmo.

Nossas obrigações para a conclusão final do curso de mestrado profissional consistiam em um Artigo Acadêmico de no mínimo 10 páginas – se conseguíssemos publicá-lo, melhor, pois não precisaríamos submetê-lo à defesa perante a banca ao final do curso; um Memorial, que meu orientador me aconselhou a escrevê-lo retroativo à minha carreira, podendo fazê-lo “à minha maneira”, nos moldes de um livro de memórias; os Relatórios das Práticas Supervisionadas e um Produto Final, a escolher, e que estivesse relacionado à nossa atuação profissional.

1.12.3 O artigo e a escolha do tema

Durante algumas sugestões de leitura, propostas por meu orientador, me deparei com a da tese de doutorado do flautista Raul da Costa d'Avila, que mudou por completo minha maneira de encarar o “escrever na academia” e também o tema do meu artigo.⁹

Eu havia escolhido tratar do Histórico Formativo da Classe de Contrabaixo da Academia da OSESP, mas, quando li a tese do Raul sobre a Professora Odette Ernest Dias, mudei meu tema.

Pensei comigo: se minha classe de contrabaixo é bem sucedida, se teve até agora 100% de aproveitamento, é porque a “escola” é boa – a “escola” de Ludwig Streicher, de quem fui aluna e a qual utilizo com meus alunos.

Este então seria o meu tema: “O conceito de 'Musizieren' (fazer música) de Ludwig Streicher”.

Tenho paixão por esse tema e admiração pela escola – principalmente por meu querido e sempre saudoso professor, o que fez com que me dedicasse de corpo e alma ao assunto.

⁹ D'AVILA, Raul Costa. *Odette Ernest Dias: discursos sobre uma perspectiva pedagógica da flauta*. 2009. 239 f. Tese (Doutorado) – Curso de Música, Programa de Pós-graduação em Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009. Disponível em: <<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/9129>>. Acesso em: 24 mar. 2015.

Consegui escrever o artigo e fiquei bastante lisonjeada quando o Conselho Editorial da Revista Eletrônica do Conservatório de Tatuí aceitou publicá-lo em agosto de 2015.¹⁰

Tinha consciência de que ainda não dominava como escrever as “referências”, mas no segundo semestre de 2015, com as aulas da Profa. Dra. Diana Santiago, comecei a entendê-las um pouco mais.

1.12.4 Memorial “Falando Baixo – Por toda minha vida”

Em 2015, completei 40 anos de contrabaixo. Essa foi a oportunidade que encontrei, com este Memorial, de mergulhar em minhas memórias.

Foi um misto de lembranças boas em grande parte, com direito a muita reflexão; momentos de agradecimento – afinal, tudo o que sou hoje devo à Música, ao contrabaixo –, mas também de lembranças nem tão boas assim. Lembrar dessa fase foi um processo difícil também.

Além disso, são muitas as lembranças e sou péssima com datas. Tive receio de que o Memorial ficasse muito extenso e também de me esquecer de fatos e dados importantes dessa trajetória toda, de 40 anos.

A memória prega peças na gente, mas gostei de escrever e espero que tenha conseguido transparecer isso nestas linhas.

Resolvi dar o nome “Falando Baixo – Por toda minha vida” ao meu Memorial porque a expressão “Falando Baixo” é como se fosse uma marca minha e “Por toda minha vida” é também o nome de meu primeiro CD solo.

1.12.5 Produto Profissional Final

Esta foi outra grande oportunidade que o Mestrado Profissional em Música me proporcionou: conseguir sistematizar uma sequência de arcadas e golpes de

¹⁰ *Revista Eletrônica Intervalo*, Tatuí, SP, v. 1, n. 001/2015, p. 15-22, ago. 2015. Disponível em: <<http://www.conservatoriodetatui.org.br>>. Acesso em: 12 ago. 2015.

arco em escalas e arpejos para contrabaixo que uso há mais de 30 anos.

Essa sequência sempre foi escrita numa folha simples de música, improvisadamente a lápis e a mão – vulgo a “folhinha da Valéria”.

Figura 26 – “Folhinha da Valeria”

The image shows a handwritten musical score for double bass, titled "Folhinha da Valeria". The score is written on a single page of music paper and consists of 12 staves, numbered 1 through 12. The notation includes various rhythmic patterns, such as eighth and sixteenth notes, and rests. The score is written in a single system on a single page of music paper. The notation includes dynamic markings like 'n' (piano) and 'v' (forte), and articulation marks like 'p' (pizzicato) and 'arco' (arco). A tempo marking '♩ = 60' is present at the top right. The score is written in a single system on a single page of music paper.

Agora, com o Mestrado, isso tudo faz parte de um grande projeto (“Falando Baixo”), com o título de “Sistema de arcadas e golpes de arco em escalas e arpejos para contrabaixo”.

Primeiro apresentei meu trabalho para apreciação do meu orientador, que me deu um *feedback* favorável. Depois o mostrei ao Diretor do Centro de Documentação Musical (CDM) da OSESP, acreditando que esse trabalho, por conta

da parceria firmada entre as duas instituições, seria publicado pela OSESP, o que acabou não se concretizando.

Cornelia Rosenthal, diretora da *Revista Concerto* e da Loja Clássicos, me sugeriu duas editoras musicais.

Apresentei-lhes a ideia da publicação desse meu “sistema” e após reunião os editores de uma delas, a Editora Tipografia Musical,¹¹ gostaram bastante do meu projeto e resolveram publicá-lo em junho de 2016.

Fiquei muito feliz com a possibilidade da publicação, afinal, sempre acreditei nesse projeto, pratico esse sistema todos os dias como uma espécie de “higiene musical diária”. Ele serve para meu uso próprio e também o utilizo em minhas atividades pedagógicas, em festivais, *master classes* e encontros de música.

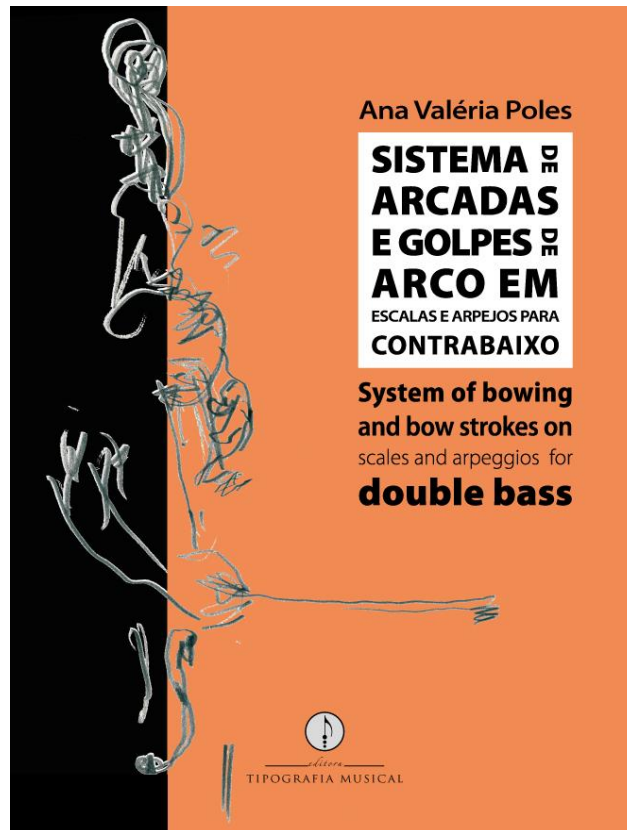
Escrevi dois prefácios (depois renomeados por sugestão dos editores como “Prelúdio I” e “Prelúdio II) para essa “apostila”: “Carta a um jovem contrabaixista” e “Ao professor, com carinho...”, que são o meu público-alvo; uma “Introdução”; o “Sistema” propriamente dito; as “Referências” e os “Agradecimentos”.

Os editores me sugeriram pedir a alguém que escrevesse uma “Apresentação” sobre mim, como se fosse uma orelha de livro, que acabou se tornando o Prefácio.

Não pensei noutra pessoa que não fosse o Prof. José Coelho de Almeida, o então diretor do Conservatório de Tatuí.

¹¹ Disponível em: <www.tipografiamusical.com.br>.

Figura 27 – “Sistema de arcadas e golpes de arco em escalas e arpejos para contrabaixo”



1.13 CAPÍTULO XII – DIA A DIA NO MESTRADO

Gostaria de abordar aqui como tentei resolver as questões das diferentes matérias dentro do mestrado, mas por um viés um pouco diferente, que passa por emoções como alegrias, satisfações, demonstrações de amizade, de respeito, admiração, frustrações, angústias, inseguranças, dúvidas, ansiedade, enfim, uma paleta bem diversificada.

1.13.1 Primeiro Semestre – 2015.1

Nosso curso foi em módulos. Somente por ter sido nesse formato foi que consegui fazer parte dessa turma de mestrandos que começou em 2015.

Meu primeiro círculo de amizade foram meus colegas da OSESP. No início, com os preparativos para as provas seletivas, criamos um grupo numa rede social em que nos ajudávamos mutuamente nas mais diferentes questões relativas ao mestrado. Vieram outras amizades, com o cotidiano das aulas nos diferentes módulos, todas muito queridas também.

No primeiro semestre, os módulos eram de segunda a sexta, das 14 às 17h, com aulas do Prof. Dr. Lucas Robatto – “Fundamentos Teóricos e Práticos da Interpretação Musical” – MUS D43 – e das 18 às 21h com o Prof. Dr. Paulo Costa Lima – “Estudos Bibliográficos e Metodológicos” – MUS 501 e a matéria MUS D48 – “Oficina de Prática Técnico-Interpretativa” –, mais MUS D49 – “Prática Orquestral” –, MUS D50 – “Prática Camerística” – e MUS D57 – “Prática Docente em Ensino Individual Instrumental”. Essas últimas três foram matérias de práticas supervisionadas que contemplavam minhas atividades cotidianas como contrabaixista da OSESP.

Consigo me lembrar como se fosse hoje da primeira aula do Prof. Lucas, nos apresentando quatro gravações diferentes do “Maracatu Atômico”, de Jorge Mautner, e depois seis gravações diferentes do “Verão” das Quatro Estações, de Vivaldi. Interpretações tão diversas, um prazer tê-las ouvido todas.

Depois vieram as aulas do Prof. Paulo Costa Lima, sempre tão cheio de sabedoria, de vitalidade, bom humor e respeito. Mas sua matéria era a de metodologia, cheia de regras, de palavras que nunca tinha ouvido. Não foi fácil para mim. Minha ansiedade, sempre presente, foi despertando a insegurança, o receio de “não dar conta do recado”.

As aulas do Prof. Paulo Costa Lima eram bem concorridas. Contemplava tanto as turmas de mestrandos da área de criação musical, como também a área da educação musical, e, para tanto, Prof. Paulo contou com a providencial ajuda do Prof. Dr. Pedro Amorim, fundamental para ajudar a “destrinchar” textos de leitura que a matéria exigia. Textos instigantes, sim, mas de difícil compreensão, ao menos para mim.

Minha preocupação era com o Artigo Acadêmico. Para tal, fui pesquisar as diferentes formas de se escrever um artigo, tentando encontrar algum que se encaixasse um pouco no tema que havia escolhido.

1.13.2 Segundo Semestre – 2015.2

Para o segundo semestre, foram duas matérias obrigatórias: aulas de Metodologia, que se chamava “Métodos de Pesquisa em Execução Musical” – MUS D42, a cargo da Profa. Dra. Diana Santiago, sempre muito séria, solícita e organizada. A outra foi “Estudos Especiais em Interpretação” – MUS D45, dividida entre os professores doutores Beatriz Alessio, Pedro Robatto e Suzana Kato. De resto continuavam as outras matérias – MUS D48, MUS D49, MUS D50, MUS D57 – e uma a mais – MUS D60, que foi a matéria de “Pesquisa Orientada”.

Dessa vez as aulas começavam pela manhã, terminando ao final da tarde, com intervalo para almoço.

Pude participar de um concerto de música de câmara no dia 03/09/2015 no Museu de Arte Sacra de Salvador. Um belíssimo lugar, um dos cartões postais da cidade. Foi um concerto para formação do Quinteto “A Truta”, de F. Schubert: piano – Profa. Dra. Beatriz Alessio, violino – Prof. Dr. Alexandre Casado (meu orientador), viola – Profa. Laura Jordão, cello – Profa. Dra. Suzana Kato e eu no contrabaixo. Na

primeira parte tocamos ainda o belíssimo Quinteto Fronteiras, do compositor brasileiro Amaral Vieira, e como “bis” a singela “Canção sem palavras”, de Arrigo Barnabé. Fiquei feliz com o programa, pois principalmente Amaral Vieira e Arrigo Barnabé foram minhas sugestões. Pude recordar meus tempos de Quinteto D'Elas, afinal eram composições dedicadas ao Quinteto na primeira parte desse programa.

Apesar de o concerto ter acontecido em setembro de 2015, acabou sendo computado no primeiro semestre, por causa da greve das universidades federais.

Figura 28 – Quinteto com os professores



Nosso último módulo do segundo semestre do curso foi em abril de 2016, devido à greve das Universidades Federais.

Nesse último módulo pudemos fazer um *test drive* de nossas defesas. Foi uma experiência extremamente importante para mim.

Para a “minidefesa” da aula da Profa. Diana Santiago, elaborei, juntamente com meu filho Bruno, um PowerPoint para poder defender meu Produto Final – o meu “Falando Baixo – Sistema de arcadas e golpes de arco em escalas e arpejos para contrabaixo”.

Fiz um treino dessa apresentação – que deveria durar 15 minutos – em minha casa para meus filhos e meu marido. Foi importante ter feito isso justamente porque ali vi que excederia em dois minutos meu tempo.

Fizemos uma “minidefesa” de recital também na aula dos professores Beatriz Aléssio, Pedro Robatto e Suzana Kato. Apresentamos os Quatro Momentos n. 3, de Ernâni Aguiar, uma peça escrita para orquestra de cordas, mas em versão de quinteto, com Angélica Alves Pereira Areias no 1º violino, Sara Fernandes Araújo de Souza no 2º violino, Thaís Cristina da Fonseca Mendes na viola, Adriana Holtz no cello e eu no contrabaixo.

Logo após a nossa apresentação, tivemos que iniciar nossa “minidefesa” e explicar nossas escolhas interpretativas. Fizemos isso a três: Angélica, Thaís e eu, pois a Sara estava tocando conosco como convidada e a Adriana já havia feito sua defesa num duo que também chegou a apresentar.

Figura 29 – Quinteto com as mestrandas



1.13.3 Terceiro Semestre – 2016.1

Para esse semestre tive como matérias obrigatórias MUS D47 – “Projeto de Trabalho de Conclusão Final (TCF)” – e MUS D48 – “Oficina de Prática Técnico-interpretativa”. Não precisávamos fazer essas matérias presencialmente.

Esse foi um semestre usado para a organização do TCF, que, afinal, consistiu de muitos escritos: Memorial, Artigo e Relatórios das Práticas Supervisionadas, sem contar o Produto Profissional, que foi justamente o meu “Falando Baixo – Sistema de arcadas e golpes de arco em escalas e arpejos para contrabaixo”, editado pela Editora Tipografia Musical. O recital/lançamento desse meu “livro/apostila” aconteceu dia 11/06 às 11h na Sala do Coro da Sala São Paulo.

Elaborei esse programa com peças que foram compostas para mim (com uma única exceção):

- Pedro Cameron – 3 Peças para contrabaixo solo (1979);
- Osvaldo Lacerda – Pequena Suíte para contrabaixo e piano (2009), com três movimentos “Desafio – Canção – Afro”;
- Astrid Spitznagel – Scherzetto para contrabaixo e piano (2010);
- Astrid Spitznagel – “O contrabaixo encontra o violino” para contrabaixo e violino (2015) – a única exceção do programa, não composta para mim;
- Tom Jobim/Vinicius de Moraes – “Por toda minha vida” – arranjo de Adail Fernandes para violino e contrabaixo;
- Amaral Vieira – Quinteto Fronteiras para piano, violino, viola, violoncelo e contrabaixo (1999).

O Quinteto Fronteiras foi composto para o Quinteto D’Elas, mas o próprio Amaral Vieira me disse por e-mail que compôs a parte de contrabaixo pensando em mim.

Para esse programa, contei com as participações especiais de Dana Radu ao piano, Betina Stegmann ao violino – para a peça de Astrid Spitznagel e para o “Por toda minha vida”. Para o “Fronteiras”, contei com a participação de três alunos da Academia da OSESP – Ana Carolina Rebouças Guimarães, violino; Clara Lúcia dos Santos, viola; e Rafael de Caboclo Costa, cello –, dentro de minhas atividades como professora de música de câmara.

O meu Produto Profissional Final deveria ser incluído nesse TCF também, mas como ele foi editado pela Editora Tipografia Musical, ou seja, seria

comercializado, tive que apresentá-lo em um outro arquivo – a banca da defesa precisava ter esse material em mãos, já que ele faria parte da defesa também.

Escolhi, juntamente com meu orientador, os membros da banca de defesa, que teria que ser composta por três membros: dois de dentro do Programa de Pós-Graduação em Música – a Profa. Dra. Suzana Kato e meu orientador – e um membro, o músico/contrabaixista Pino Onnis, um “formador de multiplicadores”.

Quando comecei o mestrado lá atrás, em 2015, estava envolta em um misto de emoções, afinal, não tinha tido qualquer experiência acadêmica aqui no Brasil. Tinha deixado de ser aluna em 1988, quando voltei dos meus estudos em Viena ao Brasil.

Agora com o mestrado finalizado, o sentimento que vai predominar é o da saudade: do ambiente acadêmico, dos professores e das boas amizades travadas dentro.

Saudades que certamente se traduzirão em lembranças.

Figura 30 – Turma de mestrandos de 2015



1.14 EPÍLOGO

Espero ter conseguido mostrar um pouco da minha “história” com meu instrumento, na música, aqui neste Memorial. Uma trajetória de muito aprendizado ao longo desses anos.

No entanto tenho consciência de que há muito o que se aprender ainda e sempre. Em minhas aulas vejo que as dificuldades que cada um enfrenta tampouco são diferentes daquelas que enfrentei quando fui aluna também, e ainda enfrento, no meu cotidiano, na música, com o contrabaixo nas mãos, afinal a música é como a vida: dinâmica!

O aprendizado nunca se esgota e o agradecimento não deve se esgotar também.

Portanto, o meu eterno muito obrigada por ter a música em minha vida!

2 ARTIGO ACADÊMICO

O conceito de “*Musizieren*” (fazer música) de Ludwig Streicher

Ana Valeria Poles – PPGPROM UFBA (Programa de Pós-Graduação Profissional em Música da UFBA) avpoles@hotmail.com

“amor da minha vida, daqui até a eternidade...”

Cazuza

RESUMO

Partindo da contribuição pedagógica (escola de contrabaixo) de Ludwig Streicher, o presente artigo pretende refletir sobre o conceito “*Musizieren*” (fazer música) no contrabaixo, que norteia o trabalho de Ludwig Streicher, mostrando alguns dos fundamentos utilizados por ele nos cinco volumes de seu *Mein Musizieren auf dem Kontrabass* (Minha maneira de se fazer música no contrabaixo – tradução da autora).

Palavras-chave: Ludwig Streicher; contrabaixo; pedagogia musical instrumental; “*Musizieren*”.

ABSTRACT

Based on Ludwig Streicher's pedagogical contribution (double bass school), this article intends to reflect upon the idea of “*Musizieren*” (to make music) on the double bass, a concept central to Streicher's work, showing some of the fundamentals used in the 5 volumes of his “*Mein Musizieren auf dem Kontrabass*” (My way of playing the double bass – author’s translation).

Keywords: Ludwig Streicher; double bass; musical instrument pedagogy; “*Musizieren*”.

2.1 INTRODUÇÃO

A origem da palavra em alemão “*Musizieren*” vem de “*musicare*”, do latim da Idade Média (dicionário alemão Duden online, 14/06/2015) e segundo o dicionário alemão de Jacob Grimm e Wilhelm Grimm (versão online, 14/06/2015), significa “fazer música” ou “tocar”, que assim como no inglês, pode ser a tradução de “jogar”, “brincar” ou ainda, segundo o mesmo dicionário alemão, “fazer música com um instrumento”.

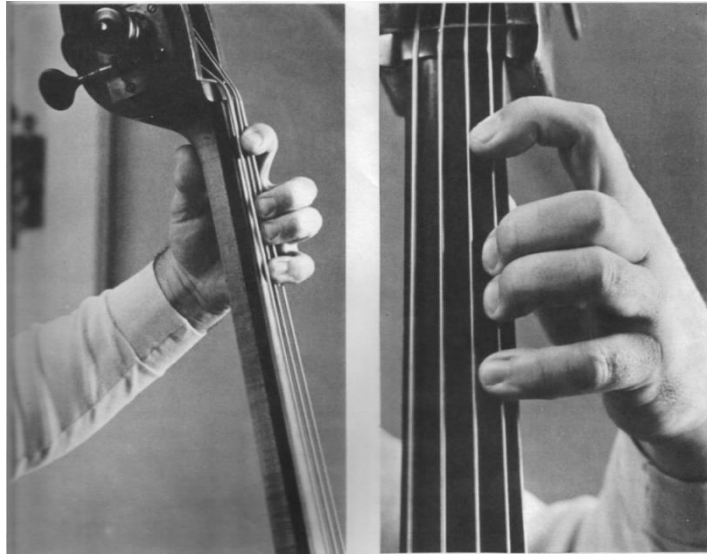
O presente trabalho pretende traduzir este significado no legado do músico/contrabaixista/pedagogo Ludwig Streicher, com quem a autora teve o privilégio de poder estudar durante seis anos, de 1982 a 1988, na *Hochschule für Musik und darstellende Kunst* (Escola Superior de Música e Artes Cênicas), hoje em dia *Universität für Musik und darstellende Kunst* (Universidade de Música e Artes Cênicas) de Viena – Áustria. O próprio termo “*Musizieren*” já nos é apresentado como título dos cinco volumes escritos por Streicher “*Mein Musizieren auf dem Kontrabass*”,¹² que, numa tradução da autora, utilizaremos “Minha maneira de se fazer música no contrabaixo”.

Streicher apresenta sua “escola de contrabaixo” ao longo de seu “*Mein Musizieren auf dem Kontrabass*”, utilizando exercícios para seus exemplos musicais, canções folclóricas finlandesas, trechos de literatura orquestral (excertos orquestrais), bem como trechos da literatura solista do instrumento. Nestes volumes, Streicher segue progressivamente conforme o aprendizado das posições:

Volume I – colocação do instrumento no corpo do aluno/instrumentista, exercícios de arco nas cordas soltas (sem nenhum posicionamento dos dedos da mão esquerda) e a “primeira meia posição” (vide figura 31).

¹² STREICHER, Ludwig. *Mein Musizieren auf dem Kontrabass*. Vienna, Doblinger 1977, 5 volumes.

Figura 31 – Posição da mão esquerda¹³



Fotos: Lawrence Braunstein

Volume II – mudança de posição, da primeira até a quarta posição.

Volume III – da quinta até a sétima posição.

Volume IV – posição do *capotasto*, que é a posição do polegar: posição básica, a transição da posição do final do braço para a posição do polegar (*capotasto*), a meia posição, e depois da primeira até a terceira posição (*capotasto*).

Volume V – da quarta à sétima posição do polegar (*capotasto*) e harmônicos (*flageoletts*) e suas principais posições.

Até a sétima posição (ainda no volume III), antes de entrar na posição do polegar (*capotasto*), no sistema de posições adotado por Streicher, o polegar fica atrás do braço do instrumento, e tem, no sistema de Streicher, uma função de “alavanca”. Ele usa o primeiro (indicador), segundo (médio) e quarto dedos (mínimo), que vem junto com o terceiro dedo (anular) para essas posições. A partir da posição de *capotasto* (posição do polegar), segundo o sistema de Streicher, traz-se o polegar para o “espelho” do instrumento e não se usa mais o quarto dedo (mínimo), substituindo-o pelo terceiro dedo.

A própria “escola” desenvolvida por Streicher, tem sua origem na escola vienense de contrabaixo, com Franz Simandl (* 1840 na Boêmia; + 1912 em Viena),

¹³ Em: STREICHER, Ludwig. *Mein Musizieren auf dem Kontrabass*. Viena, Doblinger; v. I; p. 23. 1977.

virtuoso do contrabaixo, responsável por toda uma geração de contrabaixistas. Como afirma, o flautista/pedagogo, d'Ávila,¹⁴ era um “formador de multiplicadores”, e que por sua vez estudou com Josef Hrabě (* 1816 em Praga-Bubenec; + 1870 em Praga), renomado professor de contrabaixo no Conservatório de Praga. Estes dois escreveram uma literatura significativa dentro da escola de contrabaixo, com seus métodos de técnica e de estudos, bem como peças de concerto; são até hoje utilizados no aprendizado do instrumento.

No primeiro volume *Mein Musizieren auf dem Kontrabass* de Streicher, está praticamente toda a essência de sua “escola”, desde o posicionar o instrumento corretamente, como também a maneira de segurar o arco, com exercícios de corda solta e depois ensino das posições, passando pelos harmônicos, mas principalmente a “filosofia” dessa escola, que segundo a Grande Enciclopédia Larousse Cultural (Larousse 1995, Nova Cultural 1998): “sistema de princípios que explicam ou sintetizam determinada ordem de conhecimentos”, ou mesmo “reunião de conhecimentos ou ideias de uma pessoa”.¹⁵

Ao longo dos cinco volumes o aluno/instrumentista se depara com vários trechos orquestrais (excertos), bem como trechos da literatura solista. Streicher desenvolve também inúmeros exercícios para favorecer a produção do som, questões de afinação, de dinâmica e articulação, com aplicação de exercícios em diferentes golpes de arco. O aluno/instrumentista encontra inúmeros exercícios desmembrados visando à execução de determinada passagem, seja da literatura orquestral sinfônica/operística e/ou solista, sempre de uma forma inteligente, propondo reflexões ao executante, numa maneira mais lógica de “pensar” um dedilhado, ou mesmo “pensar” uma arcada, um golpe de arco, um fraseado musical, respeitando os diferentes estilos musicais.

¹⁴ D'ÁVILA, Raul Costa. “Odette Ernest Dias: sensibilidade(s) a serviço da formação de multiplicadores”, artigo publicado no XVI Congresso da ANPPOM, Brasília, 2006.

¹⁵ Disponível em: <www.dicio.com.br>. Acesso em: 15 jul. 2015.

2.2 LUDWIG STREICHER

Ludwig Streicher nasceu dia 26 de junho de 1920 em Ziersdorf, um município da Baixa Áustria, a aproximadamente 50km de Viena. Seu pai era *Kapellmeister*¹⁶ e fundou também a Escola de Música desse município e foi seu primeiro professor ao violino.

Influenciado por Otto Krumpöck, membro da Orquestra da Ópera Estatal e da Filarmônica de Viena, em 1934, portanto aos 14 anos, Ludwig ingressou na Academia de Música e Artes Cênicas de Viena para aprender contrabaixo, vislumbrando um futuro profissional com este instrumento. Entrou para a classe do Professor Johann Krump e posteriormente para a classe do Professor Karl Schreinzer, ambos “descendentes” da escola vienense de contrabaixo de Franz Simandl.

Aos 18 anos já atuava como convidado (cachê) na Ópera Estatal. Em 1940 concluiu seus estudos com distinção (*Auszeichnung*). Na mesma época apareceu em Viena o *Kapellmeister* do Teatro Estatal de Cracóvia para reunir jovens interessados em ingressar na orquestra de lá, e após a audição de Ludwig Streicher, no dia 1º de setembro de 1940, foi nomeado Primeiro Contrabaixista. Nesta orquestra teve a oportunidade de conhecer o cellista polonês Jozef Mikulsky, um aluno de Casals, e com ele começou a estudar cello. Depois de dois anos de estudo neste instrumento, Streicher se apresentou em audição e conseguiu também o posto de Concertino no naipe de cellos do Teatro Estatal de Cracóvia, acumulando portanto os cargos de Primeiro Contrabaixo e Concertino dos cellos na orquestra.

Durante sua estadia em Cracóvia, Streicher teve sua primeira atuação como solista de contrabaixo no Hospital Militar, com grande êxito de público. No ano de 1942, em uma turnê da Filarmônica de Berlin, sob a batuta de Hans Knappertsbusch, Streicher pôde se apresentar em uma audição quando a orquestra passou por Cracóvia. Com êxito nesta prova foi oferecido a ele um contrato para ingressar nesta orquestra. No entanto, foi chamado para o serviço militar e teve que desistir desse contrato. Perto do final da guerra, foi preso pelos russos, mas em maio de 1945, após fugir da prisão, regressou a pé para sua cidade natal, Ziersdorf.

¹⁶ MARQUES, Diretor/Regente de orquestra. “Maestro”, in: *Dicionário de Termos Musicais*.

No outono do mesmo ano, soube, por um acaso, que na Ópera Estatal de Viena havia uma vaga no naipe de contrabaixos. Determinado, foi de carona em um tanque de guerra oferecido gentilmente por um militar russo até o centro da cidade. Totalmente despreparado, em um instrumento desconhecido para ele, conseguiu a vaga após se apresentar em audição. No ano seguinte tornou-se membro da Orquestra Filarmônica de Viena. Em 1954 conquistou o posto de chefe de naipe, em 1958 tornou-se membro da Música da Capela Real (*Hofmusik Kapelle*). Em 1962 recebeu o título de “Professor” concedido pelo Presidente da República da Áustria.

Em 1965 gravou seu primeiro trabalho solo, um LP pelo selo Amadeo *Musikalische Raritäten für Kontrabass* (“Curiosidades Musicais para Contrabaixo”, tradução da autora), e para isso teve que fazer um trabalho pioneiro de pesquisa de repertório, pois o que se encontrava à época era incompleto e/ou com erros.

Em abril de 1966 realizou seu primeiro recital de contrabaixo, na cidade de Wels, na Alta Áustria. O sucesso de público e crítica foi tal, que este foi o marco inicial de sua carreira solista, como o próprio Streicher gostava de dizer: “de Wels para o mundo!”

Sua cidade natal conferiu a ele o Título de Cidadão Emérito e inaugurou a *Musikhaus Streicher* (“Casa de Música Streicher”).

Ludwig Streicher não foi somente conhecido (e reconhecido) como solista, mas também como professor, recebendo o contrato em 1966 para a classe de contrabaixo na Escola Superior de Música e Artes Cênicas de Viena.

Em 1973 foi nomeado Professor Extraordinário (*Außerordentlich Hochschulprofessor*), mas para se dedicar mais à sua carreira solista e como professor, no dia 31 de agosto de 1973, declinou de seu posto na Ópera Estatal e na Filarmônica, recebendo assim, em 1975 a nomeação para Professor Ordinário (*Ordentlich Hochschulprofessor*).

Em 1º de outubro de 1990, Streicher aposentou-se da Escola Superior de Música de Viena, recebendo no mesmo ano a Condecoração Austríaca “Cruz de Honra” para Ciências e Artes (*Österreichische Ehrenkreuz für Wissenschaft und Kunst*). No ano seguinte foi agraciado com a Insígnia de Ouro para Serviços Prestados à Cidade de Viena (*Goldene Ehrenzeichen für Verdienste um das Land Wien*).

Em outubro de 1992 tornou-se Professor Titular na “Escuela Superior de Música Reina Sofia” em Madrid, onde ficou até o ano de 2001. Em 2000, por ocasião da celebração de seus 80 anos, recebeu do governo espanhol a *Encomienda de Alfonso X*.

Streicher faleceu dia 11 de março de 2003 e seu túmulo se encontra no Cemitério de Hietzing em Viena.

2.3 A ESCOLA DE STREICHER

A “escola” de Streicher é embasada em conceitos já existentes:

“Não quero inventar uma nova escola, criar ou melhorar algum método, mas sim passar para frente, de forma camarada, como um colega e não como um professor frio e seco, a experiência adquirida em 35 anos como músico de orquestra e a experiência como solista no palco, e não numa sala de estudos” (*Mein Musizieren auf dem Kontrabass* – tradução da autora).

Ele ensina a resolver os problemas técnicos/artísticos/musicais do instrumento com lógica, compreensão e reflexão.

O termo “escola”, que no sentido figurado, significa: “conjunto de experiências que contribuem para o amadurecimento da personalidade e/ou que desenvolvem os conhecimentos práticos de determinado indivíduo” e o “fazer escola”, também no sentido figurado: “criar seguidores de princípios ou métodos definidos”.¹⁷

Esses são os princípios que podemos perceber também com a “escola” de Carl Flesch, por exemplo.

A continuidade desses princípios com Max Rostal, através de uma palestra de Berta Volmer, sua assistente, na ESTA – Associação Europeia de Professores de Cordas – palestra acontecida em 1980 na Holanda – “O que aconteceu depois de Flesch?”.¹⁸

O que nos fica claro é quando nos deparamos com uma forma de “evolução” da escola e bem menos de “revolução” de um “método”, afinal à época de Flesch o “gosto musical” fazia parte de todo um contexto, como por exemplo o uso mais frequente de “portamentos”. Assim como tudo na vida, a Música também acompanha o dinamismo dos tempos. Ou seja, a Música é um corpo vivo, dinâmico.

Streicher desenvolveu uma forma mais lógica do uso tanto da mão esquerda como também da mão direita – que ele próprio se referia como a “alma da música”, um termo subjetivo, um tanto abrangente nesse contexto de Streicher, pois envolve emoções, sentimentos no ato de se “fazer música” (*Musizieren*). Foi a fundo nesses

¹⁷ Disponível em: <www.infopedia.com> Acesso em: 14 jun. 2015.

¹⁸ ROSTAL. *Handbuch zum Geigenspiel*, 2. Auflage (2006).

cinco volumes escritos por ele, nos dando as ferramentas para o desenvolvimento do uso do arco em sua “escola de contrabaixo”.

Os fundamentos de Streicher estão nesses cinco volumes escritos em forma de livros de técnica de contrabaixo, mas é fundamental a presença do professor/pedagogo a utilizar esse método, essa “escola de contrabaixo” desenvolvida por Streicher. E aqui temos o sentido da palavra “método” justamente sob o aspecto de “maneira de dizer, de fazer, de ensinar uma coisa, segundo princípios e em determinada ordem”.¹⁹

Corroborando a ideia acima, o violinista/pedagogo Paulo Bosísio,²⁰ quando se referiu ao método Suzuki: “[...] vários outros métodos (os alternativos, optativos, tradicionais, modernizados, antigos), é um método que vai depender basicamente de quem o está aplicando, e não dele (do método) em si”, em “Algumas ideias de Paulo Bosísio sobre aspectos da educação musical instrumental”.²¹

Esse “método”, que nos é apresentado por Streicher em forma de caderno de estudos, livros de técnica, obedecem a ordem de aprendizado, para quem vai se deparar com o instrumento pela primeira vez, mostrando o correto posicionamento do contrabaixo no corpo do aluno/instrumentista, começando pela corda solta, vários exercícios para utilização correta do arco (divisão, ponto de contato, aderência, articulação e troca entre as cordas), na sequência, a colocação da mão esquerda no braço do instrumento, começando pela “primeira meia posição”, e assim sucessivamente, com todas as posições do contrabaixo. Streicher utiliza aqui, em sua “escola de contrabaixo”, o sistema de posições proposto por Franz Simandl, músico de excelência, responsável por uma respeitável “escola” para esse instrumento, e que até hoje, nos tempos atuais, é adotado por inúmeros contrabaixistas.

Trata-se de um sistema onde a mão esquerda encontra-se numa tensão de tom inteiro, portanto entre o dedo indicador (1º dedo) e o mínimo (4º dedo) obtém-se um intervalo de segunda maior, assim como entre o indicador e o dedo médio (2º dedo) e entre o dedo médio e o mínimo, obtém-se um intervalo de segunda menor. O dedo anular (3º dedo) “trabalha” junto ao mínimo. Podemos assim dizer que esse

¹⁹ Disponível em: <www.dicio.com.br>. Acesso em: 15 jul. 2015.

²⁰ ROMANELLI, Guilherme; ILARI, Beatriz; BOSÍSIO, Paulo. Algumas ideias de Paulo Bosísio sobre aspectos da educação musical instrumental. *Opus*, Goiânia, v. 14, n. 2, p. 7-20, dez. 2008.

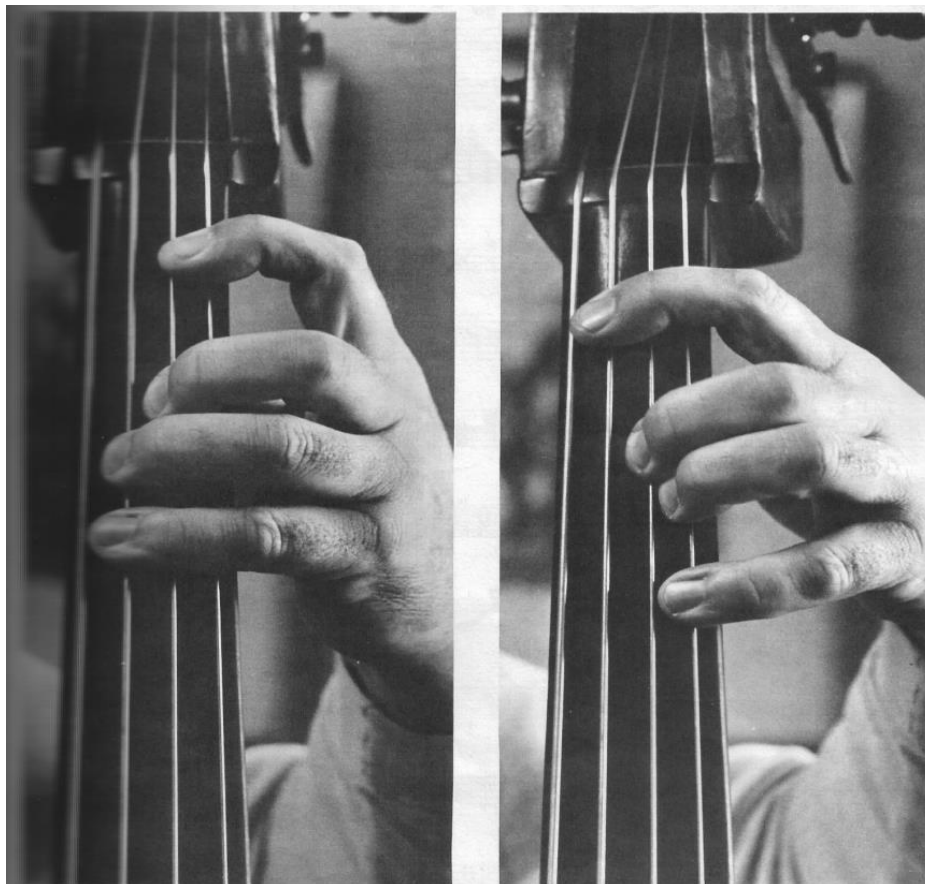
²¹ ROMANELLI, ILARI e BOSÍSIO, Paulo (2008).

Sistema de Simandl tem o dedilhado 1-2-4. As posições de mão esquerda são denominadas de meio em meio tom, portanto, de “meia em meia posição”.

Os alunos de Streicher tinham que seguir seus dedilhados e arcadas, que eram cuidadosamente pensados a favor da Música. O que talvez num primeiro momento pudesse parecer estranho ou até mesmo controverso, como por exemplo, ao se adotar um determinado dedilhado e/ou arcada, mas que mais tarde, no exercício da profissão, viriam a ser comprovados por esses mesmos alunos/instrumentistas no decorrer de suas atividades, afinal esses ensinamentos vieram de uma experiência de 35 anos de dentro de uma orquestra sinfônica (com repertório sinfônico e operístico) e de uma vida de solista e de docente, compartilhando esses ensinamentos, vendo estes mesmos resultados comprovados em seus alunos, que ocupam seus postos nas diferentes orquestras pelo mundo a fora.

Para mudança de posição, por exemplo, que é uma das grandes dificuldades dos instrumentos de cordas tocados com arco, no que se refere à mão esquerda, ele cita logo na página 6 do segundo volume do seu *Mein Musizieren auf dem Kontrabass*, entre outras coisas: “para mudança de posição para o agudo, deve-se usar o primeiro dedo (indicador) e para o grave, o quarto dedo (mínimo), como suporte ao *glissandi*” (tradução da autora), que é o recurso usado para mudanças de posição nos instrumentos de cordas tocados com arco. Outra recomendação dele em relação à mão esquerda: “só escrevo um dedilhado onde ali houver uma mudança de posição” (tradução da autora). Ou seja, fica muito fácil identificar em que posição no espelho do instrumento a passagem deve ser tocada, evitando o que se costuma ver em outros métodos, vários algarismos para dedilhados, que mais parecem estudos de matemática do que outra coisa.

Figura 33 – Troca dos dedos na primeira meia posição²³



Fotos: Lawrence Braunstein.

Mas é em relação à mão direita que sua “escola” faz do seu *Musizieren* ser especial, pois é com o arco que o instrumentista delinea cores, nuances, expressividade, os diferentes golpes de arco, as dinâmicas e a articulação, para produção de um texto condizente com aquilo que se vê proposto na partitura. O próprio Streicher sempre dizia que sua intenção com o contrabaixo era ir “além das notas”.

Um dos pontos fundamentais em sua escola é no que se refere à sua “produção do som”, entonação/afinação e musicalidade. O antebraço deve “cair muito relaxado”, o cotovelo não deve estar fazendo pressão nem para direita, nem para esquerda. O som é gerado através da pressão do braço todo contra o instrumento e apesar desta pressão, o braço tem que estar todo ele relaxado para

²³ Em STREICHER, Ludwig. *Mein Musizieren auf dem Kontrabass*. Viena, Doblinger; V I; p. 23. 1977.

esta função. É como se o instrumentista quisesse pressionar o arco contra seu corpo, mas encontra as cordas do instrumento no meio do caminho.

Para a troca do arco (para cima e para baixo), é o pulso, que juntamente com os dedos fazem os movimentos compensatórios dessa troca, fazendo com que a mesma permaneça imperceptível, absolutamente imprescindível numa frase musical longa. Apesar da pressão, os dedos e o pulso devem permanecer flexíveis.

O que diz Streicher:

“a alma do instrumentista de cordas é a mão do arco. Aqui ele fraseia, aqui ele manifesta emoções, cria dinâmicas do *pianíssimo* 'pp' até o *fortíssimo* 'ff', torna mais fácil a mudança de posição. O arco para baixo deve funcionar como o 'inspirar' e o arco para cima como o 'expirar'. A arte do tocar com arco é o efeito da alavanca. O braço deve funcionar como um pêndulo [...] o segredo do meu som vem do punho.” (tradução da autora)

2.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essas são algumas das características técnicas de sua escola, com as quais podemos nos deparar ao longo dos cinco volumes do seu *Mein Musizieren auf dem Kontrabass*, porém o que Streicher ensinava mesmo durante suas aulas era a “arte de se fazer música”, a arte de seu *Musizieren*, o tal *musicare*, que é um termo abrangente, pois envolve acima de tudo, o “passar emoção” enquanto se está fazendo música.

Lá nos seus cinco volumes (*Mein Musizieren auf dem Kontrabass*), como também no seu sistema de escalas, encontramos as “ferramentas” para esse caminho, mas é quando o ouvimos tocar o seu instrumento, que podemos perceber o artista/músico extraordinário que ele é (foi), pois sua Música está presente nessas gravações.

Streicher sempre dizia a seus alunos que eram três os caminhos a se percorrer para se fazer música (*Musizieren*) no instrumento, passando primeiramente pelo coração, depois a mente e o corpo, assim, nesta ordem. Dizia também que era possível inverter ou mexer nessa ordem, mas que a Música não seria a mesma. O que interessava a ele, como músico, era “tocar as pessoas”, com sua Música, “ir além das notas”.

Por último, Streicher foi um professor extremamente exigente, mas também acolhedor, sempre preocupado com o espírito da classe, da coletividade, sem esquecer do indivíduo que cada um dos seus alunos era ali dentro. Suas aulas eram individuais sim, mas sempre tinham alunos assistindo, ou quem quer que quisesse entrar em sua sala, assistir o (a) outro (a) colega/instrumentista tocar e com isso ver suas próprias dificuldades serem “tratadas” ali. Isso só reforçava o espírito de coletividade que deveríamos trilhar, afinal, o contrabaixo é um instrumento essencialmente acompanhador, não um instrumento solista. Pode sim, ser “também” solista, e isso Streicher nos provou com sua Música, e nos dá as ferramentas para tal, com sua “escola”. Streicher deixou o seu legado mostrando a nós, seus alunos (futuros “formadores de multiplicadores”) com seus ensinamentos, seus livros de técnica de contrabaixo, com o seu *Musizieren*, as ferramentas para a “boa música”, seja ela em conjunto ou como solista/camerista.

BIBLIOGRAFIA

BOSÍSIO, Paulo. 100 Anos de Max Rostal. *Per Musi*, Belo Horizonte, n. 12, p. 105-110, jul. 2005. Julho-dezembro 2005. Disponível em: <www.musica.ufmg.br/permusi/port>. Acesso em: 14 jul. 2015.

D'AVILA, Raul Costa. *Odette Ernest Dias: Sensibilidade(s) a serviço da formação de multiplicadores*. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA (ANPPOM), 16., 2006, Brasília. *Congresso*. Brasília: Congresso da Anppom, 2006. v. 16, p. 1 – 8.

GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. São Paulo: Larousse e Nova Cultural Ltda., 1998. 24 v. (ISBN 85-13-00755-2).

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. *Das Deutsche Wörterbuch: DWB*. Trier, Alemanha: Universität Trier, 1838. 33 v. Disponível em: <dwb.uni-trier.de>. Acesso em: 14 jun. 2015.

MARQUES, Henrique de Oliveira. *Dicionário de Termos Musicais: Inglês-Francês-Italiano-Alemão-Português*. 2. ed. Lisboa: Editorial Estampa, Ltda., 1996. 823 p.

ORTIZ, Luis. *Das Phänomen Ludwig Streicher*. 1995. 30 f. Monografia (Especialização) – Curso de Kontrabass – Konzertfach, Musik, Hochschule Für Musik Und Darstellende Kunst, Viena, 1995.

PLANIAVISKY, Alfred. *Geschichte des Kontrabasses*. Tutzing: Hans Schneider, 1984. 917 p. (ISBN 3 7952 0426 7).

RADIO AUFNAHMEN (Entrevistas de Radio): *Interview mit Gerhard Töschinger*. Radio Burgenland. Austria, 7. Dezember 1976.

_____. *Philharmonische Impressionen*. Radio Ö1. Austria, 28. Dezember, 1985

ROMANELLI, Guilherme; ILLARI, Beatriz; BOSISIO, Paulo. Algumas ideias de Paulo Bosísio sobre aspectos dá educação musical instrumental. *Opus: Revista Eletrônica da ANPPOM*, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 7-20, 30 jul. 2015. Semestral. Disponível em: <www.anppom.com.br>. Acesso em: 30 jul. 2015.

ROSTAL, Max. *Handbuch zum Geigenspiel*. 2. ed. Bern: Musikverlag Müller & Schade Ag, 2006. 205 p. (ISBN 3-9520878-1-5). 2. unveränderte Auflage.

SCHRANZ, Peter. *Ludwig Streicher und sein Kontrabass*. 2002. 52 f. Monografia (Especialização) – Curso de Kontrabass, Musik, Universität Für Musik Und Darstellende Kunst Wien, Viena, 2002.

STREICHER, Ludwig. *Mein Musizieren auf dem Kontrabass*. Viena: Doblinger, 1977. 5 v.

_____. *Tonleiter und Akkordstudien für Kontrabass*. Viena: Doblinger, Edition Ludwig Streicher, 2000. 40 p.

WARNECKE, Friedrich. *“Ad Infinitum”*: Der Kontrabass seine Geschichte und seine Zukunft. Leipzig: Edition Intervalle, 2005. 112 p. (ISBN 978-3-938601-00-6). Ergänzten Faksimile-Neudruck der Originalausgabe von 1909.

ZIEGLER, Bernhard; MAYER, Alexander. www.ludwig-streicher.at. Copyright 2004-2006 Bernhard Ziegler & Alexander Mayer, 1030 Wien, Hoffmannstahlgasse 10/7. Disponível em: <www.ludwig-streicher.at>. Acesso em: 10 jun. 2015.

Sites

<www.dicio.com.br>. Acesso em: 15 jul. 2015.

<www.duden.de>. Acesso em: 14 jun. 2015.

<www.infopedia.pt>. Acesso em: 14 jun. 2015.

ANEXO A – RELATÓRIO DA DISCIPLINA OFICINA DE PRÁTICA TÉCNICO-INTERPRETATIVA 2015.1

FORMULÁRIO DE REGISTRO DE PRÁTICAS PROFISSIONAIS ORIENTADAS

- . **Aluno:** Ana Valeria Poles de Oliveira
- . **Matrícula:** 215115566
- . **Área:** Criação e Execução Musical
- . **Ingresso:** 2015.1
- . **Código/Nome da Prática:** MUS D48 / Oficina de Prática Técnico-Interpretativa
- . **Orientador da Prática:** Prof. Dr. Alexandre Alves Casado

1. DESCRIÇÃO DA PRÁTICA

1.1 Título da Prática: Técnica Contrabaixística aplicada às aulas com a aluna da Graduação da Escola de Música da UFBA Kívia Santos e Prática aplicada à Preparação da Miniturnê “Falando Baixo – 40 Anos de Contrabaixo”

1.2 Carga Horária Total: 70 h

1.3 Período de Realização: 04/08 a 12/06/2015

1.4 Locais de Realização: Escola de Música da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Sala São Paulo.

2. Detalhamento das Atividades (incluindo cronograma):

04/05, 08/06 e 12/06/2015 – 3 aulas dentro dos módulos oferecidos no PPGPROM.

Foi apresentado à aluna Kívia o Sistema de arcadas e golpes de arco em escalas e arpejos para contrabaixo e a sua aplicabilidade no repertório orquestral/solístico/camerístico.

A aula de contrabaixo consiste primeiramente na execução desse Sistema, que serve como uma “higiene musical diária” – mostrar a importância disso à aluna para suas atividades cotidianas no contrabaixo, sempre exemplificando onde e quando determinado tipo de golpe de arco será usado dentro desse cotidiano com o instrumento.

Para essa primeira aula a aluna executou escala de mi maior em três oitavas, na sequência toda desse Sistema.

Logo notou-se que a aluna é habilidosa, mas que tem algumas deficiências com a mão direita – a mão do arco –, por isso mesmo esse Sistema pode servir como excelente aprendizado. Notaram-se problemas na realização do *spicatto*, por exemplo, bem como o *ricochet*.

Depois trabalhamos alguns estudos do caderno de 32 Estudos para Contrabaixo de Storch-Hrabe, alguns exercícios de golpes de arco de Sevcík e também o Concerto para contrabaixo e orquestra de D. Dragonetti.

Para Preparação da miniturnê “Falando Baixo – 40 Anos de Contrabaixo”, que consistiu, nesse primeiro Semestre, em um Recital dia 31/05/2015 no Teatro do Sesi da Avenida Paulista em São Paulo, foram feitos alguns ensaios com a pianista Dana Radu, com quem a aluna mantém um Duo Contrabaixo e Piano, bem como com Pedro Poles, baixista elétrico, após longo preparo individual da contrabaixista, haja visto o repertório “desafiador” para esse primeiro recital.

O programa começou com uma transcrição da Sonata para Violoncelo e Piano op. 21 do compositor Henrique Oswald (feito por Danilo Zangheri e Ana Valeria Poles) – uma obra que para ficar “contrabaixística” e poder ser executada com contrabaixo solo (afinação solista “lá, mi, si, fá#”) exigiu a transposição da parte do piano um tom acima, ou seja, originalmente a Sonata é em ré menor. Nessa transcrição feita, utilizamos mi menor. Com isso, aproveitamos os harmônicos naturais do contrabaixo e as cordas soltas para a realização dos acordes da peça.

Na sequência, em outra transcrição feita pela aluna para a Elegia de Henrique Oswald – também do violoncelo, mas dessa vez não foi necessário se transpor a tonalidade – a parte do contrabaixo foi executada um tom abaixo, mas devido à afinação solista, ficou na tonalidade original – si menor.

Seguiu-se ainda Radamés Gnattali – Canção e Dança para contrabaixo e piano –, uma das principais obras brasileiras originalmente escritas para contrabaixo, em 1934, com a escrita solista e utilizada por Bottesini, principal compositor para o instrumento. Essa escrita consiste em “som real”, que seria na oitava real do instrumento, diferente da escrita do contrabaixo de orquestra, por exemplo, que se costuma escrever em uma oitava acima do que de fato o som que se produz.

Na sequência, três peças com baixo elétrico:

J. S. Bach – Arioso – peça transcrita por Ludwig Streicher, em que a aluna optou pelo baixo contínuo com o baixo elétrico.

Tom Jobim/Vinícius de Moraes – Modinha – com arranjo de Ithamar Pereira. Para esse arranjo, Ithamar (professor de baixo elétrico de Pedro Poles) utilizou recursos de acordes para uma amplitude harmônica, já que o baixo elétrico de Pedro possui cinco cordas. É uma peça que a aluna costumava tocar com o baixista Itamar Collaço, com quem teve um Duo – o “Dois do Contra”, na década de 1990.

Oswaldo Lacerda – Choro Seresteiro – uma obra que permite algumas formações diferentes: dois cellos, ou dois contrabaixos, ou um contrabaixo (ou cello) e piano, ou dois contrabaixos (ou dois cellos) e piano. Optamos por um contrabaixo e um baixo elétrico, com a devida autorização (verbal) da viúva do Prof. Lacerda, a pianista Eudóxia de Barros. Achamos que essa formação (contrabaixo e baixo elétrico) ficou bastante apropriada, devido à sonoridade do baixo elétrico e pela linha musical dessa segunda voz, que é bastante grave, numa alusão ao violão de sete cordas, típico do Choro.

Seguiram-se Giovanni Bottesini – Capriccio di Bravura (contrabaixo e piano) – e Emmerich Kalmann – Aria “Komm Zigany” da Opereta “Gräfin Mariza” –, transcrição feita pela aluna. Ambas as obras são verdadeiros “tour de force” para a instrumentista.

3. Objetivos a serem alcançados com a Prática

. Poder detectar rapidamente as necessidades técnicas e musicais da aluna Kívia, que é matriculada na Graduação em Música, mas que não é assistida com

aulas individuais de contrabaixo, a não ser essas oferecidas a ela dentro do cronograma de módulos do Mestrado Profissional em Música do PPGPROM.

- . Realizar recital dentro das comemorações de 40 anos de carreira da contrabaixista Ana Valeria Poles.

4. Possíveis Produtos Resultantes da Prática

- . Realização do primeiro recital dentro da miniturnê “Falando Baixo – 40 Anos de contrabaixo”, promovido pela Faro Produções aos Teatros do SESI/SP.

- . Produzir um Memorial descritivo da carreira da aluna.

5. Orientação

5.1 Carga Horária da Orientação: 10 h

5.2 Formato da Orientação: Encontros presenciais na EMUS-UFBA dentro do cronograma dos módulos oferecidos no Mestrado Profissional em Música do PPGPROM e transferências de informações por meio de mídia eletrônica e também telefone.

5.3 Cronograma das Orientações – Encontros presenciais: A característica dos trabalhos permitiu, dentro dos propósitos do Mestrado Profissional, um “novo olhar” da aluna, que, após 40 anos de carreira de contrabaixo, conseguiu desenvolvê-lo a partir dessas práticas supervisionadas, pois foram encontros presenciais, bem como à distância (mídia eletrônica e telefone).

ANEXO A – RELATÓRIO DA DISCIPLINA OFICINA DE PRÁTICA TÉCNICO-INTERPRETATIVA 2015.2

FORMULÁRIO DE REGISTRO DE PRÁTICAS PROFISSIONAIS ORIENTADAS

- . **Aluno:** Ana Valeria Poles de Oliveira

- . **Matrícula:** 215115566

- . **Área:** Criação e Execução Musical

- . **Ingresso:** 2015.1
- . **Código/Nome da Prática:** MUS D48/ Oficina de Prática Técnico-Interpretativa
- . **Orientador da Prática:** Prof. Dr. Alexandre Alves Casado

1. DESCRIÇÃO DA PRÁTICA

1.1 Título da Prática: Técnica Contrabaixística aplicada às aulas com a aluna da Graduação da Escola de Música da UFBA Kívia Santos. Prática aplicada à Preparação de dois recitais dentro da miniturnê “Falando Baixo – 40 Anos de Contrabaixo”, bem como Prática aplicada às atividades do “II Dia do Contrabaixo” na UEMG

1.2 Carga Horária Total: 90 h

1.3 Período de Realização: agosto a dezembro de 2015

1.4 Locais de Realização: Escola de Música da UFBA, Sala São Paulo, SESI/Interior de São Paulo e Escola de Música da Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG)

2. Detalhamento das Atividades (incluindo cronograma)

31/08, 04/09 e 06/10/2015 – três aulas dentro dos módulos oferecidos dentro do PPGPROM.

Continuamos o trabalho com a aluna da graduação Kívia Santos, sempre dentro de uma rotina de aulas individuais de instrumento, que consiste em: execução de escalas e arpejos maiores e menores de duas ou três oitavas, dentro do Sistema de arcadas e golpes de arco em escalas e arpejos para contrabaixo, projeto desenvolvido pela aluna como Produto Profissional Final dentro das atividades de Mestrado Profissional em Música. Seguem-se exercícios de golpes de arco de Sevcík.

Trabalhamos ainda E. Mahle – Concertino 1978 para contrabaixo e cordas –, D. Dragonetti – Andante e literatura orquestral.

Para a Preparação dos dois recitais dentro da miniturnê “Falando Baixo – 40 Anos de Contrabaixo”, nos teatros do SESI Birigui e SESI São José do Rio Preto

(dias 11 e 12/12/2015), foi aproveitada parte do programa feito no recital do SESI da avenida Paulista em maio/2015, ficando de fora a Sonata op. 21, de Henrique Oswald, e também as peças com baixo elétrico.

No lugar, foram executadas as 10 Melodias da Cecília, de Ernst Mahle, obra de cunho infanto-juvenil, bastante apropriado para um público do Projeto Guri – projeto social do Governo do Estado de São Paulo, sempre presente em concertos como esse, de “formação de plateia”.

Foram recitais comentados, afinal, trata-se de compositores desconhecidos em grande parte do público.

Para as atividades dentro do “II Dia do Contrabaixo”, promovido pela Escola de Música da UEMG, ocorreram preparações específicas de elaboração de um PowerPoint para a apresentação sobre o Artigo da aluna “O conceito de ‘Musizieren’ (fazer música) de Ludwig Streicher”, publicado na primeira edição da *Revista Eletrônica Intervalo* do Conservatório de Tatuí, bem como de *master classes* ministradas nesse “II Dia do Contrabaixo”.

Houve atividades das 9:30 às 18:00h, no dia 28/11/2015, com diversos alunos de dentro e fora da UEMG, pois o evento era aberto a todos.

3. Objetivos a serem alcançados com a Prática

. Poder detectar rapidamente as necessidades técnicas e musicais da aluna Kívia Santos, dentro do cronograma dos módulos do Mestrado Profissional em Música do PPGPROM.

. Realizar recitais dentro das comemorações de 40 anos de carreira da contrabaixista Ana Valeria Poles.

. Realizar palestra/apresentação do artigo “O conceito de ‘Musizieren’ (fazer música) de Ludwig Streicher”.

. Realizar *master classes* dentro das atividades do “II Dia do Contrabaixo” na UEMG.

. Produzir Memorial descritivo da carreira da aluna.

4. Possíveis Produtos Resultantes da Prática

- . Realização de dois recitais dentro da miniturnê “Falando Baixo – 40 Anos de Contrabaixo”, promovida pela Faro Produções nos teatros do SESI/SP.
- . Palestra/apresentação do artigo “O conceito de ‘Musizieren’ (fazer música) de Ludwig Streicher”.
- . *Master classes* no “II Dia do Contrabaixo” da UEMG.
- . Produzir um Memorial descritivo da carreira da aluna.

5. Orientação

5.1 Carga Horária da Orientação: 12 h

5.2 Formato da Orientação: Encontros presenciais na EMUS – UFBA dentro do cronograma de módulos oferecidos no Mestrado Profissional em Música do PPGPROM e transferências e trocas de ideias por meio de mídia eletrônica, como também ligações telefônicas.

5.3 Cronograma das Orientações – Encontros presenciais: A característica das atividades da prática permitiu, dentro dos propósitos do Mestrado Profissional, um olhar diferente, em relação ao instrumento e à música de uma maneira geral, daquele com que a aluna estava acostumada nesses 40 anos de carreira. Foram orientações que se somaram à bagagem de aprendizado da instrumentista. Houve encontros presenciais nos módulos e por meio de mídia eletrônica, bem como ligações telefônicas.

ANEXO A – RELATÓRIO DA DISCIPLINA OFICINA TÉCNICO-INTERPRETATIVA 2016.1

FORMULÁRIO DE REGISTRO DE PRÁTICAS PROFISSIONAIS ORIENTADAS

- . **Aluno:** Ana Valeria Poles de Oliveira
- . **Matrícula:** 215115566
- . **Área:** Criação e Execução Musical
- . **Ingresso:** 2015.1
- . **Código/Nome da Prática:** MUS D48/ Oficina de prática Técnico-Interpretativa
- . **Orientador da Prática:** Prof. Dr. Alexandre Alves Casado

1. DESCRIÇÃO DA PRÁTICA

1.1 Título da Prática: Técnica Contrabaixística aplicada às aulas com a aluna da Graduação da EMUS-UFBA Kívia Santos e Prática aplicada à Preparação do Recital/Lançamento do livro/apostila “Sistema de arcadas e golpes de arco em escalas e arpejos para contrabaixo”.

1.2 Carga Horária Total: 70 h

1.3 Período de Realização: abril a junho/2016

1.4 Locais de Realização: Escola de Música da UFBA e Sala São Paulo

2. Detalhamento das Atividades (incluindo cronograma)

04/04 e 08/04/2016 – duas aulas dentro dos módulos oferecidos dentro do PPGPROM.

Continuamos o trabalho de aula individual de instrumento com a aluna da graduação Kívia Santos, que consiste numa rotina básica de execução de escalas e arpejos de duas oitavas, sempre dentro da sequência proposta no “Sistema de arcadas e golpes de arco em escalas e arpejos para contrabaixo”, desenvolvido pela aluna Ana Valeria Poles como Produto Profissional Final nas atividades de mestrado profissional em Música. Seguem-se exercícios de Sevcík (golpes de arco), mais a peça Vocalise, de Rachmaninoff, para contrabaixo e piano.

Notou-se um progresso desenvolvido no que se refere ao aprendizado técnico/musical da aluna Kívia, principalmente em relação à mão direita. Há muito ainda a ser conquistado e infelizmente o trabalho com essa aluna foi finalizado, haja visto que essa primeira semana de abril/2016 foi o último módulo presencial dentro do programa de Mestrado Profissional em Música do PPGPROM.

A preparação do Recital/Lançamento do livro/apostila “Sistema de arcadas e golpes de arco em escalas e arpejos para contrabaixo”, lançado em junho/2016 pela Editora Tipografia Musical, exigiu uma preparação individual muito intensa da contrabaixista.

O programa proposto consistiu basicamente de composições dedicadas à instrumentista:

Pedro Cameron – Três Peças para Contrabaixo Solo (1979);

Oswaldo Lacerda – Pequena Suíte (2009): Desafio – Canção – Afro para contrabaixo e piano;

Astrid Spitznagel – Scherzetto, para contrabaixo e piano (2010), e “O contrabaixo encontra o violino”, para contrabaixo e violino (2015) – única peça não dedicada à contrabaixista;

Tom Jobim/Vinícius de Moraes – “Por toda minha vida” – arranjo de Adail Fernandes para violino e contrabaixo (1997), dedicado a Betina Stegmann e Ana Valeria Poles;

Amaral Vieira – Quinteto Fronteiras, op. 297 para piano, violino, viola, cello e contrabaixo (1999) – obra dedicada ao Quinteto D’Elas.

O programa contou com as participações especiais de Betina Stegmann, violino; Dana Radu, piano; e três alunos da Academia da OSESP para o Quinteto Fronteiras de A. Vieira: Ana Carolina Rebouças Guimarães, violino; Clara Lúcia dos Santos, viola; Rafael de Caboclo Costa, cello.

3. Objetivos a serem alcançados com a prática

- . Poder detectar rapidamente as necessidades técnicas e musicais da aluna Kívia Santos, dentro do cronograma dos módulos do Mestrado Profissional em Música do PPGPROM.
- . Realizar o Recital/Lançamento do livro/apostila “Sistema de arcadas e golpes de arco em escalas e arpejos para contrabaixo”.
- . Produzir memorial descritivo da carreira da aluna.

4. Possíveis Produtos resultantes da Prática

- . Realização do Recital/Lançamento do livro/apostila “Falando Baixo – Sistema de arcadas e golpes de arco em escalas e arpejos para contrabaixo”, pela Editora Tipografia Musical, em junho/2016, na Sala do Coro da Sala São Paulo.
- . Memorial descritivo da carreira da aluna.

5. Orientação

5.1 Carga Horária da orientação: 10 h

5.2 Formato da Orientação: Encontros presenciais na EMUS-UFBA dentro do cronograma de módulos oferecidos no Mestrado Profissional em Música do PPGPROM e transferências e trocas de ideias por meio de mídia eletrônica, bem como em ligações telefônicas.

5.3 Cronograma das orientações – Encontros presenciais: A característica das atividades dessa prática permitiu um olhar diferente da instrumentista sobre seu contrabaixo e música de uma maneira geral, dentro dos propósitos do Mestrado Profissional. Os encontros presenciais dentro dos módulos propostos no PPGPROM, bem como em conversas por meio de mídia eletrônica e telefone, foram trocas de ideias que somaram conteúdo à bagagem musical da carreira da aluna.

ANEXO B – RELATÓRIO DA DISCIPLINA MUS D49 – PRÁTICA ORQUESTRAL 2015.1

FORMULÁRIO DE REGISTRO DE PRÁTICAS PROFISSIONAIS SUPERVISIONADAS

- . **Aluna:** Ana Valeria Poles de Oliveira
- . **Matrícula:** 215115566
- . **Área:** Criação e Execução Musical
- . **Ingresso:** 2015.1
- . **Código/Nome da Prática:** MUS D49 / Prática Orquestral
- . **Orientador:** Prof. Dr. Alexandre Alves Casado

1. DESCRIÇÃO DA PRÁTICA

1.1 Título da Prática: Prática como primeira Contrabaixista dentro da temporada oficial da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (OSESP) **2015.1**

1.2 Carga Horária Total: 124 hs

1.3 Período de Realização: 02/02/2015 a 17/05/2015

1.4 Locais de Realização: Sala São Paulo e cidades do interior do Estado de São Paulo (OSESP Itinerante)

2. Detalhamento das Atividades (incluindo cronograma)

2.1. Levantamento de informações auxiliares sobre o repertório específico – análise de partituras, gravações e textos sobre as obras a serem executadas na OSESP.

2.2 Ensaios e concertos de três programas da OSESP:

1) Concerto dentro da programação OSESP Itinerante

Regente: Isaac Karabtchevsky

Repertório: Villa-Lobos: Bachianas Brasileiras n. 4 – Prelúdio: Sinfonia n. 8

I. Stravinsky – O Pássaro de Fogo Suíte – versão 1919

Cronograma e carga horária: três ensaios duplos (15 horas) e quatro

concertos (02/02 a 08/02/2015 – 23 horas)

2) Dois Concertos a Preços Populares (CPP) mais gravação GRV 01

Regente: Isaac Karabtchevsky

Repertório:

Villa-Lobos – Sinfonia n.8 (só gravação)

I. Stravinsky – Suíte “O Pássaro de Fogo”

Cronograma e carga horária: seis sessões de gravação e dos concertos (10/02 a 13/02/2015) – 19 horas

No caso da Sinfonia n. 8 de Villa-Lobos, era uma parte editada pelo CDM (Centro de Documentação Musical) da OSESP, por isso exigiu conferência de notas e um trabalho mais detalhado da partitura.

3) SSP 02 (concerto sinfônico da temporada da OSESP na Sala São Paulo) – dias 05, 06 e 07/03/2015 – quinta e sexta-feira às 21:00h e sábado às 16:30h

Regente: Marin Alsop

Solista: David Fray – piano

Repertório: Prokofief – Valsas op. 110 – excertos

Mozart – Concerto n. 20 para piano e orquestra KV 466

Tchaikovsky – Sinfonia n. 6, op. 74 – Patética

Cronograma e carga horária: ensaios 12.30 horas e 3 concertos 6 horas

4) SSP 04 (concerto sinfônico da temporada da OSESP 2015 na Sala SP) – dias 19, 20 e 21/03/2015 – quinta e sexta-feira às 21h e sábado às 16:30h

Regente: Kristian Järvi

Solista: Arnaldo Cohen – piano

Repertório: Dvorak – Abertura Carnaval, op. 92

Tchaikovsky – Concerto para piano e orquestra n. 1, op. 23

Kodaly – Variações sobre uma canção húngara – O Pavão

BIS: Tchaikovsky – A Dama da Neve – op. 12, Dança dos acrobatas

Cronograma e carga horária: ensaios 12.30 horas e 3 concertos 6 horas

No programa do maestro Järvi (SSP 04), tocamos a peça do Kodaly – pouco executada e fazia muito tempo que a orquestra tocou essa obra pela primeira vez – peça com dois solos de contrabaixo, que exigiu um preparo diferenciado na questão de sonoridade, pois o contrabaixo não costuma ser um instrumento solista na orquestra.

5) SSP 06 (concerto sinfônico da temporada da OSESP na Sala SP) – dias 09, 10 e 11/04/2015 – quinta e sexta-feira às 21h e sábado às 16:30h

Regente: Sir Richard Armstrong

Solista: Angela Hewitt – piano

Repertório: Berlioz – Beatriz e Benedito – Abertura

Mozart – Concerto n. 25 para piano e orquestra KV 503

Frank – Sinfonia em ré menor, op. 48

Cronograma e carga horária: ensaios 12.30 horas e 3 concertos 6 horas

No programa do maestro Armstrong (SSP 06), tocamos uma obra que nunca havíamos tocado – Berlioz – Abertura da Ópera Beatriz e Benedito –, obra de dificuldade rítmica, muito ágil, nos exigiu arcos pouco usuais, como a “arcada invertida”, ou também chamada de “arcada húngara”.

6) SSP 07 + GRV 02 (concerto sinfônico da temporada da OSESP na Sala SP e gravação de CD projeto Prokofief) – concertos quinta e sexta-feira às 21h e sábado às 16:30h

Gravação quinta-feira, sexta-feira, sábado e segunda-feira (20/04/2015)

Regente: Marin Alsop

Solista: Denis Kozhukhin – piano

Repertório: Paulo Costa Lima – Cabinda, Abertura Sinfônica, op.104 – encomenda da OSESP – primeira audição

Chopin – Concerto n. 1 para piano e orquestra, op. 11

Prokofief – Sinfonia n. 6, op.111 (gravação)

Cronograma e carga horária: ensaios e gravação – 20 horas – e concertos – 6 horas

No programa SSP 07, tivemos uma primeira Audição Mundial (Costa Lima) – peça extremamente difícil, tanto ritmicamente, quanto de leitura –, houve muito pouco tempo para preparo coletivo, nos exigindo mais concentração durante os concertos, fora algumas correções também na partitura, pois a obra foi editada pela Editora Criadores do Brasil (Centro de Documentação Musical da OSESP). Outra grande dificuldade desse programa foi também a gravação da Sinfonia n. 6, de Prokofief – obra grande, também quanto à dificuldade.

7) SSP 11 (concerto sinfônico da temporada da OSESP na Sala SP) – concertos quinta e sexta-feira às 21h, sábado às 16:30h e domingo às 11h

Regente: Stéphane Denève

Repertório: J. Williams – Contatos Imediatos: Suíte

B. Hermann – Um corpo que cai

J. Williams – A menina que roubava livros: Suíte

B. Hermann – Psicose/Intriga Internacional: Tema

H. Berlioz – Sinfonia Fantástica, op. 14

Cronograma: ensaios 12.30 horas, 3 concertos 6 horas e 1 concerto matinal 1 hora

No programa SSP 11, tivemos uma primeira parte com trilhas de cinema dos compositores J. Williams e B. Hermann – o maestro conhecia pessoalmente J. Williams e pôde trazer um material especialmente revisado pelo compositor. Na segunda parte do programa foi composta pela conhecida Sinfonia Fantástica de

Berlioz, que no caso do contrabaixo traz dificuldades específicas, como por exemplo: Primeiro Movimento – um trecho todo em contratempos no desenvolvimento – vale dizer que o maestro pegou um tempo bem acessível –, que exigiu, sim, muita atenção de nós músicos, mas que não foi tão difícil como costuma ser. Na Valsa (Baile), a dificuldade é de afinação do naipe todo; no Quarto Movimento temos a dificuldade de um grande trecho em “arcada húngara” (arcada invertida), seguida de uma escala cromática de colcheias – todas com arco “para baixo” – isso sim foi de extrema dificuldade, mais por conta das colcheias cromáticas descendentes “para baixo”. Como tentei resolver essa questão? Tenho um “sistema de escala” – que é um compilado de arcadas e golpes de arco diferentes (C. Flesch) que trouxe do Prof. Streicher, mas ao qual acrescentei vários outros golpes ao longo da minha atuação em orquestra – para o qual transferi essa dificuldade e tentei resolver na escala para depois transferir para o trecho orquestral. Usei isso para mim mesma e também com meu aluno – o academista Rafael Figueiredo, que estava estagiando nesse programa (SSP 11).

O maestro era muito bom, com uma imaginação bastante inspiradora, mas como normalmente há pouco tempo para se ensaiar muita coisa, o concerto de quinta-feira sempre acaba com “cara” de ensaio geral – que foi bem, sim, afinal a orquestra já está acostumada com esse ritmo de trabalho.

8) SSP 14 (concerto sinfônico da temporada da OSESP na Sala SP) – concertos quinta e sexta-feira às 21h, sábado às 16:30 e domingo às 11h

Regente: Tito Muñoz

Solista: Julian Bliss – clarineta

Repertório: Takemitsu – Green

Nielsen – Concerto para clarineta, op. 57

Beethoven – Sinfonia n. 8, op. 93

Cronograma: ensaios 12.30 horas, 3 concertos 6 horas e 1 concerto matinal 1 hora

3. Objetivos a serem alcançados com a Prática

. Desenvolvimento de procedimentos de preparação individual do repertório orquestral específico – estudo individual do repertório a ser cumprido.

. Desenvolvimento de procedimentos de ensaios de naipe e orquestral – marcação prévia de arcadas a partir da parte do *spalla* da orquestra ou sua simples conferência, caso seja um material já executado pela orquestra.

4. Possíveis Produtos Resultantes da Prática

. Relatório/memorial da Prática

. Gravações dos concertos pelo Centro de Documentação Musical da OSESP e/ou Rádio e Televisão Cultura de São Paulo.

5. Orientação

5.1 Carga horária da Orientação: 13 hs

5.2 Formato da Orientação: trabalho dentro das atividades de chefe de naipe dos contrabaixos na OSESP

5.3 Cronograma das Orientações – Encontros presenciais: presenciais dentro dos módulos do PPGPROM da UFBA, como também via e-mails e mensagens via WhatsApp.

ANEXO B – RELATÓRIO DA DISCIPLINA MUS D49 – PRÁTICA ORQUESTRAL 2015.2

FORMULÁRIO DE REGISTRO DE PRÁTICAS PROFISSIONAIS SUPERVISIONADAS

- . **Aluna:** Ana Valeria Poles de Oliveira
- . **Matrícula:** 215115566
- . **Área:** Criação e Execução Musical
- . **Ingresso:** 2015.1
- . **Código/Nome da Prática:** MUS D49/Prática Orquestral
- . **Orientador:** Prof. Dr. Alexandre Alves Casado

1. DESCRIÇÃO DA PRÁTICA

1.1 Título da Prática: Prática como primeira Contrabaixista dentro da Temporada Oficial da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (OSESP) **2015.2**

1.2 Carga Horária Total: 134 h

1.3 Período de Realização: agosto a novembro/2015

1.4 Locais de Realização: Sala São Paulo

2. Detalhamento das Atividades (incluindo cronograma)

2.1 Levantamento de informações auxiliares sobre o repertório específico – análise de partituras, marcações de arcadas conforme as arcadas do *spalla* da orquestra

2.2 Ensaios e concertos de agosto a novembro/2015

1) Concerto dentro da Temporada OSESP

Regente: Jaime Martin

Solista: Antoine Tamestit, viola

Repertório: Hector Berlioz “Harold na Itália”, op. 16

Joaquin Turina “Danças Fantásticas”, op. 22

Manuel De Falla “El Sombrero de Tres Picos”: Suítes n. 1 e 2

Cronograma e carga horária: dois ensaios duplos (10 h) e três concertos (06, 07, 08 e 09/08/2015 – 6 h, e 1 concerto matinal – 1 h)

2) Concerto da Temporada OSESP

Regente: Arvo Volmer

Repertório: Jean Sibelius “Lendas Lemminkäinen”, op. 22: O Retorno

John Adams “Absolute Jest”

Ludwig van Beethoven “Sinfonia n. 7 em Lá maior”, op. 92

Cronograma e carga horária: dois ensaios duplos (10 h) e três concertos (13, 14 e 15/08/2015 – 6 h)

Na obra de John Adams “Absolute Jest”, por exemplo, o compositor especifica um Quarteto de Cordas – que no caso foi feito com o Quarteto OSESP e orquestra, mas no meu entender dessa obra, principalmente a ouvindo e executando, deveria ser para “Quinteto de cordas e orquestra”, haja visto o grande número de solos para o primeiro contrabaixo. O maestro me fez levantar também em todos os concertos para receber os aplausos, juntamente com o Quarteto. É uma obra desafiadora e necessitou atenção especial em meus estudos individuais.

3) Concerto dentro da Temporada OSESP

Regente: Isaac Karabtschevsky

Solistas: Jennifer Rowley (soprano), Christine Rice (mezzo soprano), Anthony Dean Griffey (tenor), Robert Dean Smith (tenor), Lester Lynch (barítono), Andreas Schmidt (narrador), Coro Acadêmico da OSESP, Coro de Câmara Franz Liszt de Weimar, Músicos do Instituto Baccarelli

Repertório: Arnold Schoenberg “Gurre-Lieder”

Cronograma e carga horária: quatro ensaios duplos (20 h), três ensaios (9 h) e três concertos (17, 19 e 21/09/2015 – 8 h)

No caso específico da obra de A. Schoenberg “Gurre-Lieder”, que foi provavelmente a estreia dessa obra no Brasil, tivemos uma orquestra bastante grande no palco, por exemplo, no caso do naipe dos contrabaixos, nosso efetivo são 10 contrabaixistas – tivemos a participação de mais dois – no caso, os dois academistas da OSESP.

Para tanto, fiz alguns ensaios extra somente com eles dois, dado o grau de dificuldade da obra, mas se tratou de um excelente aprendizado dentro do propósito pedagógico da Academia.

4) Concerto dentro da Temporada OSESP

Regente: Marin Alsop

Repertório: Johannes Brahms “Sinfonia n. 1 em dó menor”, op. 68

Johannes Brahms “Sinfonia n. 2 em ré maior”, op. 73

Cronograma e carga horária: dois ensaios duplos (10 h) e três concertos (24, 25 e 26/09/2015 – 6 h)

5) Concerto dentro da Temporada OSESP

Regente: Ragnar Bohlin

Solistas: Marília Vargas (soprano), Luisa Francesconi (mezzo soprano) e Coro da OSESP

Repertório: Tomaso Albinoni “Adágio em sol menor”

Giovanni Pergolesi “Stabat Mater”

Francis Poulenc “Gloria”

Cronograma e carga horária: dois ensaios duplos (10 h) e três concertos (15, 16 e 17/10/2015 – 6 h)

6) Concerto dentro da Temporada OSESP

Regente: Valentina Peleggi

Solista: Baiba Skride, violino

Repertório: Toru Takemitsu “Spirit Garden”

Felix Mendelssohn-Bartholdy “Concerto para violino em mi menor”, op. 64

Pyotr I. Tchaikovsky “Sinfonia n. 6 em si menor”, op. 74 – Patética

Cronograma e carga horária: dois ensaios duplos (10 h) e três concertos (22, 23 e 24/10/2015 – 6 h)

7) Concerto dentro da Temporada OSESP

Regente: Fabio Mechetti

Solista: Daniel Müller-Schott, violoncelo

Repertório: Robert Schumann “Manfred, op. 115: Abertura”

Robert Schumann “Concerto para violoncelo em lá menor”, op. 129

Richard Strauss “Um vida de herói”, op. 40

Cronograma e carga horária: dois ensaios duplos (10 h) e três concertos (19, 20 e 21/11/2015 – 6 h)

3. Objetivos a serem alcançados com a Prática

- . Desenvolvimento de procedimentos de preparação individual do repertório orquestral específico – estudo individual do repertório a ser cumprido
- . Desenvolvimento de procedimentos de ensaio de naipe e orquestral – marcação de arcadas a partir das arcadas do *spalla* da orquestra ou sua simples conferência, quando se trata de material alugado, ou alguma peça que já tenha sido executada pela orquestra.

4. Possíveis Produtos Resultantes da Prática

- . Relatório/memorial da Prática
- . Gravações dos concertos para o acervo da OSESP, bem como alguns programas para a Rádio e Televisão Cultura – “Fundação Padre Anchieta”

5. Orientação

5.1 Carga horária da Orientação: 14 h

5.2 Formato da Orientação: trabalho dentro das atividades de chefe de naipe dos contraibaxos da OSESP

5.3 Cronograma das Orientações – Encontros presenciais: presenciais quando estávamos nos módulos dentro do PPGPROM da UFBA, como também por meio de e-mails e mensagens via WhatsApp.

ANEXO B – RELATÓRIO DA DISCIPLINA MUS D49 – PRÁTICA ORQUESTRAL 2016.1

FORMULÁRIO DE REGISTRO DE PRÁTICAS SUPERVISIONADAS

- . **Aluna:** Ana Valeria Poles de Oliveira
- . **Matrícula:** 215115566
- . **Área:** Criação e Execução Musical
- . **Ingresso:** 2015.1
- . **Código/Nome da Prática:** MUS D49/ Prática Orquestral
- . **Orientador:** Prof. Dr. Alexandre Alves Casado

1. DESCRIÇÃO DA PRÁTICA

1.1 Título da Prática: Prática como primeira Contrabaixista dentro da Temporada Oficial da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (OSESF) **2016.1**

1.2 Carga Horária Total: 182 h

1.3 Período de Realização: fevereiro a junho/2016

1.4 Locais de Realização: Sala São Paulo

2. Detalhamento das Atividades (incluindo cronograma)

2.1 Levantamento de informações auxiliares sobre repertório específico – análise de partituras, marcações de arcadas tomando como base a marcação de arcadas do *spalla* da orquestra.

2.2 Ensaios, concertos e gravações de fevereiro a junho/2016

1) Concerto CPP 02 – Concerto a Preço Popular e Gravação 02

Regente: Isaac Karabtschevsky

Repertório: H. Villa-Lobos – Sinfonia n. 11 (também gravação)

P. I. Tschaikovsky – Romeu e Julieta – Abertura – Fantasia

Cronograma e carga horária: seis ensaios (15 h) e um concerto (2 h)

2) Concerto da Temporada OSESP

Regente: Marin Alsop

Solista: Colin Currie

Repertório: Higdon “Machine”

J. MacMillan “Concerto n. 2 para percussão e orquestra”

G. Mahler “Sinfonia n. 1 em Ré maior – Titã”

Cronograma e carga horária: 6 ensaios (15 h) e 3 concertos (6 h) e 1 concerto matinal (1 hr)

3) Concerto da Temporada OSESP

Regente: Marin Alsop

Solistas: Angela Meade, soprano; Michelle DeYoung, mezo soprano; Dmytro Popov, tenor; Nicolas Testé, barítono; Coral Lírico Paulista; Coro Acadêmico e Coro da OSESP

Repertório: G. Verdi – Missa de Requiem

Cronograma e carga horária: cinco ensaios (13 h) e três concertos (6 h)

4) Concerto da Temporada OSESP

Regente: Valentina Peleggi

Solista: Kismara Pessatti, mezo soprano

Repertório: Villa-Lobos (Rijnvos) – “Valsa da dor”

Villa-Lobos (Rijnvos) – “Alma Brasileira”

M. Buchala – “Cecília”

R. Schumann – “Sinfonia n. 4 em Ré menor, op. 120”

Cronograma e carga horária: seis ensaios (15 h) e três concertos (6h)

5) Concerto da Temporada OSESP mais Gravação 03

Regente: Marin Alsop

Solista: Paul Lewis, piano

Repertório: Mozart – “A Flauta Mágica, KV 620: Abertura”

Mozart – “Concerto n. 12 para piano em Lá maior, KV 414”

Prokofiev “Sinfonia n. 7 em Dó sustenido menor, op. 131”

Para Gravação 03: Prokofiev – “O amor das três laranjas”, op. 33 – Marcha e Scherzo

Prokofiev “Tenente Kijé”, op. 60, Suíte

Cronograma e carga horária: onze ensaios (27 h) e três concertos (6 h)

No caso específico da gravação da obra “Tenente Kijé” de Prokofiev, foi feito um preparo individual específico, em face de alguns solos dentro do segundo Movimento dessa obra.

6) Concerto da Temporada OSESP

Regente: Marin Alsop

Solista: Gabriela Montero, piano

Repertório: Marlos Nobre “Kabbalah, op. 96”

E. Grieg “Concerto para piano em lá menor, op. 16”

Villa-Lobos “Bachianas Brasileiras n. 4 – Prelúdio”

Rachmaninov “Danças sinfônicas, op. 45”

Cronograma e carga horária: cinco ensaios (13 h) e três concertos (6 h)

7) Concerto da temporada OSESP

Regente: Isaac Karabtschevsky

Solistas: Emmanuele Baldini, violino; Fazil Say, piano

Repertório: Dutilleul “Sur le même Accord – Noturno para violino e orquestra”

Mozart “Concerto n. 21 para piano e orquestra em dó maior, KV 467”

Villa-Lobos “Sinfonia n. 2 – Ascensão”

Cronograma e carga horária: cinco ensaios (13 h), três concertos (6 h) e um concerto matinal (1 hr)

8) Concerto de Câmara da OSESP

Regente: Heinz Holliger

Repertório: Schubert “Eine kleine Trauermusik, D 79”

Dvorak “Serenade para sopros, violoncelo e contrabaixo, op. 44”

R. Strauss “Suite para sopros em si bemol maior, op. 4”

Cronograma e carga horária: quatro ensaios (10 h) e um concerto (2 h)

9) Concerto da Temporada OSESP

Regente: Marin Alsop

Solistas: Karen Gomyo, violino; Solistas do Coro Infantil; Coro Acadêmico e Coro da OSESP

Repertório: Tchaikovsky – “Concerto para violino em ré maior, op. 35”

Bernstein “Chichester Psalms”

Villa-Lobos “Choros n. 10 – Rasga Coração”

Cronograma e carga horária: cinco ensaios (13 h) e três concertos (6 h)

3. Objetivos a serem alcançados com a Prática

- . Desenvolvimento de procedimentos de preparação individual do repertório orquestral específico – estudo individual do repertório a ser cumprido.

- . Desenvolvimento de procedimentos de ensaio de naípe e orquestral – marcação de arcadas a partir de arcadas previamente marcadas pelo *spalla* da

orquestra ou sua simples conferência, em se tratando de material alugado e/ou alguma peça já realizada pela OSESP.

4. Possíveis Produtos Resultantes da Prática

- . Relatório/Memorial da Prática
- . Gravações dos concertos para o acervo da OSESP, bem como alguns programas para a Radio e Televisão Cultura – “Fundação Padre Anchieta”.

5. Orientação

5.1 Carga Horária da Orientação: 18 h

5.2 Formato da Orientação: trabalho realizado dentro das atividades de chefe de naipe dos contrabaixos da OSESP.

5.3 Cronograma das Orientações – Encontros presenciais: presenciais dentro do cronograma dos módulos oferecidos dentro do Mestrado Profissional em Música do PPGPROM, bem como troca de ideias por mídia eletrônica e ligações telefônicas.

ANEXO C – RELATÓRIO DA DISCIPLINA PRÁTICA CAMERÍSTICA 2015.1

- . **Aluno:** Ana Valeria poles de Oliveira
- . **Matrícula:** 215115566
- . **Área:** Criação e Execução Musical
- . **Ingresso:** 2015.1
- . **Código/Nome da Prática:** MUS D50 Prática Camerística
- . **Orientador:** Prof. Dr. Alexandre Casado

1. DESCRIÇÃO DA PRÁTICA

1.1 Título da Prática: Recital “Falando Baixo – 40 anos de Contrabaixo”

1.2 Carga Horária Total: 60 h

1.3 Período de Realização: abril e maio/2015

1.4 Locais de Realização: Teatro do Sesi Paulista – Av. Paulista – São Paulo

2. Detalhamento das Atividades (incluindo cronograma)

As atividades dessa Prática se desenvolveram principalmente em função da preparação de uma miniturnê celebrando os 40 anos de contrabaixo da aluna, dentro de um projeto aprovado pela Faro Produções Artísticas na programação do Sesi/SP, contando com um recital primeiramente em maio (31/2005), em São Paulo, e posteriormente, no segundo semestre, nos teatros do Sesi de Birigui e São José do Rio Preto, ambas cidades do interior de São Paulo.

Para essa miniturnê foram preparados dois programas:

Em São Paulo

. Henrique Oswald – “Sonata op. 21”, transcrição para contrabaixo e piano de Danilo Zangheri e Ana Valeria Poles; “Elegia” – transcrição para contrabaixo e piano de Ana Valeria Poles.

. Radamés Gnatalli – “Canção e Dança” para contrabaixo e piano.

- . Johann Sebastian Bach – “Arioso” para contrabaixo e baixo elétrico.
- . Tom Jobim/Vinicius de Moraes – “Modinha” para contrabaixo e baixo elétrico.
- . Osvaldo Lacerda – “Choro Seresteiro” para contrabaixo e baixo elétrico; “Pequena Suíte (Desafio – Canção – Afro)” para contrabaixo e piano – obra dedicada a Ana Valeria Poles.
- . Giovanni Bottesini – “Capriccio di Bravura” para contrabaixo e piano.
- . Emmerich Kalmann – Ária “Komm Zigany” da Opereta Gräfin Mariza – transcrição para contrabaixo e piano de Ana Valeria Poles.

Participação especial: Pedro Poles – baixo elétrico.

No interior de São Paulo

- . Radamés Gnatalli – “Canção e Dança” para contrabaixo e piano.
- . Henrique Oswald – “Elegia” para contrabaixo e piano – transcrição de Ana Valeria Poles.
- . Ernst Mahle – “10 Melodias da Cecília”:
 - “Passeio do urso”; “Hipopótamo aplicado”; “Valsa do Pierrô”; “Gigantes e Gnomos”; “Valsa do Arlequim”; “O cavalo divertido”; “Tristezas do elefante”; “Girafa no balanço”; “Estripulias do macaco”; “Valsa da preguiça”.
- . Osvaldo Lacerda – “Pequena Suíte para contrabaixo e piano” (obra dedicada a Ana Valeria Poles); “Desafio – Canção – Afro”.
- . Giovanni Bottesini – “Capriccio di Bravura” para contrabaixo e piano.
- . Emmerich Kalmann – Ária “Komm Zigany” da Opereta Gräfin Mariza – transcrição para contrabaixo e piano de Ana Valeria Poles.

No recital desse primeiro semestre, a aluna teve a participação especial de seu filho Pedro Poles, numa alusão ao Duo Dois do Contra.

Ocorreu uma miniturnê com a pianista Dana Radu, com quem a aluna tem um Duo desde 2009.

3. Objetivos a serem alcançados com a Prática

- . Prática camerística.
- . Preparação desses recitais da miniturnê celebrando os 40 anos de atividades com o contrabaixo da instrumentista.

4. Possíveis Produtos Resultantes da Prática

- . Recitais para a miniturnê “Falando Baixo – 40 Anos de Contrabaixo” pelos teatros do SESI/SP.
- . Relatório/Memorial da Prática.

5. Orientação

5.1 Carga horária da Orientação: 6 h

5.2 Formato da Orientação: Encontros presenciais dentro do cronograma dos módulos do PPGPROM na Escola de Música da UFBA e por e-mails, bem como mensagens via WhatsApp

5.3 Cronograma das orientações – encontros presenciais: uma hora em cada módulo oferecido dentro do PPGPROM e o restante por meio de mídia eletrônica e redes sociais.

ANEXO C – RELATÓRIO DA DISCIPLINA PRÁTICA CAMERÍSTICA 2015.2

- . **Aluno:** Ana Valeria Poles de Oliveira
- . **Matrícula:** 215115566
- . **Área:** Criação e Execução Musical
- . **Ingresso:** 2015.1
- . **Código/Nome da Prática:** MUS D50 Prática Camerística
- . **Orientador:** Prof. Dr. Alexandre Alves Casado

1. DESCRIÇÃO DA PRÁTICA

1.1 Título da Prática: Concerto do Quarteto Metamorfoses – Quinteto formado por piano, violino, viola, violoncelo e contrabaixo e miniturnê “Falando Baixo – 40 Anos de Contrabaixo”

1.2 Carga Horária Total: 60 h

1.3 Período de Realização: 31/08 a 03/09/2015 e 11 e 12/12/2015

1.4 Locais de Realização: Museu de Arte Sacra de Salvador e teatros do SESI/SP de Birigui e São José do Rio Preto, SP

2. Detalhamento das atividades (incluindo cronograma)

O Concerto no Museu de Arte Sacra de Salvador foi organizado pelos professores doutores Alexandre Casado (orientador), Beatriz Aléssio, Laura Jordão e Suzana Kato, que fazem parte do Quarteto Metamorfoses, para, juntamente com a aluna contrabaixista, poderem realizar as peças:

- . Amaral Vieira – “Quinteto Fronteiras”
- . Franz Schubert – Quinteto op. 114 “A Truta”

Como “bis”, o quinteto apresentou a “Canção sem palavras” do compositor Arrigo Barnabé.

As peças de Amaral Vieira e de Arrigo Barnabé foram sugestões da aluna contrabaixista, devido aos quase 10 anos de atividades com o Quinteto D'Elas, conjunto idealizado pela mesma.

Para a preparação desse concerto, foram necessários ensaios num terceiro período (noite) dentro do módulo do PPGPROM de 31/08 a 04/09/2015, haja visto que as aulas eram pela manhã e tarde, ou mesmo antes do início das aulas, pela manhã.

Para a miniturnê nos SESI/SP do interior de São Paulo, ocorreram preparações na Sala SP, com a coordenação de agendas da aluna e da pianista Dana Radu, além de suas atividades como primeira Contrabaixista da OSESP e professora na Academia da OSESP.

3. Objetivos a serem alcançados com a Prática

- . Prática camerística.
- . Preparação do Concerto dentro das atividades do Quarteto Metamorfoses.
- . Preparação dos recitais da miniturnê celebrando os 40 anos de atividades com o contrabaixo da instrumentista.

4. Possíveis Produtos Resultantes da Prática

- . Concerto com o Quarteto Metamorfoses no Museu de Arte Sacra de Salvador.
- . Recitais para a miniturnê “Falando Baixo – 40 Anos de Contrabaixo” pelos teatros do SESI/SP de Birigui e São José do Rio Preto.
- . Relatório/Memorial da Prática.

5. Orientação

5.1 Carga Horária da Orientação: 15 h

5.2 Formato da orientação: Encontros presenciais devido ao número de ensaios com o orientador na Escola de Música da UFBA para o concerto no Museu

de Arte Sacra de Salvador, como também por meio de mídia eletrônica e redes sociais.

5.3 Cronograma das orientações – encontros presenciais: 8 h com ensaios e concerto dentro do módulo oferecido dentro do PPGPROM e o restante por mídia eletrônica e redes sociais.

ANEXO D – RELATÓRIO DAS PRÁTICAS SUPERVISIONADAS – PRÁTICA DOCENTE EM ENSINO INDIVIDUAL INSTRUMENTAL/VOCAL 2015.1

- . **Aluna:** Ana Valeria Poles de Oliveira
- . **Matrícula:** 215115566
- . **Área:** Criação e Execução Musical
- . **Ingresso:** 2015.1
- . **Código/Nome da Prática:** MUS D57 Prática Docente em Ensino Individual Instrumental/Vocal
- . **Orientador da Prática:** Prof. Dr. Alexandre Alves Casado

1. DESCRIÇÃO DA PRÁTICA

1.1 Título da Prática: Aula de contrabaixo da Academia da OSESP – com o aluno Rafael Figueredo

1.2 Carga Horária Total: 23 hs

1.3 Período de Realização: 05/02/2015 a 01/06/2015 – **2015.1**

1.4 Locais de Realização: Sala da Academia da OSESP – Sala São Paulo

2. Detalhamento das Atividades (incluindo cronograma)

Dia 05/02/2015 – 1ª Aula de 2015 – das 14:00 às 15:30h

a) Escala de sol maior em 3 oitavas com respectivas arcadas – legato, separado, spiccato, legato e spiccato, sempre visando ao repertório do instrumento e excertos orquestrais.

b) Sevcik – estudos de diversos golpes de arco (do violino, adaptado ao contrabaixo por Ludwig Streicher) – com esse estudo visamos a um fortalecimento e aprimoramento da mão direita.

c) literatura orquestral.

d) Dittersdorf – Concerto para contrabaixo em mi maior – o principal concerto clássico do repertório do instrumento – “porta de entrada” de qualquer concurso de contrabaixo em orquestra.

Dia 09/02/2015 – 2ª Aula – das 15:00 às 16:30h

a) Escala de sol menor em 3 oitavas com respectivas arcadas (não por se tratar da tonalidade relativa da aula anterior, mas tão somente pela semelhança do dedilhado).

b) Sevcik – estudos de diferentes golpes de arco.

c) excertos orquestrais – o aluno estava se preparando para uma possível prova de contrabaixo na Orquestra do Theatro Municipal de São Paulo.

Dia 18/02/2015 – 3ª Aula – das 11:00 às 12:30h

a) arpejos de sol – maior, menor, diminuto e dominante com sétima em 3 oitavas.

b) Sevcik – estudos de diferentes golpes de arco.

c) excertos orquestrais.

d) J. B. Vanhal – Concerto para contrabaixo em mi maior – 1. Mov. Com cadência.

Dia 23/02/2015 – 4ª Aula – das 9:30 às 10:00h – o aluno não estava se sentindo muito bem neste dia – só tocou escala de lá bemol maior 3 oitavas e foi até um médico.

Dia 09/03/2015 – 5ª Aula – das 9:30 às 10:00h e depois das 11:30 às 12:30h

A aula é intercalada devido aos compromissos do aluno com matéria teórica obrigatória dentro das atividades da Academia.

a) Escala de lá bemol menor de 3 oitavas com respectivas arcadas.

b) Sevcik – estudos de diferentes golpes de arco.

c) Dittersdorf – Concerto em mi maior – 1º e 2º Movimentos com cadências.

Dia 11/03/2015 – 6ª Aula – das 9:30 às 11:00h.

- a) arpejos de lá bemol (maior, menor, diminuto e dominante com sétima).
- b) Sevcik – estudos de diferentes golpes de arco.
- c) J. B. Vanhal – Concerto em mi maior – 1º Mov. com cadência.
- d) excertos orquestrais exigidos na prova simulada da Academia da OSESP.

Dia 16/03/2015 – 7ª Aula – das 9:30 às 10h e depois das 11:30 às 12:30h

- a) Lá maior 3 oitavas com respectivas arcadas.
- b) Sevcik – exercícios de diferentes golpes de arco.
- c) Excertos orquestrais – preparação para a audição simulada da academia.
- d) Verdi – Solo do Othelo.
- e) Mozart – Sinfonia 40 – 1º Movimento.
- f) Beethoven – Sinfonia 5 – scherzo e trio – Sinfonia 9 – recitativo.
- g) Britten – Guia Orquestral para Juventude – variação H.
- h) Mahler – Sinfonia 2 – 1º Movimento.
- i) Mussorgsky – Quadros de uma exposição – Samuel Goldenberg.
- j) Villa-Lobos – Bachiana 9.
- l) Vanhal – Concerto em ré maior – 1º Movimento com cadência.

Dia 01/04/2015 – 9:30 às 11h

a) Lá menor 3 oitavas com respectivas arcadas (observação: o aluno ficou uma semana fora como 1º Contrabaixo convidado da Orquestra Sinfônica Juvenil do Estado de São Paulo – OJESP – nos Estados Unidos).

b) Sevcik – estudos de diferentes golpes de arco (ainda tem alguma dificuldade com a articulação, o ponto de contato do arco).

Repertório da simulada:

c) Verdi – Othello (a dificuldade neste solo, além da afinação, é encontrar o “time” certo, sem arrastar, encontrar uma boa pulsação, saber fazer uma boa divisão de arco, principalmente quando for para o ponto culminante).

d) Mozart – Sinfonia 40 – 1º Mov.

e) Beethoven – scherzo da sinfonia 5 – aqui também a dificuldade é encontrar o “time” correto e fazer as diferentes dinâmicas propostas na passagem. Trio – a dificuldade é não acentuar o 3º Tempo.

f) Beethoven – Recitativo da Sinfonia 9 – “time”! E a dificuldade de interpretar corretamente as articulações: ligaduras mais valorizadas, colcheias “na corda” e fluindo, notas separadas também na corda, e sustentar as notas longas.

g) Britten – Guia Orquestral.

h) Mahler – Sinfonia 2.

i) Mussorgsky – Quadros de uma exposição – cuidar para não forçar muito o som – muita pressão do arco na corda, com a intenção de se tirar muito som, sacrificando a qualidade do mesmo.

j) Villa-Lobos – Bachiana 9 – dificuldade de encontrar a pulsação correta. A passagem que é uma sétima diminuta acima tem uma dificuldade devido à posição no contrabaixo ser “incomoda” – posição avançada.

k) Bottesini – Concerto em si menor – 1º Movimento – a dificuldade está em tocar os trechos técnicos como “música” – direcionamento de frases, se se fizer as dinâmicas propostas, a música já acontece, nos trechos em semicolcheias ligadas, há que se ter articulação de mão esquerda, quase percussiva, senão não se entende nada, há que se “limpar” as semicolcheias desligadas também.

06/04/2015 – 9:30 às 11h

a) Arpejos de lá: maior, menor, diminuto e dominante com 7.

b) Sevcik – estudos de diferentes golpes de arco.

c) Streicher – Método nr. 3 – o aluno está com a postura da mão totalmente errada – falta fôrma da mão! O objetivo desse estudo é colocar a mão na fôrma certa, além da afinação.

d) Vanhal – Concerto em ré maior – 1º Movimento com cadência (a dificuldade está em manter a regularidade de um concerto clássico, a simetria dos tempos, sem tomar muitas liberdades. Outra grande dificuldade são os harmônicos – o aluno usa o arco muito próximo ao espelho, quando, para harmônicos, deveria fazer o contrário. Cadência: o perigo aqui é querer tocar rápido demais – visando a um “pseudo” virtuosismo).

13/04/2015 – 9:30 às 10 e depois das 11:30 às 12:30h

a) Escala de si bemol maior 3 oitavas com respectivas arcadas (o aluno é dependente da visão e geralmente tem problemas de afinação na volta da escala – fica o tempo todo olhando para o espelho do instrumento – e quando fazemos a experiência de tocar sem olhar, aí é que ele toca mais afinado – o que nos mostra que o sentido da audição é muito mais “aguçado” do que o da visão).

b) Sevcik – golés de arco.

c) Verdi – Othelo.

d) Mozart – Sinfonia 40.

e) Beethoven – Sinfonias 5 (scherzo e trio) e 9 – Recitativo.

f) Britten – Guia Orquestral.

g) Mahler – Sinfonia 2.

h) Mussorgsky – Quadros de uma exposição.

i) Villa-Lobos – Bachiana 9.

j) Vanhal – Concerto em ré maior – 1º Mov. com cadência (o aluno ainda comete os mesmos erros: inconstância rítmica, solfejo errado, problemas no capotasto, articulação).

20/04/2015 – 8:00 às 9:30h

a) Si bemol menor 3 oitavas com respectivas arcadas.

b) Sevcik – golpes de arco.

c) Simandl – Parte II (o aluno tem deficiências na posição de capotasto – precisamos “formar” a mão nessa posição).

Mini-Simulada:

d) Vanhal – Concerto com cadência.

e) Mozart – Sinfonia 40.

f) Verdi – Othelo.

g) Beethoven – Sinfonia 5 – scherzo e trio.

h) Bottesini – Concerto em si menor com cadência (é preciso conseguir uma melhor articulação de mão esquerda – só conseguirá isso com o método da repetição num andamento mais lento e tornando mais rápido gradativamente. Há que se limpar a cadência também.)

i) Mahler – Sinfonia 2.

27/04/2015 – 9:30 às 10h e 11:30 às 12:30h

a) Arpejos de si: maior, menor, diminuto e dominante com 7.

b) Sevcik – golpes de arco.

c) Verdi – Othelo.

d) Mozart – Sinfonia 40.

e) Beethoven – Sinfonias 5 e 9 (recitativo) – precisa ser melhorado na afinação.

f) Britten – Guia Orquestral.

g) Mahler – Sinfonia 2 (o aluno precisa ser mais atento ao ritmo – diferença entre semicolcheia, colcheia e tercina! O uso correto do arco – dominar a velocidade da mão direita.)

h) Mussorgsky – Quadros de uma exposição.

i) Villa-Lobos – Bachiana 9 (o aluno é “desorganizado” com a mão direita: velocidade do arco!)

j) Vanhal – Concerto em ré maior.

11/05/2015 – 9:30 às 10h e 11:30 às 12:30h

- a) Si maior 2 oitavas com respectivas arcadas.
- b) Sevcik – golpes de arco.

Repertório da Simulada:

- c) Vanhal – Concerto (ainda precisa “sincronizar” a mão direita com a esquerda).
- d) Mozart – Sinfonia 40.
- e) Beethoven – Sinfonias 5 e 9.
- f) Britten – Guia Orquestral.
- g) Mahler – Sinfonia 2.
- h) Mussorgsky – Quadros.
- i) Villa-Lobos – Bachiana 9
- j) Bottesini – Concerto em si menor – 1º Mov. com cadência.

18/05/2015 – 9:30 às 10:00h e segunda parte da aula (11:30 às 12h com o outro aluno academista Thiago Paganelli)

- a) Si menor 2 oitavas com respectivas arcadas.
- b) Sevcik – golpes de arco.

Na 2ª Parte – Telemann – Sonata canônica para 2 contrabaixos (houve *master class* de contrabaixo na academia neste dia – aberto a todos, mas os dois alunos da academia prepararam esta sonata)

25/05/2015 – 9:30 às 11h

- a) Arpejos de si: maior, menor, diminuto e dominante com 7ª.
- b) Sevcik – golpes de arco.
- c) Streicher – Método 3.

d) Simandl – Parte II.

e) Ginastera – Variação IX das Variações Concertantes (o aluno vai para o Festival de Pommersfeld na Alemanha em julho – esta é uma preparação para um teste que haverá lá assim que o aluno chegar).

f) Mahler – Solo da sinfonia 1.

g) Bottesini – Concerto em si menor (falta condicionamento físico ao aluno – está com gripe).

01/06/2015 – 9:30 às 10h e 11:30 às 12:30h

a) Dó maior 2 oitavas com respectivas arcadas.

b) Sevcik – golpes de arco.

c) Streicher – Método 3.

Excertos orquestrais:

d) Verdi – Othelo.

e) Mozart – Sinfonia 40.

f) Beethoven – Recitativo.

g) Strauss – Vida de um herói (o desafio é fazer a dinâmica proposta).

3. Objetivos a serem alcançados com a Prática

a) O estudo completo do aluno dentro das atividades da Academia da OSESP, que são de somente quatro semestres, podendo ser estendidos para até mais dois semestres, desde que o colegiado de professores assim julgar merecido.

b) Preparar o aluno para estar apto ao mercado de trabalho e/ou ingresso do mesmo para um aprimoramento dos estudos numa instituição internacional.

c) Completar o programa da Academia, que no caso do contrabaixo se resume ao programa de audição proposto pela OSESP: Concerto Clássico (dependendo da categoria almejada, normalmente “Tutti”), Concerto de Bottesini ou Koussevitsky, peça de livre escolha e excertos orquestrais – vide programa da OSESP.

d) Estar apto para a prova simulada da Academia, que consiste numa simulação de prova de concurso para ingresso na orquestra (OSESF).

4. Possíveis Produtos Resultantes da Prática

a) Produzir relatório memorial da prática.

b) O aluno em questão já obteve êxito em uma prova orquestral com a maior pontuação dentre os candidatos de cordas na OSPA, devendo assumir a qualquer momento.

5. Orientação

5.1 Carga horária da Orientação: 8 hs

5.2 Formato da Orientação: como o curso foi em módulos, os encontros foram dentro do cronograma dos módulos do programa e também contatos via e-mails e mensagens por WhatsApp.

ANEXO D – RELATÓRIO DAS PRÁTICAS SUPERVISIONADAS – PRÁTICA DOCENTE EM ENSINO INDIVIDUAL INSTRUMENTAL/VOCAL 2015.2

- . **Aluna:** Ana Valeria Poles de Oliveira
- . **Matrícula:** 215115566
- . **Área:** Criação e Execução Musical
- . **Ingresso:** 2015.1
- . **Código/Nome da Prática:** MUS D57 Prática Docente em Ensino Individual Instrumental/Vocal
- . **Orientador da Prática:** Prof. Dr. Alexandre Alves Casado

1. DESCRIÇÃO DA PRÁTICA

1.1 Título da Prática: Aula de contrabaixo da Academia da OSESP – com o aluno Thiago Paganelli

1.2 Carga Horária Total: 24 hrs

1.3 Período de Realização: agosto a dezembro/2015 – **2015.2**

1.4 Locais de Realização: Sala da Academia da OSESP – Sala SP

2. Detalhamento das Atividades (incluindo cronograma)

Dia 10/08/2015 – 9:30 às 11h

a) Escala de mi bemol maior – 2 oitavas com respectivas arcadas e golpes de arco – o “Sistema de arcadas e golpes de arco”

b) SEVCÍK – exercícios de diversos golpes de arco (do violino, adaptado ao contrabaixo por Ludwig Streicher) – com este estudo visamos a um fortalecimento e aprimoramento da mão direita.

c) Franz Simandl – Novo Método Parte II

d) Ludwig Streicher – Método nr. 2

e) Storch-Hrabe – 32 Estudos – nr. 10

Dia 17/08/2015 – 9:30 às 11h

a) Escala de mi bemol menor – 2 oitavas com respectivas arcadas e golpes de arco

b) SEVCÍK – golpes de arco

c) Franz Simandl – Novo Método Parte II

d) Ludwig Streicher – Método nr. 2

e) Storch-Hrabe – 32 Estudos nr. 10

Foi preciso voltar com o mesmo estudo, pois havia correções a serem feitas.

Dia 24/08/2015 – 9:30 às 11h

a) Arpejos de mi bemol (maior, menor, diminuto e dominante com 7^a) – 2 oitavas

O aluno ainda precisa se dar conta que é preciso “preparar” a mão esquerda, principalmente quando se trata de arpejo diminuto.

b) SEVCÍK – golpes de arco

c) Franz Simandl – Novo Método Parte II

d) Storch-Hrabe – 32 Estudos nr. 11

e) Serge Koussevitsky – Concerto op. 3 – dedilhado do 1º Movimento

Dia 27/08/2015 – 9:30 às 11h – reposição do dia 31/08

a) Escala de mi maior – 3 oitavas com respectivas arcadas e golpes de arco

b) SEVCÍK – golpes de arco

c) L. Streicher – Método nr. 2

d) Storch-Hrabe – 32 Estudos nr. 11 – o aluno precisou voltar com o mesmo estudo, devido a correções que precisavam ser feitas.

e) Koussevitsky – Concerto – 1º Movimento – o aluno precisa se conscientizar de que é uma obra do romantismo tardio, portanto, exagerar muito mais em tudo: intenção musical, articulação, fraseado, mas principalmente dinâmicas e expressividade.

Dia 07/09/2015 – 10 às 12:30h – sala dos contrabaixos da OSESP – Sala SP

Aula conjunta com o outro academista, Rafael Figueredo, e a professora Ana Valeria, para preparação da megaprodução “Gurre-Lieder”, de Schoenberg, mencionada no Relatório da Prática Supervisionada – MUS D49 – Prática Orquestral.

Apesar de ter sido um dia de feriado, tivemos uma aula de 2 horas e meia para tratarmos de muitos detalhes da partitura, como leitura, afinação, ritmo, dinâmica.

Começamos a aula com escala de ré maior três oitavas – nós três estávamos com contrabaixos de cinco cordas – realizamos o “Sistema de arcadas e golpes de arco” antes de começarmos a “destrinchar” a partitura. Conseguimos chegar até o final da 2ª Parte da obra.

Dia 09/09/2015 – 7:30 às 9h – sala dos contrabaixos da sala SP

a) Re menor 3 oitavas com respectivas arcadas e golpes de arco

b) Novamente aula conjunta do outro aluno academista, Rafael Figueredo, para a megaprodução “Gurre-Lieder”, de Schoenberg.

Demos sequência do ponto onde havíamos parado – da 3ª Parte em diante até o final.

Foi um ensaio bem proveitoso – a partitura é bem complexa!

Dia 10/09/2015 – 8 às 9h – Sala dos Contrabaixos da sala SP

a) Arpejos de ré (maior, menor, diminuto e dominante com 7^a)

b) Aula conjunta com o outro academista Rafael Figueredo – conseguimos finalizar a obra e recapitular os trechos mais complexos – foram muito importantes esses ensaios para essa obra monumental do Schoenberg!

Dia 14/09/2015 – 11 às 12h

a) Escala de mi maior 3 oitavas com respectivas arcadas e golpes de arco

b) SEVCÍK – golpes de arco

c) F. Simandl – Novo Método – parte II

d) L. Streicher – Método nr. 2

O aluno não tinha muito “material” para ser apresentado, devido à megaprodução do Schoenberg, “Gurre-Lieder” – muitos ensaios e menos tempo para estudos individuais

Dia 21/09/2015 – 17 às 18h

a) Escala de mi menor 3 oitavas com respectivas arcadas e golpes de arco

b) SEVCÍK – golpes de arco

c) Streicher – Método nr. 2

d) Brahms – Sinfonia nr. 1

Dia 28/09/2015 – 15:30 às 16:30h

- a) Arpejos de mi (maior, menor, diminuto e dominante com 7^a) – 3 oitavas
- b) SEVCÍK – golpes de arco
- c) Streicher – Método nr. 2
- d) Storch-Hrabe – 32 Estudos nr. 12
- e) Koussevitsky – Concerto 1^o Movimento

Dia 01/10/2015 – 16 às 17h

- a) Escala de fá maior 3 oitavas com respectivas arcadas e arpejos
- b) SEVCÍK – golpes de arco
- c) F. Simandl – Parte II
- d) W. A. Mozart – Sinfonia 40
- e) L. v. Beethoven – Sinfonia nr. 5

O aluno não tem noção da música nesses trechos orquestrais – não sabe quais instrumentos estamos acompanhando durante os excertos – então é preciso mostrar a ele a importância em ouvir a música que precisa ser tocada, com boas gravações.

Dia 12/10/2015 – 9 às 10:30h

- a) Escala de fá menor 3 oitavas com respectivas arcadas e golpes de arco
- b) SEVCÍK – golpes de arco

- c) F. Simandl – Parte II – estudo de concerto nr. 4
- d) Streicher – Método nr. 2
- e) Koussevitsky – Concerto – 1º Movimento

Dia 19/10/2015 – 9:30 às 11h

- a) Arpejos de fá (maior, menor, diminuto e dominante com 7ª) 3 oitavas
- b) SEVCÍK – golpes de arco
- c) Streicher – Método nr. 2
- d) Tchaikovsky – Sinfonia nr. 6 – Patética

O aluno deveria ter se preparado melhor – deveria ter estudado num baixo de 5 cordas, por exemplo – um “outro” instrumento, com suas particularidades.

Dia 26/10/2015 – 10 às 11h

- a) Escala de sol maior 3 oitavas com respectivas arcadas e arpejos
- b) SEVCÍK – golpes de arco
- c) Storch-Hrabe – 32 Estudos nr. 13
- d) Koussevitsky – Concerto 1º Movimento

Dia 02/11/2015 – 9:30 às 11:30h

- a) Escala de sol menor 3 oitavas com respectivas arcadas e golpes de arco

- b) SEVCÍK – golpes de arco
- c) Beethoven – Sinfonia nr. 5.
- d) Brahms – Sinfonia nr. 2 – 1º e 4º Movimentos
- e) Tchaikovsky – Sinfonia nr. 4, 1º e 4º Movimentos
- f) Koussevitsky – Concerto 1º Movimento

O aluno estava se preparando para o teste na Filarmônica de Minas Gerais, mas ainda está sem “estratégia de concurso” – deveria traçar um plano de estudo mais focado a essa finalidade.

Dia 16/11/2015 – 9:30 às 11h

- a) Arpejos de sol (maior, menor, diminuto e dominante com 7^a) 3 oitavas
- b) SEVCÍK – golpes de arco
- c) Mozart – Sinfonia 40
- d) Brahms – Sinfonia nr. 2 – 1º e 4º Movimentos
- e) Tchaikovsky – Sinfonia nr. 4 – 1º e 4º Movimentos
- f) Koussevitsky – Concerto 2º Movimento

Dia 23/11/2015 – 9 às 10:30h

- a) Escala de lá bemol maior 3 oitavas com respectivas arcadas e golpes de arco
- b) SEVCÍK – golpes de arco

- c) R. Strauss – Don Juan
 - Morte e Transfiguração
 - Vida de um herói
- d) Koussevitsky – Concerto 2º Movimento

Dia 30/11/2015 – 11 às 12h

- a) Escala de lá bemol menor 3 oitavas com respectivas arcadas e arpejos
- b) SEVCÍK – golpes de arco
- c) Beethoven – Sinfonia nr. 5 – Scherzo
 - Sinfonia nr. 9 – recitativo e tema
- d) Mozart – Sinfonia 40
- e) Strauss – Vida de um herói
- f) Tchaikovsky – Sinfonia nr. 4 – 4º Movimento
- g) Koussevitsky – Concerto

Dia 07/12/2015 – 10:30 às 12h

- a) Escala de lá bemol menor 3 oitavas com respectivas arcadas e arpejos
- b) SEVCÍK – golpes de arco
- c) Beethoven – Sinfonia nr. 5
 - Sinfonia nr. 9 – recitativo

- d) Brahms – Sinfonia nr. 2 – 1º e 4º Movimentos
- e) B. Britten – Variação H do “Guia Orquestral para a Juventude”
- f) Mozart – Sinfonia 40 – 1º e 4º movimentos
- g) R. Strauss – Don Juan
 - Morte e Transfiguração
 - Vida de um herói
- h) Tchaikovsky – Sinfonia nr. 4 – 1º e 4º Movimentos
- i) Koussevitsky – Concerto – 1º e 2º Movimentos

Dia 10/12/2015 – 15:30 às 16:30h – palco da sala SP

- a) Aula com piano – ensaio para o recital de encerramento da Academia

Koussevitsky – Concerto – 2º e 1º Movimentos

3. Objetivos a serem alcançados com a Prática

- a) O estudo completo do aluno dentro das atividades da Academia da OSESP, que são somente de quatro semestres.
- b) Preparar o aluno para estar apto ao mercado de trabalho ou ingresso do mesmo para um aprimoramento dos estudos numa instituição de nível superior ao da própria Academia.
- c) Completar o programa da Academia.
- d) Preparar o aluno para que o mesmo esteja apto a estagiar na OSESP, principalmente naqueles programas que sejam de interesse pedagógico.

e) Preparar o aluno para que o mesmo esteja apto a realizar uma prova de audição simulada, que conta com o mesmo programa solicitado em concurso para contrabaixo *tutti* da orquestra.

4. Possíveis Produtos Resultantes da Prática

Produzir relatório para Memorial da Prática Supervisionada.

5. Orientação

5.1 Carga horária da Orientação: 8 hrs

5.2 Formato da orientação: como o curso foi em módulos, os encontros foram dentro do cronograma dos módulos, como também em contatos realizados via e-mails e mensagens em WhatsApp.